

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)

IONE BARBOSA DE OLIVEIRA SILVA

A CATEGORIA DOS VERBOS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2015

IONE BARBOSA DE OLIVEIRA SILVA

A CATEGORIA DOS VERBOS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Aquisição e Patologias da Linguagem

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2015

Silva, Ione Barbosa de Oliveira.

S578c A categoria dos verbos na Língua Brasileira de Sinais / Ione
Barbosa de Oliveira Silva, 2015.
174f. il.

Orientador (a): Dra. Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-graduação em Linguística – PPGLin, Vitória da Conquista - BA, 2015.

Inclui referências. 155 - 163.

1. Libras. 2. Verbos. 3. Geometria de traços. 4. Morfologia Distribuída. I. Lessa-de-Oliveira, Adriana Stella Cardoso. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-graduação em Linguística – PPGLin, Vitória da Conquista – BA. III. T

CDD: 419

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: The category of verbs in Brazilian sign language

Palavras-chave em inglês: Libras. Verbs. Feature Geometry. Distributed Morphology.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Profa. Dra. Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira (Presidente-Orientadora); Profa. Dra. Cristiane Namiuti Temponi (UESB); Profa. Dra. Marina Rosa Ana Augusto (UERJ)

Data da defesa: 27 de fevereiro de 2015

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

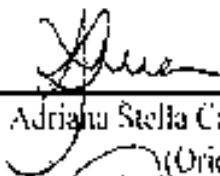
IONE BARBOSA DE OLIVEIRA SILVA

A CATEGORIA DOS VERBOS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 27 de fevereiro de 2015.

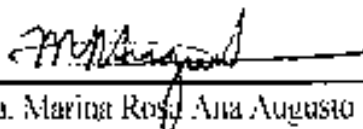
BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dra. Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira (UESB)
(Orientadora)



Prof.ª Dra. Cristiane Namiuti Temponi (UESB)



Prof.ª Dra. Marina Rosa Ana Augusto (UERJ)

Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito.

Não sou o que deveria ser, mas graças a Deus, não sou o que era antes.

(Marthin Luther King)

A Deus, pois por Ele e para Ele são todas as coisas,
À minha família e amigos que estiveram comigo durante esta jornada e
Ao meu querido e amado esposo por toda sua compreensão e carinho.

AGRADECIMENTOS

Em meio a sorrisos e lágrimas, chego ao término de mais uma etapa da minha vida acadêmica, ou seria apenas o começo? Nesses dois anos de estudo e aprendizagem nunca estive só, pois pessoas mais do que especiais estiveram comigo, algumas bem de perto, outras um pouco mais distantes, algumas torceram por mim, outras me sustentaram em oração e por isso quero muito agradecê-las.

Em primeiro lugar a Deus que recolhia todas as minhas lágrimas nos momentos difíceis que passei, nos momentos de não saber o que fazer diante do computador e de textos que pareciam indecifráveis. Mas Ele que é o autor e consumidor da minha fé me fez acreditar que eu chegaria até aqui.

Agradeço de uma forma muito especial à minha orientadora Profa. Dra. Adriana Lessa-de-Oliveira pela sua maneira carinhosa de ensinar e por todas as suas preciosas contribuições no meu trabalho. Profissional admirável pela sua inteligência e competência no que faz. Obrigada por essa disposição nessa empreitada em desvendar os mistérios de uma língua de sinais. Obrigada pela sua participação e contribuição para o engrandecimento das pesquisas em libras.

Agradeço à Profa. Dra. Cristiane Namiuti Temponi e a Profa. Dra. Marina Rosa Ana Augusto por suas contribuições na banca de qualificação e participação na banca de defesa.

A todos os professores do programa por contribuírem para o meu conhecimento do universo da linguística.

Ao Programa de Pós-graduação em Linguística – PPGLin, da UESB pela oportunidade de poder fazer uma pesquisa em língua de sinais.

À Jonathan, secretário do PPGLin, pela sua prontidão e disposição em nos ajudar durante todo o mestrado.

À direção do Centro Estadual de Educação Profissional em Gestão e Tecnologia da Informação Regis Pacheco, em Jequié por disponibilizar o espaço para a coleta de dados.

À minha família que é meu tesouro terreno, por todos os bons momentos juntos de descontração tão importantes para qualquer estudante.

Em especial a minha mãe e ao meu pai, que mesmo sem saber muito bem porque sua filha iria fazer “outra faculdade” tão longe de casa, me apoiaram, cuidaram de mim e de meu esposo enquanto estive longe.

Ao meu amado esposo Mauro pela sua paciência e compreensão durante minhas ausências e pelo seu apoio e amor nas horas que mais precisei.

Á Manuel, Alex e Vivaldo que disponibilizaram o seu tempo para enriquecer meu trabalho com a contação das histórias em libras.

Às colegas de casa e de estudo que se tornaram minhas amigas. Obrigada Lucinéa (Néa) e Vânia, vocês foram presentes de Deus em minha vida. Meninas, nosso encontro não foi um acaso, foi um propósito. Obrigada por dividir comigo uma casa, comida, carro. Só faltou a roupa lavada. Obrigada por compartilharem comigo seus conhecimentos, seus sonhos, suas angústias, suas lutas... O que seria de mim, sem os conselhos e generosidade de Néa e sem a doçura e as atrapalhadas de Vânia. Obrigada pelas horas de estudos, pelas piadas, pelas gargalhas e de todos os bons momentos que passamos e passeamos juntas e também os maus momentos que compartilhamos. Obrigada, porque a caminhada com vocês foi muito mais branda. Meninas, contem comigo sempre!

Á Cássia, uma amiga, mãe que contribui muito com essa conquista.

Ao professor Prof. Gredson pelas contribuições no meu projeto.

Um agradecimento especial para todas as minhas amigas, em especial Cris, Emmanuelle, Francis e Josane pela torcida e por se alegrarem com minhas conquistas.

Ao Ministério El Shaday e aos surdos queridos de Ipiaú, pois foi com eles que minhas mãos falaram pela primeira vez.

RESUMO

Com o objetivo de investigar a categoria verbal em libras, buscamos, neste estudo, discutir a natureza categorial dos sinais identificados como verbos, bem como as propriedades funcionais pertinentes a essa categoria. Fundamentamos esta investigação, dentro do quadro teórico gerativista, nos pressupostos da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1996, 1997, 2001), tomando como fundamento, especialmente, a geometria de traços proposta por Cowper (2003). Propomo-nos também discutir a aquisição da categoria verbal da libras por surdos, a partir dos pressupostos da hipótese inatista de aquisição da linguagem. Para tal consideramos as especificidades da categoria verbal numa língua gestovisual, frente às observações e análises que fizemos dessa categoria e de suas propriedades abstratas. O *corpus* da pesquisa se constitui de amostras de fala natural em libras, coletadas de três informantes surdos adultos, estudantes do ensino superior. Para definição e identificação do signo linguístico em libras, utilizamos o modelo da unidade MLMov (*Mão* (M), *Locação* (L) e *Movimento* (Mov)), proposto por Lessa-de-Oliveira (2012). Para a transcrição dos dados, utilizamos o SEL (Sistema de Escrita para Língua de Sinais), desenvolvido também por Lessa-de-Oliveira (2012). Diversamente ao que propõem alguns autores, defendemos a hipótese de que a libras não possui marcas morfofonológicas de tempo, aspecto e modo nem definidoras de categorias gramaticais. Com base nessa perspectiva, assumimos que os sinais são desprovidos de qualquer material morfofonológico categorizador, apresentando material fonológico correspondente apenas às suas raízes. Assumimos, assim, que sua categorização se dá de forma estrutural, definida dentro do contexto sintático. Quanto às propriedades funcionais de tempo, modo e aspecto, consideramos que, na libras, estas se manifestam por um conjunto de traços universais que estão disponíveis na GU e que são arranjados pela língua através de recursos não-flexionais, cuja âncora é a propriedade da dêixis, representada pelo corpo do falante. Assumimos, dessa forma, a hipótese de que o sistema de marcação temporal que se estrutura na libras parte de uma Âncora Temporal Lógica, em que a marcação de tempo está relacionada ao aspecto verbal. Além disso, observamos que a propriedade de aspecto em libras, além de ser marcada por um alongamento do sinal, também pode ser marcada com a repetição do movimento na articulação do sinal. Nessa perspectiva identificamos em libras os seguintes tempos: *passado marcado* – com traço [Precedência] somente; *passado não-marcado* – com traços [Precedência]+[Inteireza]; *presente marcado* – com traço [Inteireza] somente; *presente não-*

marcado – com ausência de qualquer desses traços; e *futuro*, que é sempre marcado. No tocante à aquisição da linguagem, assumimos, em conformidade com os pressupostos da MD: (a) que o aprendiz adquire as raízes e os morfemas abstratos armazenados na Lista 1 e itens da Lista 2 apenas para as raízes, considerando que a libras não apresenta itens dessa lista para os morfemas categorizadores; (b) que a tarefa de aquisição das categorias gramaticais em libras circunscreve-se ao contexto sintático; e (c) que, na aquisição da categoria tempo/aspecto em libras, a tarefa do aprendiz é, além de adquirir os morfemas abstratos da Lista 1, que associam os traços [Precedência] e [Inteireza] ou a ausência desses à [Dêixis Temporal], adquirir também operadores temporais dos tempos marcados, que correspondem a itens da Lista 2.

PALVRAS-CHAVE

Libras. Verbos. Geometria de Traços. Morfologia Distribuída.

ABSTRACT

With the aim to investigate the verbal category of Libras, in this study, we search discuss the categorical nature of the signs identified as verbs, and the relevant functional properties of such category. We base this investigation in the generative theory framework, specifically in the assumptions of the Distributed Morphology (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1996, 1997, 2001). We take as basis especially the verbal feature geometry, proposed by Cowper (2003). We propose also discuss the acquisition of verbal category of Libras for deaf people, from the assumptions of the innatist hypothesis of language acquisition. To this end we consider the specificities of this category in a sign language, compared to observations and analysis we make of verbal category and its abstract properties. The corpus of this search is composed of natural speech samples in Libras, collected from three adult deaf informants, university students. For definition and identification of the linguistic sign in Libras, we use the model of MLMov unit (Hand (M), Location (L) and Movement (Mov)), also proposed by Lessa-de-Oliveira (2012). Differently what propose some authors, we defend the hypothesis that Libras does not have morphophonological markers of tense, aspect and mode nor markers for to define grammatical categories. Based on this perspective, we assume that the signs are devoid of any categorizer morphophonological material, with phonological material corresponding only to its roots. We assume, therefore, that categorization occurs in a structural way, set within the syntactic context. About the functional properties tense, mode and aspect, we believe that, in Libras, these are manifested by a universal set of features that are available in the GU and are arranged by the language through non-inflectional resources, whose anchor is the property of deixis, represented by the body of speaker. We assume, therefore, the hypothesis that the temporal mark system that is structured in Libras sitteth in a Temporal Logic Anchor, wherein the temporal mark is related to the verbal aspect. In addition, we observed that the aspect property in Libras, besides being marked by a lengthening of the sign can also be marked with the repetition of the movement in the articulation of sign. From this perspective we identify in Libras the following tenses: marked past - with feature [precedence] only; past unmarked - with features [precedence]+[wholeness]; marked present - with feature [wholeness] only; unmarked present - with the absence of any of these features; and future, which is always marked. Regarding the acquisition of language, we assume, in accordance with the presuppositions of DM that: (a) the learner acquires the roots and abstract morphemes stored in List A and items from List B

only to the roots, because Libras does not present items of this list for categorizers morphemes; (b) the task of grammatical categories acquisition in Libras is limited to the syntactic context; and (c) the child's task in the acquisition of the category tense/aspect in Libras is, in addition to acquiring the abstract morpheme of List A, that linked the features [Precedence] and [Wholeness] or the absence of these to the [Temporal Deixis], also acquire temporal operators of marked tenses, corresponding to the items of List B.

KEYWORDS

Libras. Verbs. Feature Geometry. Distributed Morphology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Segmentos da unidade MLMov e escrita SEL.....	22
Figura 2: Proposta de Lessa-de-Oliveira (2012) para a estrutura articulatória hierárquica do sinal	29
Figura 3: Proposta de Marinho (2014) para a estrutura hierárquica do sinal.....	30
Figura 4: Possibilidades de arranjos das unidades paramétricas na composição de um segmento.....	30
Figura 5: Sinal TELEFONE em libras.....	31
Figura 6: Sinal AFINIDADE em libras.....	31
Figura 7: Sinal ASCENDER ISQUEIRO em libras.....	32
Figura 8: Sinal CASA em libras.....	35
Figura 9: Sinal OVO em libras.....	35
Figura 10: Sinal BOLO em libras.....	37
Figura 11 e Figura 12: Exemplos de simultaneidade em libras.....	37
Figura 13: Sinal CARRO ULTRAPASSAR OUTRO CARRO em libras.....	38
Figura 14: Modelo do Sistema Computacional	49
Figura 15: Modelo da Morfologia Distribuída.....	54
Figura 16: Sinal TELEFONE e sinal para TELEFONAR em libras.....	70
Figura 17: Sinal CADEIRA e sinal SENTAR em libras.....	70
Figura 18: Sinal PERGUNTAR.....	73
Figura 19: Sinal PERGUNTAR-ME.....	74
Figura 20: Sinal RESPONDER.....	74
Figura 21: Sinal RESPONDER-ME.....	74
Figura 22: Sinal AVISAR.....	75
Figura 23: Sinal AVISAR-ME.....	75
Figura 24: Sinal CHAMAR	76
Figura 25: Sinal BUSCAR/PEGAR.....	76
Figura 26 e Figura 27: Exemplo de verbo reverso em ASL.....	77
Figura 28: Sinal GOSTAR em libras.....	78
Figura 29: Sinal CONHECER em libras.....	78
Figura 30: Sinal COMER em libras.....	78
Figura 31: Sinal CHEGAR em libras.....	81
Figura 32: Sinal IR em libras.....	81
Figura 33: Classificador para PESSOA em libras.....	88
Figura 34: Classificador para CARRO em libras.....	89
Figura 35: Classificador para ANIMAL em libras	89
Figura 36: Frase apresentada por Veloso (2008)	99
Figura 37: Loc de 1ª pessoa em libras	104

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Flexão de tempo em libras Finau (2008).....	93
Quadro 2 Conjunto de traços de flexão por Cowper (2003)	112
Quadro 3: Marcação de tempo em libras	126
Quadro 4: Traços morfossintáticos Ratman e Mathur (2008).....	128

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA	16
1.1 OBJETO DE ESTUDO E HIPÓTESES	17
1.2 SUJEITOS-INFORMANTES, CORPUS E COLETA DE DADOS	19
1.3 A ESCOLHA DO MÉTODO DE TRANSCRIÇÃO E SISTEMA DE NOTAÇÃO	20
1.4 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO	24
2 A NATUREZA ARTICULATÓRIA E LEXICAL DE UMA LÍNGUA GESTOVISUAL	26
2.1 O SINAL COMO SEGMENTO ARTICULATÓRIO	26
2.2 O SINAL FRENTE AO CONCEITO DE SIGNO LINGÜÍSTICO	33
2.3 O SINAL FRENTE AO CONCEITO DE ITEM LEXICAL	39
3 A CATEGORIA VERBAL NUMA ABORDAGEM GERATIVISTA.....	44
3.1 PRESSUPOSTOS DA GRAMÁTICA GERATIVA.....	44
3.2 MODELO TEÓRICO: MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA.....	50
3.3 A CATEGORIA VERBAL FRENTE AOS PRESSUPOSTOS GERATIVISTAS	58
3.4 ESTRUTURA ARGUMENTAL E TIPOLOGIA VERBAL	59
3.5 AS PROPRIEDADES FUNCIONAIS DA SENTENÇA E SUA RELAÇÃO COM A CATEGORIA VERBAL	65
4 A CATEGORIA VERBAL EM UMA LÍNGUA GESTOVISUAL	68
4.1 PANORAMA DOS ESTUDOS SOBRE OS TIPOS DE VERBOS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS	68
4.1.1 Verbos com concordância	72
4.1.2 A natureza dos controladores dos traços de concordância na libras.....	77
4.1.3 Verbos sem concordância	78
4.1.4 Verbos espaciais	80
4.2 A SATURAÇÃO DO PREDICADOR VERBAL EM LIBRAS	82
4.3 VERBOS QUE INCORPORAM ARGUMENTOS OU VERBOS “MANUAIS”	84
4.4 VERBOS CLASSIFICADORES	85
4.5 O TEMPO E ASPECTO NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS	90
5 ANÁLISE DOS DADOS	94
5.1 A SATURAÇÃO DO PREDICADOR VERBAL	94
5.1.1 Saturação por sinais lexicais	94

5.1.2 Saturação por Localizadores (Locs)	95
5.1.3 Saturação por categorias vazias	96
5.1.4 Autossaturação dos predicadores.....	96
5.2 TIPOLOGIA DOS VERBOS EM LIBRAS COM BASE NA SELEÇÃO ARGUMENTAL	100
5.2.1 Verbos Transitivos.....	100
5.2.2 Verbos Inergativos.....	103
5.2.3 Verbos Inacusativos.....	104
5.3 A CATEGORIZAÇÃO DOS SINAIS EM LIBRAS	105
5.4 CATEGORIZAÇÃO DOS VERBOS POR TRAÇOS FUNCIONAIS.....	111
5.4.1 A geometria de traços na categoria verbal.....	111
5.4.2 Uma possível geometria de traços na categoria verbal em libras	114
5.4.2.1 A categoria aspectual em libras	115
5.4.2.2 A categoria tempo em libras.....	118
5.4.2.3 A categoria modal em libras.....	127
5.4.2.4 Verbos direcionais ou com concordância.....	128
5.4.2.5 Verbos sem concordância ou verbos simples.....	133
6 AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM.....	135
6.1 O CONTEXTO DE AQUISIÇÃO DE UMA LÍNGUA DE SINAIS	135
6.2 A HIPÓTESE INATISTA DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM	138
6.2.1 Maturacionismo e Continuismo	140
6.2.2 Aquisição nas teorias de Regência e Ligação ao Programa Minimalista	141
6.2.3 Aquisição na perspectiva da Morfologia Distribuída.....	143
6.3 REFLEXÃO TEÓRICA A RESPEITO DA AQUISIÇÃO DA CATEGORIA VERBAL EM LIBRAS ..	144
6.3.1 Aquisição das categorias gramaticais	145
6.3.2 Aquisição dos traços funcionais verbais em libras	148
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	152
REFERÊNCIAS	155
ANEXOS	164

1 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

As pesquisas linguísticas a respeito das línguas de sinais foram iniciadas a partir dos estudos do linguista americano William Stokoe em 1960. Stokoe foi quem primeiro observou e analisou as propriedades linguísticas em uma língua de sinais e suas contribuições foram imprescindíveis para o reconhecimento dessas línguas enquanto línguas naturais, dentre elas a língua brasileira de sinais- libras¹.

As pesquisas sobre libras aqui no Brasil, por sua vez, começam em meados dos anos 1980, com Lucinda Ferreira Brito² e mais tarde com Tanya Amara Felipe de Souza³ (1998), Lodenir Becker Karnopp (1994, 1999) e Ronice Müller de Quadros (1997, 1999) conforme Quadros (2012). Prosseguindo, esses estudos receberam as contribuições de outras pesquisadoras, dessa vez surdas, Ana Regina e Souza Campello e Shirley Vilhalva, que trabalharam pela legalização e difusão desta língua, a qual obteve seu *status* linguístico e foi reconhecida como meio legal de comunicação e expressão pela lei 10.436, de 24 de abril 2002, e regulamentada pelo decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Esta oficialização da libras no Brasil garante aos surdos brasileiros a possibilidade de usufruírem do direito de se comunicar em uma língua de modalidade gestovisual.

Atualmente, estudos sobre a estrutura da libras e seu processo de aquisição estão ganhando o espaço dos programas de pós-graduação do país, como os trabalhos realizados no âmbito do projeto temático, ao qual o presente estudo se filia, intitulado “Estudo dos processos de aquisição da oralidade e da escrita por surdos e não surdos”⁴, coordenado pela Profa. Dra. Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira⁵, iniciado em 2011, o qual se integra ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UESB. Esse projeto temático visa realizar estudos sobre a estrutura gramatical da libras, bem como sobre os processo de aquisição da libras e do português por surdos, nas modalidade falada e escrita.

Já se encontram concluídos dois projetos, afiliados a esse projeto temático, com resultados muito interessantes. São eles o estudo de Almeida (2013), que observou que a libras apresenta uma forma peculiar para realizar saturação de predicadores, a “autossaturação”, e o estudo de Prado (2014), que assume que a libras apresenta um recurso

¹Além da libras, existe também no Brasil, a língua de sinais Kaapor Brasileira (LSKB) utilizada pelos índios Urubu-Kaapor, da Amazônia conforme Ferreira (2010 [1995]).

² Citada como: Lucinda Ferreira BRITO, Lucinda FERREIRA BRITO ou Lucinda FERREIRA.

³ Citada como: Tanya Amara Felipe de SOUZA ou Tanya Amara FELIPE.

⁴Projeto do Grupo de Pesquisa das Estruturas Gramaticais e Aquisição da Linguagem- GPGAL, cadastrado na base do CNPq, coordenado pela Profa. Dra. Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira.

⁵ Citada como Adriana Stella Cardoso LESSA-DE-OLIVEIRA

de “apontação”, os localizadores, que ocupa a categoria dos determinantes. E a este trabalho, que agora se conclui coube uma investigação a respeito da categoria verbal em libras, a qual se apresenta, *a priori*, desprovida de uma morfologia que a distinga claramente das demais, como ocorre com línguas como o português cuja raiz verbal está sempre acompanhada de rica morfologia flexional que torna inequívoca sua identificação nas frases.

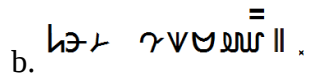
1.1 OBJETO DE ESTUDO E HIPÓTESES

A investigação de categorias gramaticais, como a dos nomes, verbos, adjetivos, advérbios, preposições etc., em estudos que abordam uma língua natural particular tem sido o caminho trivial comumente seguido. Isto porque a observação dessas categorias em línguas orais, de modo geral, nunca se constituiu um problema. Entretanto, tal tranquilidade na identificação e delimitação de categorias gramaticais não ocorre no caso das línguas de sinais, como podemos observar através dos exemplos abaixo.⁶

- (1) a.
EL[e/a]S-DOIS CAS[ado/a/s] VERDAD[e/mente].
‘Eles dois são *casados* de verdade’.
- b.
SÁBADO LocEU [ir] CAS[amento] PRIM[o/a].
‘Sábado eu vou ao *casamento* de meu primo’.
- c.
M[eu/inha] AMIG[o/a] QUER[er] CAS[ar] MÊS M-A-I-O.
‘Minha amiga quer *casar* no mês de maio’.
- (2) a.
EL[e/a] FAZ[er] COMIDA SAL FORTE.

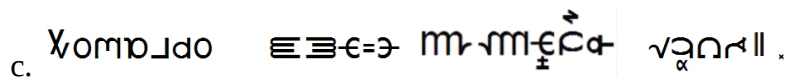
⁶Exemplos retirados do texto de Lessa-de-Oliveira; Silva e Aguiar (2014), com exceção do exemplo 1c que foi coletado no dicionário Lira e Felipe (2008). Em todos os casos utilizamos o sistema de transcrição SEL, desenvolvido por Lessa-de-Oliveira (2012), do qual trataremos adiante, e as regras de glosas adotadas neste trabalho para todos os exemplos.

‘Ela faz uma *comida* muito salgada!’

b. 

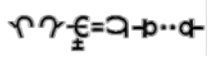
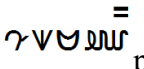
EL[e/a] COM[er]^{muito}

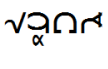
‘Ela *come* muito’.

c. 

R-O-N-A-L-D-O BOLA CHUT[ar] FOR[te/ça]^{muito}.

‘O Ronaldo chuta a bola muito forte’.

Em (1) o sinal que se articula como  pode ser traduzido para o português como “casados” em (1a), “casamento” em (1b) e “casar” em (1c). Em (2), o sinal que se articula como  pode ser traduzido como “comida” em (2a) e “come” em (2b).

Já o sinal  aparece como um modificador de um nome, sinal SAL, em (2a), e como modificador de um verbo, o sinal CHUT[ar], em (2c). É isto que se observa como característica geral dos sinais em libras, ou seja, em termos de articulação os sinais não apresentam nenhuma modificação ao ocupar, na frase, uma posição nominal, verbal, adjetival ou adverbial. Em outras palavras, não se observa nos sinais da libras uma morfologia categorial articulatoriamente realizada.

Não obstante, a não observação de uma morfologia explícita, que caracterize categorialmente os sinais em libras, não significa dizer que os traços abstratos, que comumente se manifestam como morfemas funcionais nas línguas orais, não estejam presentes em línguas de sinais. É com base nessa ideia que recortamos a categoria dos verbos como objeto da presente pesquisa. Nesse sentido nosso trabalho tem como principal objetivo investigar a morfossintaxe da categoria verbal na libras. Nessa perspectiva, investigamos a natureza gramatical verbal, a partir de enunciados de sujeitos surdos, observando os componentes gramaticais que caracterizam essa categoria, diferenciando-a das demais categorias lexicais como: Nome, Adjetivo, Preposição e Advérbio.

Assim, buscamos descrever a categoria verbal da libras, a partir da seleção argumental, traços funcionais e da geometria de traços. Além disso, investigamos como essa

língua marca o tempo, assumindo a hipótese de que em libras os morfemas que marcam tempo e aspecto não constituem um paradigma flexional explícito. Em vez de flexão, as propriedades abstratas relacionadas à categoria verbal nesta língua se realizam por outro processo que toma a dêixis como eixo central e inclui operadores como itens adverbiais e um verbo auxiliar na representação do tempo. Ainda nos propomos a discutir pressupostos da hipótese inatista na aquisição da linguagem e aquisição da categoria verbal da libras por surdos, considerando as especificidades dessa categoria, numa língua gestovisual, relacionadas às observações e análises que fizemos da categoria verbal e de suas propriedades abstratas, que se estabelecem com base na dêixis.

Academicamente, a realização deste projeto justifica-se pela necessidade de mais pesquisas voltadas para atender às demandas linguísticas de estudos da libras. Conhecer a natureza gramatical dos verbos nessa língua permitirá conhecer melhor seu funcionamento e ajudará a novas pesquisas, inclusive na área da aquisição da língua escrita, que se configura como uma preocupação de muitos educadores de surdos. No âmbito da aquisição da linguagem é importante ressaltar que a libras é geralmente a L1(primeira língua) de pessoas surdas, havendo uma forte correlação entre a L1 e a aquisição de uma L2 (segunda língua), como o português no caso dos surdos brasileiros.

É importante ressaltar ainda que conhecer os elementos linguísticos da libras representa também uma conquista para a legitimação de uma escrita para essa língua. O conhecimento da língua na forma falada ajudará na sistematização de uma escrita, o que pode vir a possibilitar a alfabetização do surdo em sua própria língua.

Portanto, este estudo poderá contribuir com o conhecimento sobre a categoria verbal em libras, bem como com a compreensão a respeito do processo de aquisição da linguagem por surdos e poderá potencializar um ensino que permita o desenvolvimento linguístico desses indivíduos.

1.2 SUJEITOS-INFORMANTES, *CORPUS* E COLETA DE DADOS

Este estudo toma como sujeitos-informantes três surdos, estudantes do ensino superior, filhos de pais ouvintes, que não conheciam a libras, portanto a comunicação dos três informantes era baseada em “gestos caseiros”. Os três informantes são falantes fluentes em

libras, mas com aquisição tardia da linguagem. O informante que chamaremos de M29⁷ aprendeu libras por volta dos 11 anos de idade com surdos e ouvintes usuários da libras como L2 na igreja. Após os 12 anos de idade começou a estudar junto com outros surdos em uma classe especial. O informante A35 teve contato com a libras aos 15 anos de idade na mesma época que M29, também com surdos e ouvintes e ingressou na classe de surdos com 16 ou 17 anos, ambos na cidade de Jequié. Já o informante V36 foi quem teve a fase de aquisição mais tardiamente, aos 18 ou 19 anos em uma classe especial para surdos na cidade de Ipiaú em contato com outros surdos que já utilizavam a língua de sinais e com professores ouvintes.

A coleta de dados foi realizada em três sessões no Centro Estadual de Educação Profissional em Gestão e Tecnologia da Informação Regis Pacheco, em Jequié. Na primeira sessão houve uma conversa informal, em que os surdos falaram um pouco de suas vidas, trabalho, estudo etc. Na segunda sessão os informantes contaram uma história infantil escolhida por eles, “Os três porquinhos”. E, na terceira sessão apresentamos pares de nomes e verbos a partir de imagens para que eles sinalizassem, a fim de observarmos se havia distinção entre as categorias gramaticais ou não. Ressaltamos que todas as sessões foram individuais.

Todas as sessões de coleta de dados foram filmadas e, em seguida, os dados coletados foram transcritos em escrita SEL (Sistema de Escrita para Libras)⁸, objetivando-se o acesso, o mais próximo possível, à forma articulada do sinal nos dados transcritos. Também transcrevemos os dados por meio de glosas e fizemos uma interpretação destes para a língua portuguesa, para melhor entendimento dos dados por não falantes da libras. Após a transcrição das falas, analisamos os dados, contrastando-os com os pressupostos da teoria gerativa.

1.3 A ESCOLHA DO MÉTODO DE TRANSCRIÇÃO E SISTEMA DE NOTÇÃO

O problema da transcrição em pesquisas sobre línguas de sinais é uma questão bastante séria. Conforme McCleary e Viotti (2007, p. 74), a partir dos textos pioneiros de Ferreira Brito de 1984, nos quais foi usado um sistema de notação por glosas⁹, a transcrição por glosas passou a ser o padrão, com algumas variações, em dissertações e teses sobre a

⁷ Buscando preservar os informantes, optamos por identificá-los com uma letra e um número correspondente a sua idade.

⁸ Ver exposição regras do sistema no anexo II.

⁹ Ver Ferreira (2010 [1995], p. 207-209)

gramática da libras (FELIPE, 1988, 1998; SANTOS, 2002, p. 277-280; CHAN-VIANNA 2003, p. iv-v; FINAU 2004, p. 227-228).

Segundo Almeida (2013), o pesquisador que utiliza um sistema de notação baseado em glosas nada mais faz, na maioria das vezes, do que uma transcrição a partir de uma interpretação possível na língua que serve como glosa. Isto dificulta, segundo a autora, a continuidade da pesquisa por outro pesquisador.

Analisam McCleary e Viotti (2007, p.75-76) que, quando é usada para representar sentenças eliciadas isoladamente, a transcrição por glosas traz inconvenientes mesmo nos casos mais simples. Conforme esses autores, é precipitado o uso de indicações com valor gramatical para marcações não-manuais, como de tópico, interrogação ou negação, pois tais rótulos pressupõem uma análise sintática/ semântica/ pragmática, e podem ocultar algumas diferenças sutis na produção das marcações não-manuais, que talvez sejam significativas. Esses autores acreditam também ser inconveniente a desvinculação do nome do sinal (sua glosa) da descrição de sua forma, uma vez que vários fatores podem fazer com que os sinais sejam realizados de maneira diferente da forma mais conhecida, como, por exemplo, variação regional e micro-regional, ocorrência de processos fonológicos e sinonímia.

Já Almeida (2013) aponta como o maior problema deste tipo de transcrição/notação o fato de o pesquisador, em vez de analisar dados realmente da língua de sinais em estudo, acaba por analisar dados que refletem mais as características gramaticais da língua utilizada nas glosas que puramente aspectos de uma língua de sinais. Isto decorre do fato de que a estrutura gramatical desses dados jamais pode corresponder à estrutura da língua de sinais pesquisada.

Isto interfere diretamente no objeto de estudo do presente trabalho da seguinte maneira. Conforme demonstramos nos exemplos (1) e (2), se olhamos para o sinal a partir de glosas, como CAS[ado/a/s], CAS[amento], CAS[ar], COM[er] e COM[ida], olhamos para dados que acabam incluindo informações gramaticais como, por exemplo, traços de propriedades categoriais, levando à inclusão desse sinal na categoria gramatical expressa pela glosa. Como temos como objeto de estudo justamente uma categoria gramatical, a verbal, estaremos lidando com dados enviesados se, de antemão, já identificamos o que é e o que não é verbo numa sentença por influência da natureza gramatical do português presente nas glosas.

Assim, para realizarmos uma análise livre do problema acima mencionado, precisávamos utilizar um sistema de notação à moda de uma transcrição fonética ou, pelo

menos, de uma escrita fonêmica. Em estudo sobre a estrutura articulatória dos sinais da libras, Marinho (2014) faz um levantamento dos vários sistemas de notação que têm sido propostos para a transcrição ou escrita de línguas de sinais, dentre os quais a autora destaca quatro sistemas a serem por ela analisados, a saber: o Sistema Ferreira Brito – Langevin de Transcrição de Sinais – SFBL (FERREIRA, 2010 [1995]); o SignWriting – SW (STUMPF, 2005); o Sistema de Escrita para Libras – SEL (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012); o Sign Language IPA - SLIPA (PETERSON, 2003).

A autora (Ibidem, p.112) chega à conclusão de que “à exceção do SEL, os demais sistemas apresentados [...] não fornecem explicações precisas sobre a estrutura interna dos sinais a ponto de esclarecer os níveis de segmentação e a hierarquia existente entre eles”. Ou seja, embora seja um sistema criado para uso de escrita cotidiana, o sistema SEL foi destacado por essa autora como o que melhor representa a forma articulatória do sinal. Assim, com o propósito de obter acesso aos dados sem a interferência da estrutura de outra língua, optamos por utilizar a escrita SEL como sistema de notação dos dados.

Como já foi de certa forma evidenciado, a escrita SEL é um sistema não-logográfico, cujos caracteres (e diacríticos) representam os traços fonológicos distintivos na articulação do sinal. Os caracteres desse sistema são formados a partir do que a autora identifica como três macrossegmentos (mão, locação e movimento), os quais formam unidades denominadas por ela como MLMov. Portanto, os itens lexicais da libras são articulatoriamente constituídos pelas unidades MLMov e o sistema SEL foi elaborado com base nessa unidade. Vejamos um exemplo da autora (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2014):



Figura 1: Unidade MLMov

Fonte da imagem: Blog Escrita SEL (<http://sel-libras.blogspot.com.br/>)

Conforme explica Lessa-de-Oliveira (2012, p.167) o macrossegmento MÃO é formado por três elementos ou parâmetros: *configuração de mão, eixo e orientação da palma*. O sistema SEL apresenta apenas 52 caracteres de configurações de mão, nas formas minúscula e maiúscula, ambas nas versões mecânica e manuscrita. São três os eixos de

posicionamento da mão e estes correspondem à posição da mão no início da realização do sinal – se com os dedos voltados para cima, para frente ou para a posição medial ou lateral. O macrossegmento LOCAÇÃO representa um ponto do corpo envolvido na articulação do sinal. O sistema SEL o representa com 27 caracteres, na forma minúscula, nas versões mecânica e manuscrita. O macrossegmento MOVIMENTO se divide em dois tipos: *de dedo* ( - fecha os dedos indicador, médio, anular e mínimo gradativamente) e *de mão*, que se compõe com três elementos: *tipo*, *orientação* e *plano* ( - tipo retilíneo, plano frontal, orientação para baixo).¹⁰

Quanto à notação por glosas, não assumimos todas as regras já utilizadas em trabalhos anteriores porque algumas dessas regras não parecem convenientes, como por exemplo, o uso de @ para indicar masculino ou feminino. Não nos parece conveniente que um sistema de notação apresente um marcador apenas para esse tipo de flexão e não faça o mesmo com o traço de plural nem com os diversos morfemas de flexão verbal ou derivacionais. Assim, utilizamos em nossas glosas as seguintes regras:

- I. Os sinais são sempre grafados em caixa alta.
- II. A datilologia¹¹ é grafada com hifens separando os caracteres, como por exemplo, C-O-N-Q-U-I-S-T-A.
- III. Os morfemas flexionais ou derivacionais são escritos com letras minúsculas e colocados entre colchetes sempre que houver algum tipo de oposição possível, por exemplo, TRABALH[o]/TRABALH[ar]¹²; CAS[ar]/CAS[amento]¹³.
- IV. Se houver dupla possibilidade de inclusão de um morfema, colocamos os dois entre colchetes separados por uma barra, por exemplo, EL[e/a].
- V. A intensificação de um sinal por mudança de ritmo do movimento ou por expressão facial e a negação por sinal que já inclui essa propriedade são representadas pela escrita das palavras “muito” e “não”, em letras minúsculas sobrescrito, do lado direito do sinal. Ex.: FOR[te/ça]^{muito}; QUER[er]^{não}.

¹⁰ As regras e listas completas de caracteres dos sistema de escrita SEL se encontram em anexo.

¹¹ A datilologia é um tipo um soletração de uma palavra, originalmente pertencente a uma língua oral, que utiliza o alfabeto digital ou manual de línguas de sinais. A datilologia é comumente usada para representar substantivos próprios, palavras que não possuem sinal conhecido ou palavras da língua oral que foram incorporadas à língua de sinais e, por isso, são também soletradas.

¹² Para não haver dificuldade com a grafia dos verbos irregulares, mantendo sempre a raiz, optamos por utilizar somente a forma infinitiva, quando se tem que representar verbos nas glosas.

¹³ Em alguns casos, o que fica entre os colchetes é mais definido pela ortografia na glosa do que pela estrutura morfológica, por exemplo, FOR[te/ça].

- VI. Apontações por Localizadores¹⁴ são grafadas, utilizando-se a abreviação Loc com o referente indicado pelo Localizador grafado logo em seguida com letra maiúscula. Ex.: LocEU , LocAQUI, LocMARIA.
- VII. Apontações por verbos direcionais¹⁵ são grafadas, utilizando-se a abreviação Loc com sua indicação do referente subscritos. Ex.: LocVOCÊAVIS[ar]LocEU.
- VIII. O fenômeno da incorporação de argumentos (ou autossaturação) é indicado pela subscrição do argumento escrito em maiúsculas. Ex.: BAT[er]À PORTA
- IX. Categorias vazias são indicadas pelo símbolo Ø.

1.4 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Essa dissertação encontra-se dividida da seguinte forma: no capítulo 2 fazemos um breve levantamento sobre alguns autores que abordam a constituição do sinal, começando por Stokoe (1960) e chegando a autores mais recentes como Lessa-de-Oliveira (2012) e Marinho (2014). Como também, fazemos uma análise do sinal em libras frente ao conceito de item lexical e ao conceito de signo linguístico, proposto por Saussure.

No capítulo 3 apresentamos o quadro teórico, o qual se insere na perspectiva da Gramática Gerativa, postulada por Noam Chomsky, avançamos um pouco para um dos ramos desse modelo: a Morfologia Distribuída (MD) (HALLE; MARANTZ, 1993; HARLEY; NOYER, 1999; MARANTZ, 2001). Fazemos também uma breve descrição e análise dos verbos em português brasileiro, dentro de nosso quadro teórico, com o objetivo de, através de comparação, identificar na libras a tipologia verbal descrita em línguas naturais.

No capítulo 4 descrevemos, a partir da literatura especializada, os verbos em libras, abordando: os tipos de verbos, a marcação temporal, a saturação do predador verbal e também o fenômeno chamado de classificadores na língua brasileira de sinais.

O capítulo 5 é o que se destina a apresentar a análise dos dados encontrados nessa pesquisa frente aos pressupostos gerativistas, especificamente os da MD, com o intuito de descrever o funcionamento da categoria verbal na libras. Sendo assim, trazemos uma

¹⁴Localizador (Loc) é a forma como Prado e Lessa-de-Oliveira (2012) e Prado (2014) tratam certos sinais de apontação analisados por esta última autora como itens pertencentes à categoria dos Determinantes, os quais acompanham um nome, como demonstrativo ou mesmo um artigo, ou correspondem a um pronome. Este elemento foi denominado por Prado e Lessa-de-Oliveira (2012) como “Localizador” (Loc) por serem elementos que determinam referentes de nomes através da localização física desses referentes por meio de indicação de pessoas, objetos ou lugares reais ou pontos no espaço físico que representa imaginariamente pessoas, objetos ou lugares. Trataremos dessa análise ao longo do texto.

¹⁵Verbo *direcional* é um tipo de verbo que se articula com movimento de apontação à semelhança dos Locs. Falaremos desses verbos ao longo do texto.

abordagem sobre os tipos de verbos e apresentamos uma proposta de análise utilizando a geometria de traços, além disso, consideramos a dêixis como o traço âncora da categoria verbal na libras.

No capítulo 6 fazemos uma breve discussão acerca da aquisição da linguagem na perspectiva da hipótese inatista, seguida de reflexões teóricas sobre a aquisição da categoria verbal por falantes surdos, levando em consideração o arcabouço gerativo e a geometria de traços, já que partimos do pressuposto de que o arranjo de traços de uma língua está disponível na GU (Gramática Universal).

2 A NATUREZA ARTICULATÓRIA E LEXICAL DE UMA LÍNGUA GESTOVISUAL¹⁶

A partir dos estudos de Stokoe (1960) sobre a *American Sign Language* (ASL- Língua de Sinais Americana), concluiu-se que as línguas de sinais atendiam aos critérios linguísticos para serem consideradas línguas genuínas, tanto na morfologia, na sintaxe quanto na capacidade de, a partir de um número finito de elementos, gerar um número infinito de sentenças, assim como todas as línguas orais, conforme a concepção gerativista.

Entretanto, se por um lado a observação de muitos aspectos demonstra que as línguas de sinais são sistemas que comportam as propriedades da faculdade da linguagem, garantindo o seu *status* de línguas naturais; por outro, há muitos aspectos dessas línguas ainda completamente misteriosos. Um desses aspectos é a definição de “sinal”. Segundo Lessa-de-Oliveira (2012, p.177), embora possamos comparar os sinais às palavras de línguas oroaditivas, as análises de dados, por ela apresentadas, demonstram que os sinais não têm exatamente as características das palavras oroaditivas, pois o sinal pode corresponder a um item lexical, mas também pode corresponder a uma sentença inteira.

Neste capítulo levantaremos alguns estudos acerca do sinal. Trataremos da estrutura articulatória do sinal, abordando desde os estudos de Stokoe (1960) às propostas de Lessa-de-Oliveira (2012) e Marinho (2014). Adotaremos, neste trabalho, a proposta da unidade MLMov, de Lessa-de-Oliveira (2012) para a análise dos sinais, não deixando, todavia, de considerar o que da análise de Marinho (2014) complementa essa proposta. Também discutiremos o sinal enquanto signo linguístico e como item lexical.

2.1 O SINAL COMO SEGMENTO ARTICULATÓRIO

Stokoe (1960) foi o primeiro pesquisador a decompor os signos (sinais) de uma língua de sinais, a ASL. De acordo com sua análise o sinal se decompõe em três partes independentes conhecidas hoje como parâmetros¹⁷: *Tabula* (TAB), *Designator* (DEZ), e

¹⁶ O termo “gestovisual” corresponde ao que aparece na literatura como “visoespacial”, mas optamos por esse termo pelo fato de gestovisual fazer uma oposição mais simétrica ao termo oroaditiva, utilizado para se referir às línguas orais, pois esses termos se referem à forma como cada uma dessas línguas são articuladas.

¹⁷ O termo “parâmetro” neste caso não se refere ao termo parâmetro empregado dentro dos estudos da Gramática Gerativa.

Signation (SIG)¹⁸, respectivamente Localização (ou Locação), Configuração de Mãos e Movimento. A *Localização* (L) ou *Ponto de Articulação* (PA) é o local onde acontece o sinal que pode ser em alguma parte específica do corpo ou fora dele, no espaço logo a frente do sinalizador, chamado de espaço neutro. Conforme Ferreira (2010 [1995]), existem quatro áreas maiores utilizadas como Ponto de Articulação são elas: cabeça, tronco, braço e mão. Essas áreas compõem-se de pontos mais específicos como testa, boca, peito, dedos etc.

A *Configuração de Mãos* (CM) refere-se à forma que a mão toma na realização do sinal. Segundo Quadros e Karnopp (2004), citando Ferreira (2010 [1995]), a libras apresenta um inventário de 46 *Configurações de Mãos*, o que seria bastante similar ao sistema da ASL (Língua de Sinais Americana). Já o *Movimento* (M) é a movimentação da mão feita em determinados sinais. Esse parâmetro é considerado complexo, pois segundo Klima e Bellugi (1979 *apud* QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 54), pode envolver uma vasta rede de formas e direções, desde o movimento interno da mão, do pulso e movimentos direcionais no espaço.

Para Stokoe (1960), esses parâmetros fazem parte da fonologia das línguas de sinais, porém de forma diferente das línguas orais. Por fonologia nos remeter ao som e as línguas de sinais não terem sons, Stokoe propôs o termo ‘quirema’ para as unidades formacionais dos sinais e ‘quirolgia’ para o estudo das combinações dos sinais, porém outros estudiosos e o próprio Stokoe em fase posterior optaram por utilizar os termos fonema e fonologia, argumentando que as línguas de sinais são naturais e compartilham dos mesmos princípios das línguas orais.

Além desses três parâmetros citados por Stokoe, Klima e Bellugi (1979 *apud* FERREIRA 2010 [1995], p. 40-41) consideraram também algumas dimensões importantes na organização fonológica na formação dos sinais: a Região de Contato, a Orientação das Mãos e a Disposição das Mãos.¹⁹

Em estudos posteriores, Battison (1974 *apud* QUADROS, 2006) integra à língua o parâmetro *Orientação da mão* (Or) que corresponde à direção da palma da mão na realização do sinal. Ferreira (2010 [1995]) enumera seis tipos de orientação da palma da mão: para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para esquerda ou para direita.

¹⁸ DEZ, designator, that configuration of hand or hands which makes a significant motion in a significant position. SIG, signation; the motion component or aspect of sign language activity; specific motion of a significant configuration (dez) in a significant position (tab). TAB, tabula; the position marking aspect of sign language activity; specifically position in which a significant configuration (dez) makes a significant movement (sig). (Stokoe, 1960: 69-70)

¹⁹ Ver Ferreira (2010 [1995], p. 40-41).

Neidle, Kegl, MacLaughlin, Bahan e Lee (2000 *apud* QUADROS, 2006) apresentam marcações manuais e não manuais como expressões de traços sintáticos abstratos. Assim, as *Expressões não manuais* (ENM), as quais correspondem às expressões faciais e corporais, que ocorrem conjuntamente na realização dos sinais, se juntam aos outros parâmetros para compor a fonologia das línguas de sinais.

De acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 60), as *Expressões Não-Manuais* prestam-se à marcação de construções sintáticas quando marcam sentenças interrogativas, orações relativas, topicalizações, concordância e foco, e diferenciação de itens lexicais que marcam referência específica, pronominal, partícula negativa, advérbio, grau ou aspecto.

Com base nos estudos da ASL, Ferreira (2010 [1995]) propôs como parâmetros formacionais dos sinais em libras: a *Configuração de Mãos*, *Ponto de Articulação* e *Movimento* como parâmetros **primários** e *Orientação da Mão*, *Disposição das Mãos* e *Região de Contato* como parâmetros **secundários**, assumindo as dimensões propostas por Klima e Bellugi (1979 *apud* Ferreira, 2010 [1995]). Já Quadros e Karnopp (2004) não fazem distinção entre parâmetros primários e secundários e fazem a divisão da seguinte forma: a *Configuração de Mãos*, *Locação*, *Movimento*, *Orientação da Mão* e *Expressões Não-Manuais*.

Encontramos também uma análise da composição articulatória do sinal feita por Lessa-de-Oliveira (2012), que diferentemente do que a literatura vem afirmando, chega à conclusão de que esses parâmetros são apenas traços que formam segmentos superiores de três tipos distintos. Ou seja, diferentemente das análises já feitas, as quais colocam os segmentos articulatórios num mesmo nível, Lessa-de-Oliveira (2012) propõe que os sinais da libras têm uma estrutura articulatória hierárquica em que os parâmetros são traços que compõem um primeiro nível estrutural. Num segundo nível encontram-se os macrossegmentos, que reúnem esses traços; num terceiro nível ocorrem as unidades MLMov, composta dos macrossegmentos; e, num quarto nível, reúnem-se as unidades MLMov em segmentos superiores. Conforme a autora, os sinais ocorrem, de modo geral, constituídos de apenas uma unidade MLMov, mas também encontramos sinais articulados com mais de uma dessas unidades. Abaixo se encontra um resumo dessa proposta para a estrutura articulatória hierárquica do sinal:

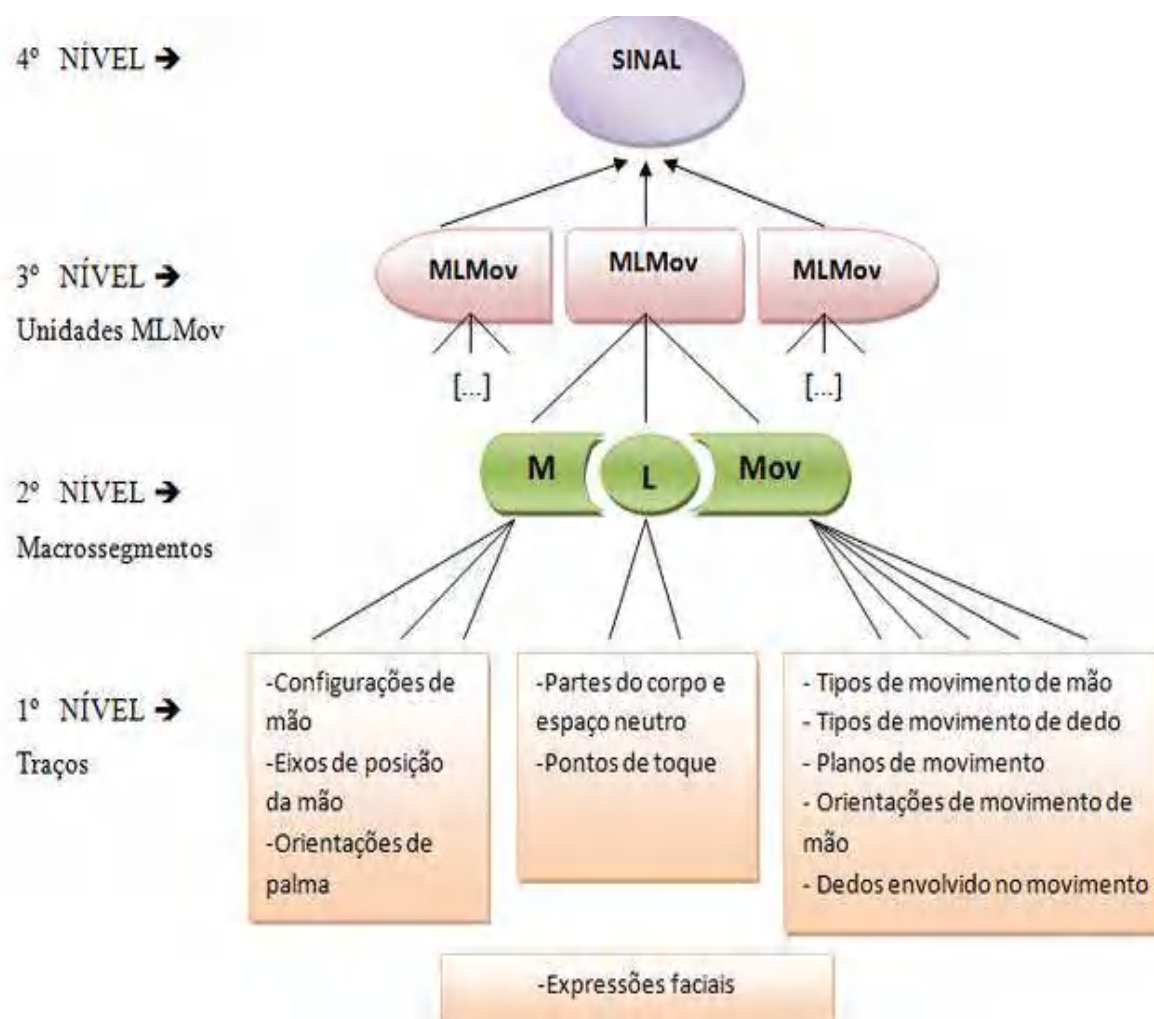


Figura 2: Proposta de Lessa-de-Oliveira (2012) resumida por Lessa-de-Oliveira (2015)

Fonte da imagem: Blog Escrita SEL (<http://sel-libras.blogspot.com.br/>)

Um modelo hierárquico para a estrutura interna dos sinais foi também proposto por Marinho (2014). A autora propõe uma estrutura articulatória para o sinal que se organiza em níveis diferentes de segmentações. Conforme a autora:

Na base dessa estrutura, encontra-se o segmento (s) como o menor constituinte, que combina elementos matriciais interdependentes e simultâneos em torno de um golpe (gesto articulatório) ou de uma suspensão (ausência de gesto articulatório). Os elementos matriciais correspondem parcialmente aos parâmetros identificados por Stokoe (1960) e Brito (1995), sendo eles, para nós, o **articulador**, a **localização**, o **movimento** e a **expressão facial**. Cada um desses elementos, a que também chamaremos de parâmetro ou unidade paramétrica, é formado por um feixe de traços (ou formantes), que o caracteriza de acordo com as propriedades articulatórias e dinâmicas. [...] Os dados mostraram que a fase (f), um nível acima, é constituída de um segmento ou uma sequência deles (s), desde que não haja interrupção do movimento. Por fim, a fase, combinada ou não a outras, constitui um sinal (S). (Grifo nosso) (MARINHO, 2014, p. 164-166)

No quadro abaixo, Marinho (2014) resume sua proposta.

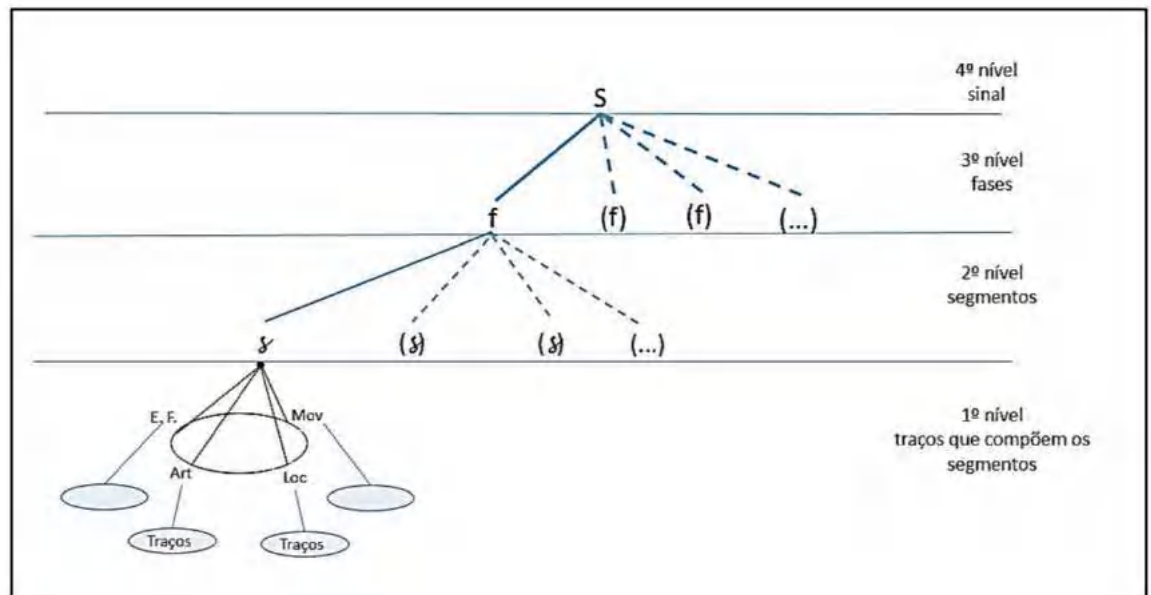


Figura 3: Proposta de Marinho (2014) para a estrutura hierárquica do sinal

Fonte da imagem: Marinho (2014, p.166)

Segundo essa autora, o mais simples dos arranjos dessas unidades paramétricas capaz de gerar um sinal é formado por um articulador manual (AM) – a parte do corpo acionada para a realização do sinal – e a sua respectiva localização no espaço (Loc). E somando-se a essa subestrutura nuclear outros articuladores, além do movimento e da expressão facial, numa combinação gradiente até a saturação, atinge-se uma estrutura complexa. No quadro abaixo a autora demonstra como podem ser a menor e a maior estrutura de um segmento.

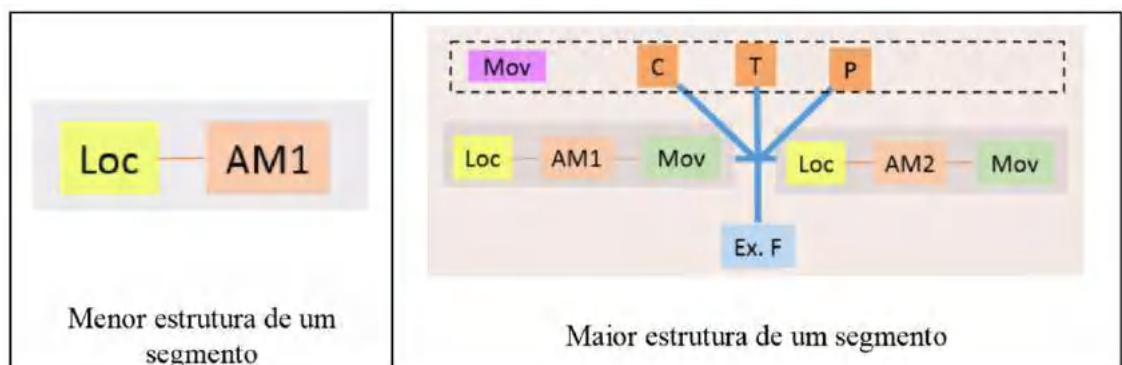


Figura 4: Possibilidades de arranjos das unidades paramétricas na composição de um segmento

Fonte da imagem: Marinho (2014, p.165)

A autora apresenta o sinal TELEFONE como exemplo de menor estrutura capaz de representar um sinal. Neste não aparece movimento, mas apenas o AM (representado em SEL como $\text{vm}/\text{>}$) e o Loc (representado em SEL como >). Esse sinal em escrita SEL tem, portanto, a grafia $\text{vm}/\text{>}\text{>}$.

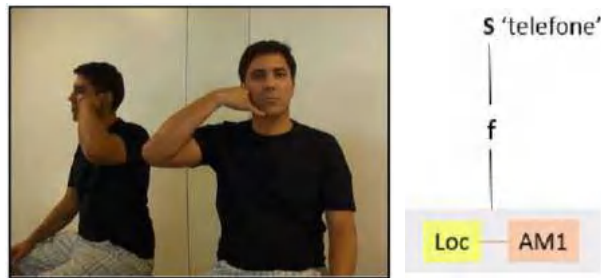


Figura 5: O sinal TELEFONE

Fonte da imagem: Marinho (2014, p.167)

O sinal AFINIDADE é apresentado por Marinho (2014) como exemplo de estrutura com vários segmentos, ou seja, vários golpes ou gestos articulatórios. Este sinal é composto por uma fase, com uma base que se repete três vezes, totalizando 4 segmentos.

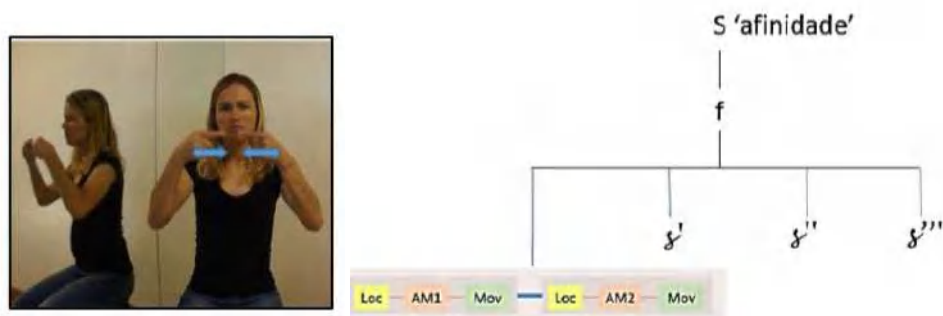


Figura 6: O sinal AFINIDADE

Fonte da imagem: Marinho (2014, p.168)

Em SEL podemos fazer uma grafia que represente a base ($\text{rlh}\leftarrow\text{>}\text{p}\cdots\text{q}$) mais a repetição do movimento por três vezes ($\text{p}\cdots\text{q}\text{p}\cdots\text{q}\text{p}\cdots\text{q}$), resultando na grafia $\text{rlh}\leftarrow\text{>}\text{p}\cdots\text{q}\text{p}\cdots\text{q}\text{p}\cdots\text{q}\text{p}\cdots\text{q}$, ou utilizar uma grafia mais econômica em que a repetição do movimento é representada genericamente, através de uma indicação apenas, sem a

preocupação de indicação exata do número de vezes em que esta repetição se dá de fato. Como o objetivo desse sistema é realizar uma escrita para uso cotidiano a opção mais adequada prioriza a economia. Assim, esse sinal é escrito em SEL como $\text{nh} \leftarrow \rightarrow \text{B} \cdot \text{B}$. Como identificação da quantidade de segmentos articulatórios do sinal não interessa aos objetivos deste estudo, optamos pela grafia com base nas regras padrão do sistema, no caso deste aspecto.

O sinal ACENDER ISQUEIRO é apresentado como exemplo de estrutura com mais de uma fase. Em cada uma das três fases deste sinal encontramos um segmento, que em SEL é representado como uma unidade MLMov: f1 $\text{p} \rightarrow \text{a}$, f2 $\text{miv} \text{w}$ e f3 $\text{p} \rightarrow \text{a}$, podendo ser a grafia desse sinal, uma sequência linear dessas unidades na ordem em que são realizadas: $\text{p} \rightarrow \text{a} \text{ miv} \text{w} \text{ p} \rightarrow \text{a}$.



Figura 7: O sinal ACENDER ISQUEIRO

Fonte da imagem: Marinho (2014, p.177)

Esses modelos nos fornecem recursos para identificação e delimitação articulatória do sinal. Assumimos, dessa forma, a unidade MLMov como unidade básica do sinal, considerando que este pode se constituir por uma ou mais dessas unidades, o que é tratado por Marinho (2014) como diferentes fases, ou diversos segmentos, ou golpes, no caso da repetição do movimento. Lembrando que uma mesma fase pode comportar mais de um segmento se não houver interrupção entre eles.

Já conseguimos, com base nas propostas apresentadas nesta seção, delimitar articulatoriamente o sinal. Precisamos, todavia, prosseguir com a busca de aspectos de sua

caracterização como componente de línguas naturais. Assim, achamos pertinente analisar a natureza desse elemento como signo linguístico.

2.2 O SINAL FRENTE AO CONCEITO DE SIGNO LINGUÍSTICO

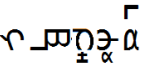
De acordo com Saussure (2012 [1916]), o signo linguístico é a combinação do significado com o significante. O significante corresponde à imagem acústica, ou seja, à cadeia de sons e consiste no plano da forma, e o significado é o conceito e reside no plano do conteúdo; que é, portanto, uma representação mental do falante.

Tomando como base essa definição proposta por Saussure sobre o signo, o que dizer das línguas de sinais, ou melhor: como explicar essa imagem acústica em uma língua de modalidade gestovisual? A libras, então não seria composta por signos linguísticos? Como sabemos que isso é impossível, essa cadeia de sons deve ser substituída por outra coisa, o que de fato acontece.

Quando Saussure propôs esse estudo, o mestre de Genebra não tinha em mente as línguas de sinais e nem podia, já que tais línguas não eram consideradas línguas e tampouco alvos de estudos. Porém, hoje podemos afirmar com base nos próprios estudos de Saussure que na libras, bem como nas línguas de sinais de modo geral, essa cadeia de sons chamada de significante é representada por uma imagem visual.

Nas línguas de sinais ou, melhor dizendo, gestovisuais a imagem acústica é substituída por uma imagem visual. Se por sua natureza auditiva o significante acústico se articula de forma linear, o significante das línguas gestovisuais assume a natureza tridimensional do espaço visual em que se articula (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012, p. 153).

Essa imagem visual descrita pela autora supracitada tem a mesma função da imagem acústica. Da mesma forma que o falante ouvinte faz uma correspondência entre som e sentido ao ouvir palavras transmitidas acusticamente, o surdo ou usuário da libras também faz essa correspondência quando vê o sinal, pois, segundo o próprio Saussure (2012 [1916]), os termos implicados no signo linguístico são psíquicos e estão unidos, em nosso cérebro, por um vínculo de associação. Como, por exemplo, ao ouvirmos a palavra “tartaruga” acusticamente realizada, fazemos uma associação com o animal tartaruga, também os surdos ao verem o

sinal , realizado de forma gestual, fazem também a associação ao animal.

Saussure explica (2012 [1916]) que “O caráter psíquico de nossas imagens acústicas aparece claramente quando observamos nossa própria linguagem. Sem movermos os lábios ou a língua, podemos falar conosco ou recitar mentalmente um poema” (p.106). O mesmo ocorre com os falantes de línguas de sinais. Isto nos mostra que a língua não está no som que o aparelho fonador emite, mas em algo contido na mente, conforme defendem Saussure e também os gerativistas. Pensando nisso, podemos parafrasear o mestre genebrino dizendo: o signo linguístico em línguas de sinais une não uma coisa e um sinal, mas um conceito e uma imagem visual.

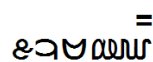
Conforme Whitney citado por Saussure, o ser humano poderia ter escolhido usar imagens visuais em vez de imagens acústicas:

Assim, para Whitney, que considera a língua uma instituição social da mesma espécie que todas as outras, é por acaso e por simples razão de comodidade que nos servimos do aparelho vocal como instrumento da língua; os homens poderiam também ter escolhido o gesto e empregar **imagens visuais** em lugar de imagens acústicas (SAUSSURE, 2012 [1916], p.41, grifo nosso).

Saussure (2012 [1916]) procura caracterizar o signo linguístico pelos princípios da arbitrariedade e da linearidade do significante e também por estes pertencerem a um inventário ilimitado. O autor explica que uma das principais características das línguas é seu caráter arbitrário, pois não há nenhuma relação intrínseca entre o significado e o significante, ou seja, do som com seu significado.

O laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: *o signo linguístico é arbitrário*. Assim a ideia de “mar” não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons m-a-r que lhe serve de significante (SAUSSURE, 2012 [1916], p.108).

Nas línguas de sinais também encontramos essa arbitrariedade, mesmo que reconheçamos algo de iconicidade em certos sinais. Por exemplo, não há nada no sinal



(sábado)²⁰ que nos remeta ao conceito do dia da semana. Ou seja, o laço que une

²⁰ Há quem conte que a escolha desse sinal, que é o mesmo utilizado para “laranja”, também para o sétimo dia da semana foi motivada pelo fato de, em certo convento no Rio de Janeiro, no qual se utilizava a língua de sinais, havia o hábito de chupar laranja aos sábados. Podemos verificar que, mesmo uma motivação assim é arbitrária, porque é arbitrário o fato de se ter escolhido esse motivo e não outro para designar esse sinal como o representante do sétimo dia da semana em libras.

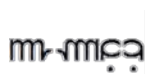
a imagem visual e o conceito é arbitrário. Isto é demonstrado também no fato de que, em outras línguas de sinais, para designar esse dia da semana, utiliza-se outro sinal.

As palavras e os sinais apresentam uma conexão arbitrária entre forma e significado, visto que, dada a forma, é impossível prever o significado, e dado o significado, é impossível prever a forma. Os símbolos usados são arbitrários; não há, por exemplo, uma conexão intrínseca entre a palavra 'cão' e o animal que ele representa (QUADROS; KARNOPP, 2004, p.26).

Outrossim, existem palavras que são parcialmente arbitrárias, ou seja, sinais que mantêm certa relação com o seu referente, isto é, algo do significante remete ao seu significado. Essas palavras ou sinais na libras, que são chamadas de sinais icônicos, são sinais que fazem alusão ao seu significado. Como exemplo, temos o sinal CASA que não na escrita, mas na fala sinalizada traz uma relação com seu referente, pois o modo como as mãos estão posicionadas representa a forma do telhado de uma casa. Ou ainda o sinal OVO que também nos remete à imagem de um ovo só em olhar para sinal, pois o sinal faz uma alusão a um ovo sendo partido ao meio, deixando seu conteúdo cair, como ocorre quando vamos fritar um ovo.

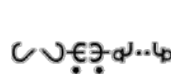
Vejamos esses sinais como são realizados na forma falada da libras retirados do dicionário Capovilla (2001, p.135):

(3) a.



CASA

b.



OVO

Figura 8: Sinal de casa

Figura 9: Sinal de ovo

Fonte das imagens: Dicionário de Capovilla e Raphael (2001, p.135)

Mesmo com alguns sinais icônicos ou motivados, como menciona Saussure, a libras é em sua maioria composta por sinais arbitrários, pois seria impossível que cada sinal articulado fizesse alusão ao seu significado. E ao contrário do que se pode pensar, os sinais icônicos não são iguais em todas as línguas de sinais, pois, conforme Strobel e Fernandes (1998), cada sociedade capta facetas diferentes do mesmo referente de seus próprios sinais

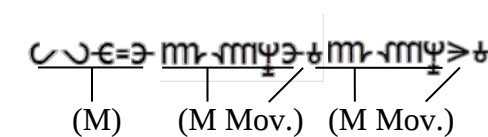
convencionalmente. Ou seja, por mais que reconheçamos alguma motivação nos signos, em qualquer língua natural, essa motivação é relativa porque a própria escolha de um aspecto e não de outro para representar simbolicamente o significado é uma escolha arbitrária. Neste sentido comenta Saussure que:

O princípio fundamental da arbitrariedade do signo não impede distinguir, em cada língua, o que é radicalmente arbitrário, vale dizer, imotivado, daquilo que só o é relativamente. Apenas uma parte dos signos é absolutamente arbitrária; em outras, intervém um fenômeno que permite reconhecer graus no arbitrário sem suprimi-lo: *o signo pode ser relativamente motivado* (SAUSSURE, 2012 [1916] p. 180).

Quanto à linearidade do significante, sabemos que esta é uma das características das línguas, conforme Saussure (Ibidem, p.110), ou seja, um fonema, uma sílaba, uma palavra e cada frase são sempre pronunciados de forma encadeada, um após o outro de mesma natureza. Isso ocorre tanto na modalidade falada quanto na escrita, pois não podemos escrever duas palavras no mesmo espaço, e tampouco falar duas coisas ao mesmo tempo. Conforme Saussure (ibidem, p.110), o significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) *representa uma extensão*, e b) *essa extensão é mensurável numa só dimensão*: é uma linha.

Mas como encontrar este princípio em uma língua tridimensional como a libras? Lessa-de-Oliveira (2012) chama atenção para o fato de que a tridimensionalidade e também a linearidade estão presentes tanto em línguas orais como em línguas de sinais. Explica a autora que vamos perceber que, as línguas oroauditivas também apresentam uma configuração tridimensional, no âmbito da realização articulatória e acústica, uma vez que os órgãos dos aparelhos fonador e auditivo e a própria propagação do som se colocam no espaço físico, que é tridimensional; e os traços distintivos que formam o fonema realizam-se simultaneamente.

Por outro lado, podemos encontrar a linearidade em libras, quando o sinal é realizado com mais de uma unidade MLMov, ou seja, existe uma sequência dessas unidades, uma é feita após outra. Vejamos exemplo dado pela autora em escrita SEL e na modalidade falada segundo Capovilla:

- (4) a. BOLO²¹
- 
- 1ª unidade 2ª unidade 3ª unidade

b.

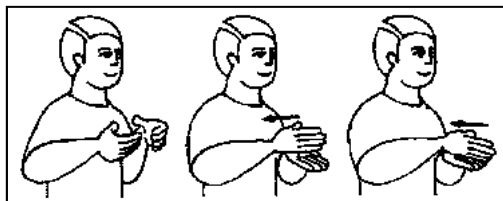


Figura 10: Sinal de bolo

Fonte das imagens: Dicionário de Capovilla e Raphael (2001, p.123)

Além do nível articulatório da formação do sinal, também encontramos a simultaneidade no plano da frase, ou seja, com sinais realizados ao mesmo tempo (5a) ou com apenas um sinal (5b) podemos falar uma sentença inteira como se vê a seguir, onde encontramos frases citadas por Albres, (2008, p. 24):

(5) a.



O avião passa por cima de uma pessoa.

Figura 11: Exemplo de simultaneidade na libras

b.



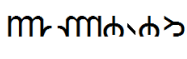
Uma pessoa está na árvore.

Figura 12: Exemplo de simultaneidade na libras

Fonte das imagens: Albres (2008, p.24)

²¹Na 1ª unidade: mãos configuradas em *gancho*, palmas em posição transversal para dentro paralelas; na 2ª unidade: mão esquerda em *ele espalmado*, palma transversal para cima, mão direita em *ele espalmado*, palma transversal para dentro, movimento da mão direita retilíneo para baixo sobre a mão esquerda; e na 3ª unidade: mão esquerda em *ele espalmado*, palma transversal para cima, mão direita em *ele espalmado*, palma lateral para trás, movimento da mão direita retilíneo para baixo sobre a mão esquerda.

Verificamos o mesmo fenômeno neste exemplo citado por Veloso (2008), o qual em escrita SEL pode ser representado como (6a).

(6) a. 

b.

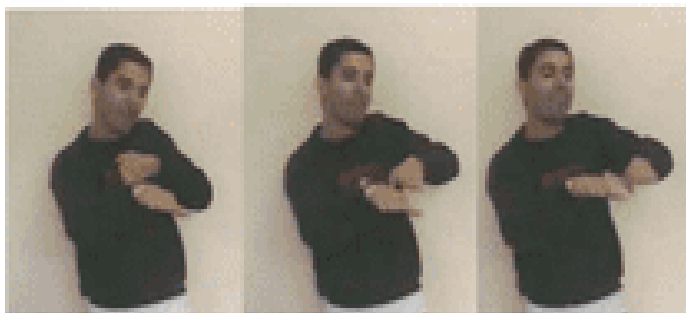
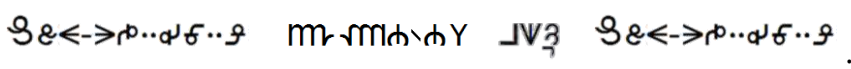


Figura 13: um único sinal que se constitui como frase

Fonte da imagem de Veloso (2008, p.12)

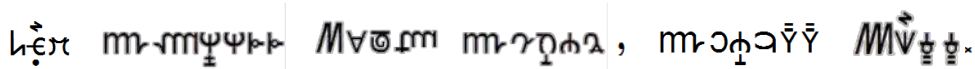
Este sinal é realizado com as duas mãos com a mesma configuração, as palmas para baixo e a mão direita faz um movimento semicircular para frente da mão esquerda. Ou seja, este enunciado, que pode ser traduzido com a frase “um carro ultrapassou outro carro” é articulado com uma única unidade MLMov, como demonstrado em (6a), correspondendo a uma estrutura simples pois se articula como um segmento único e uma fase única, conforme o modelo de Marinho (2014). O que isso quer dizer? Quer dizer que com apenas um sinal temos uma frase, conforme o que Veloso (2008) descreve desse dado. A libras, portanto, parece possuir uma característica que as línguas orais não possuem, a simultaneidade em sua estrutura sintática.

Porém, o exemplo dado não quer dizer que as frases da libras só podem ser realizadas dessa forma, pois em outros momentos os sinais também serão realizados no espaço de forma linear, como ocorre com a mesma frase acima que também pode ocorrer realizando sinal por sinal, como em (7a). Podemos dizer que frases realizadas com um único sinal são muito frequentes em libras, mas também são frequentes frases extensivas, como o exemplo (7b) retirado de nossos dados.

(7) a. 

CARRO ULTRAPASS[ar] OUTR[o] CARRO

‘Um carro ultrapassou outro carro.’

b. 

LocEU ESTUD[ar] UESB NOITE CURS[ar/o] MATEMÁTICA

‘Eu estudo na UESB à noite, eu curso Matemática.’

Assim, entendemos que, mesmo possuindo algumas particularidades, como a simultaneidade no ato da fala, a libras é em outros aspectos também linear, obedecendo a um dos princípios apresentados por Saussure. Destarte, não encontramos problemas no fato de a libras não apresentar um caráter extremamente linear, como as línguas orais, pois conforme Lessa-de-Oliveira (2012), não há motivo pelo qual devamos prender o conceito de significante a características próprias da articulação física, já que na concepção de Saussure, o significante é uma imagem psíquica e não a imagem física em si.

Quanto ao terceiro aspecto apontado por Saussure (Op. cit.) na caracterização do signo linguístico – o pertencimento a um inventário ilimitado –, podemos dizer que o sinal se enquadra nesse aspecto com tranquilidade. Encontramos vários trabalhos de listagem do léxico da libras com o fim de produção de glossários, dicionários etc., dentre os quais estão o Capovilla e Raphael (2001) e o Lira e Felipe (2008). Como sabemos o inventário lexical de qualquer língua é ilimitado porque sempre é possível criar-se novos itens e a lista de sinais da libras não foge a esse fato.

Diante do exposto, a dificuldade com o conceito de sinal não parece estar relacionada à identificação enquanto signo linguístico, mas ao próprio conceito de item lexical, que em si parece problemático. Tratamos dessa questão na seção seguinte.

2.3 O SINAL FRENTE AO CONCEITO DE ITEM LEXICAL

Segundo Vasconcellos (2014, p. 01), o problema do conceito de item lexical reside essencialmente na dificuldade de apreender e delimitar o conceito de tais itens “que poderiam ir de certo tipo de construções sintáticas ‘vazias’, sem elementos mórficos formadores

definidos, até textos inteiros, passando por expressões linguísticas de todos os níveis de complexidade interna, de morfemas a vocábulos, sintagmas, cláusulas e textos”.

Esclarece a autora que critérios de tipos muito diferentes já foram propostos para definir itens lexicais. O primeiro deles foi o de *elementaridade* enquanto unidade linguística dotada de significado. Com base nesse critério, Bloomfield compreendia o Léxico como uma lista de morfemas. O Léxico foi também compreendido dentro da perspectiva de forma simples (não composta por outras do mesmo tipo) associada à ideia de *listabilidade*, separando-se Léxico de Gramática. Outro critério considerado nesse ínterim foi o de *significatividade*, pelo qual os morfemas eram definidos apenas enquanto “menores unidades listáveis a entrar na combinatória gramatical”.

Deixando o critério da elementaridade de lado, os estruturalistas passaram a considerar como itens lexicais unidades já formadas de outras menores, que pareciam funcionar como uma única unidade de algum ponto de vista semântico ou gramatical. A partir daí surgiu o conceito estruturalista de vocábulo formal. Comenta Vasconcellos (2014) que começa, nesse contexto, o problema de decidir o que determina que tais unidades complexas tenham caráter unitário, do qual os itens lexicais multivocabulares são uma extensão. Propõe então a autora que, ao contrário da adoção de um único critério para a definição/delimitação de itens lexicais, multivocabulares ou não, ou da dissolução do conceito de item lexical em vários conceitos parciais, deve-se reconhecer que há graus de lexicalidade e que o conceito de item lexical funciona como uma categoria radial. Assim, segundo ela, um item lexical prototípico teria as seguintes propriedades:

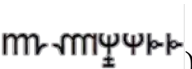
[...] do ponto de vista fonológico, corresponde a uma palavra fonológica; do mórfico, pode ser elementar ou não, mas é univocabular, e também formado a partir de uma única base, acrescida ou não de afixos derivacionais, base essa por sua vez formada a partir de uma única raiz; do ponto de vista sintático, apresenta as propriedades de coesão estrutural e atomicidade sintática; e do semântico tem um significado — ou um conjunto de significados — próprio, diferente do(s) de outros itens lexicais, mesmo se homônimos; e é uma unidade “listada”, ou seja, que não é formada *on line* no uso Linguístico por meio dos princípios combinatórios da língua, mas já é conhecida *a priori* pelos falantes enquanto tal. Porém apenas o critério semântico seria necessário, no sentido lógico desse termo, e seria o(s) significado(s) (ou uso/s típico/s) da forma que a levam a ser reconhecida como tal (a ser “listada”) e a adquirir com o tempo coesão e atomicidade sintáticas. (VASCONCELLOS, 2014, p.01)

Como se percebe, o sinal, não obstante a possibilidade de corresponder também a uma frase, pode ser conceituado como item lexical dentro dos critérios acima, considerados por Vasconcellos (2014). Como palavra fonológica, temos a definição de sinal a partir dos modelos hierárquicos de Lessa-de-Oliveira (2012) e Marinho (2014), que se completam. Do ponto de vista semântico, limitamo-nos a considerarmos a raiz ou raízes semânticas abarcadas por cada sinal, diferente da raiz ou raízes de outros itens lexicais. Quanto à condição de item listado, esta está correlacionada ao que Saussure (op. cit.) trata como “pertencimento a um inventário ilimitado”. Resta-nos como grande tarefa deste trabalho enveredar na investigação dos aspectos morfossintáticos, circunscritos à categoria verbal, uma vez que este é o nosso objeto. É nosso propósito que os resultados de nossas análises possam ajudar a definir as características de um sinal, do ponto de vista mórfico, como elementar ou não, univocabular, formado a partir de uma única raiz, acrescida ou não de afixos derivacionais (se for o caso); e, do ponto de vista sintático, como sinal que apresenta as propriedades de coesão estrutural e atomicidade sintática no que diz respeito às propriedades abstratas de uma categoria verbal.

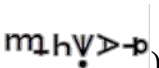
Assim, reunido os aspectos articulatórios e características semânticas podemos traçar algumas propriedades dos sinais enquanto itens lexicais, como foi apresentado por Almeida (2013). Essa autora apresenta breve descrição da tipologia dos sinais da libras, considerando que esses podem se articular com uma ou mais unidade MLMov, conforme Lessa-de-Oliveira (2012). Segundo Almeida (2013), os sinais da libras formados por uma única unidade MLMov são de três tipos.²²

(8)

(a) Os que se articulam como uma unidade MLMov que abarca uma única raiz

semântica – Ex.: ESTUD[ar] ().

(b) Os que comportam mais de uma raiz semântica numa unidade MLMov. (Neste caso, o que é feito por uma das mãos, isoladamente corresponde a outro sinal)

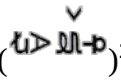
– Ex.: QUATRO TIPOS () , no qual a parte realizada pela mão de

²² Os exemplos a seguir são de Almeida (2013, p. 36, 37), mas com grafia atualizada para as regras da versão 2014 do sistema SEL.

base, correspondente ao algarismo quatro ()²³ e o restante dos elementos da unidade não representam nada isoladamente.

- (c) Os que comportam mais de uma raiz semântica, integralmente e em cada uma das partes da unidade MLMov– Ex.: QUATRO TIPOS DIFERENTES (

)

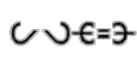
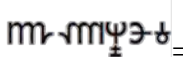
), no qual o sinal que corresponde ao algarismo quatro é realizado com a mão de base () , enquanto a mão principal realiza a outra parte deste sinal ()²⁴, a raiz ‘diferente’, que tem esse mesmo significado isoladamente.

Quanto aos sinais constituídos por mais de uma unidade MLMov, encontramos três tipos desses sinais, segundo Almeida (2013).

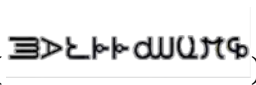
(9)

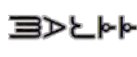
- (a) Os constituídos de unidades MLMov que isoladamente não significam nada –

Ex.: BOLO (); isoladamente: 1ª unidade

 = Ø ; 2ª unidade  = Ø ; 3ª unidade  = Ø.

- (b) Os que possuem apenas uma unidade que representa outro sinal

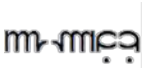
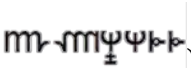
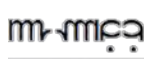
isoladamente – Ex.: ONÇA (); isoladamente: 1ª unidade

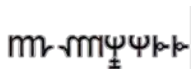
 = LE[ão/oa] ou FELIN[o/a]; 2ª unidade  = Ø.

²³ Escrito com configuração de mão invertida porque é realizado com a mão de base.

²⁴ O sinal diferente, na realidade é realizado com eixo anterior e sem movimento retilíneo, sendo representado em SEL como . O fato de se modificar o eixo de  para  ocorre por uma adequação anatômica, e o acréscimo do movimento retilíneo para direita  ocorre como indicação dos quatro referentes

(c) Os que apresentam unidades que são outros sinais isoladamente – Ex.:

ESCOLA ( ); isoladamente: 1ª unidade  =

CASA; 2ª unidade  = ESTUD[ar/o].

3 A CATEGORIA VERBAL NUMA ABORDAGEM GERATIVISTA

Na seção 3.1 deste capítulo apresentaremos o quadro teórico dessa pesquisa, o qual se insere na perspectiva da Gramática Gerativa, postulada por Noam Chomsky. Na seção 3.2 Abordaremos um dos modelos mais recentes da teoria gerativa, a Morfologia Distribuída. Na seção 3.3 trataremos especificamente da categoria verbal e como esta se insere no nosso quadro teórico. Na seção 3.4 trataremos da tipologia verbal encontrada nas línguas naturais, especificamente no português, e como estes tipos de verbos são analisados dentro da Gramática Gerativa. E na seção 3.5 falaremos das propriedades funcionais da sentença e sua relação com a categoria verbal.

3.1 PRESSUPOSTOS DA GRAMÁTICA GERATIVA

A Gramática Gerativa ou gerativismo é uma teoria da linguagem que teve início no final da década de 1950 com a publicação do livro *Syntactic Structures* (Estruturas Sintáticas) do principal proponente dessa teoria, Noam Chomsky. O gerativismo é uma corrente de estudos que trata do funcionamento da linguagem, mais precisamente um modelo teórico que tem como objetivo descrever e explicar os fenômenos das línguas naturais.

Chomsky não aceita a ideia de que a língua seja “um comportamento condicionado”. Para ele a língua é algo natural à espécie humana. Propôs, então, que todo ser humano nasce com uma capacidade inata para a linguagem, porque possui em sua mente/cérebro o que ele chama de faculdade da linguagem.

A faculdade da linguagem é como um órgão, no sentido de que seu caráter básico é uma expressão dos genes. Como isso acontece, ainda não sabemos, sendo um campo de pesquisa para um futuro distante. Entretanto, podemos investigar as propriedades desse órgão como representações mentais: podemos imaginar um estado mental inicial, um dispositivo de aquisição de língua, que toma a experiência como dado de entrada e constrói um estado mental estável, isto é, uma língua particular, como dado de saída (CHOMSKY, 1998, p. 23).

É a existência dessa faculdade da linguagem, comum a todos os seres humanos, que nos faz diferentes de outras espécies. Essa hipótese é justificada pelo modo como nossa mente/cérebro é capaz de processar algo tão complexo como a língua. No entanto, falar somente dessa faculdade da linguagem não satisfaz aos gerativistas, pois faltaria explicar como funciona essa capacidade inata dos seres humanos.

Chomsky postula, então, a existência de uma Gramática Universal (doravante GU) comum a todas as línguas naturais. Para o linguista americano, a GU é uma caracterização dos princípios inatos e biologicamente determinados, que constituem a faculdade da linguagem. Dito de outra maneira, a GU corresponde ao estado inicial da aquisição da língua, ou seja, é uma dotação genética que herdamos da natureza ao nascer.

Segundo Kenedy (2013), a gramática universal é um conjunto de propriedades gramaticais comuns e compartilhadas por todas as línguas naturais. No início dos anos 1980 foi postulada a Teoria de Princípios e Parâmetros, para dar conta de explicar o funcionamento da GU.

Os Princípios, conforme Miotto *et al* (2013), são leis gerais válidas para todas as línguas naturais e os Parâmetros são propriedades que uma língua pode ou não exibir, são as variações existentes nas línguas, porém em número limitado e previsível pela gramática. Isto quer dizer que todo falante, de qualquer língua natural, nasce com todos os princípios que constituem a língua, pois estes são universais, sendo assim, todos os seres humanos são capazes de adquirir qualquer língua natural. Quanto aos parâmetros, estes vão sendo fixados no decorrer da aquisição da linguagem pela criança.

No programa minimalista atual, entendemos por “princípio” as propriedades gramaticais que são válidas para todas as línguas naturais, ao passo que “parâmetro” deve ser compreendido como as possibilidades (limitadas sempre de maneira binária) de variação entre as línguas (KENEDY, 2013, p.136)

Em suma, os Princípios dão o caráter de universal às línguas e os Parâmetros é o que admite as diferenças entre elas. Um Princípio que rege todas as línguas, por exemplo, é a presença do sujeito na sentença, mas é só a partir do *input* que os Parâmetros serão marcados, ou seja, em contato com a língua o falante marcará se o sujeito é manifesto ou nulo. Assim, os Princípios são invariáveis, mas os Parâmetros podem variar de uma língua para outra. Vejamos um exemplo disso:

(10) Inglês:

- a. They did not answer the question.
- b. *Did not answer the question.

Português:

- a. Eles não responderam a pergunta.
- b. Não responderam a pergunta.

Nesses exemplos podemos observar que, no inglês, não é aceitável uma sentença com a omissão do sujeito; por outro lado, o português tanto admite uma sentença com a presença do sujeito realizado quanto com o sujeito nulo. Assim, o falante de cada língua marcará esse parâmetro, ao entrar em contato com a língua do lugar em que está inserido.

A doutrina central da linguística cartesiana declara que os traços gerais da estrutura gramatical são comuns a todas as línguas e refletem certas propriedades fundamentais do espírito. (...) O estudo das condições universais que prescrevem a forma de qualquer linguagem humana constitui a “grammaire générale”. Estas condições universais não são aprendidas; ao contrário, fornecem os princípios organizadores que tornam possível o aprendizado da linguagem, e que devem existir para que os dados nos conduzam ao conhecimento (CHOMSKY, 1972, p.75).

Como podemos perceber, a língua para Chomsky vai além de um sistema abstrato de regras de uma comunidade linguística. O autor traz um conceito diferente do que propõe Saussure. O gerativista, além do conceito inato da linguagem, introduz a noção de Língua-I e Língua-E, definição muitas vezes confundida com a divisão feita por Saussure de língua e fala.

[...] A Língua-I é definida como interna, intensional e individual. É Interna porque nada tem a ver com um objeto no mundo externo, mas com sua representação mental; é Intensional, porque o conhecimento não é constituído de um conjunto extensional de sentenças, mas de propriedades (princípios e parâmetros), tratando-se, portanto, de uma concepção intensional de conjunto; e é Individual, porque não vê língua como um objeto social, político ou geográfico. Ao objeto de estudo que se contrapõe ao seu, Chomsky chama de Língua-E (Externa, Extensional) (KATO, 2005, p.03).

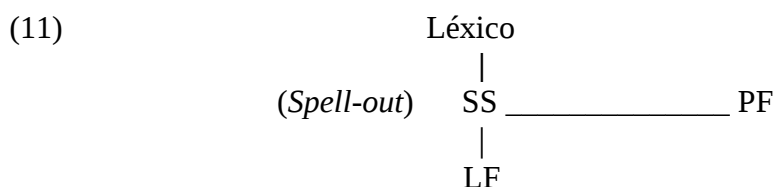
Na verdade, Chomsky não contraria Saussure, pois enquanto o genebrino trata da língua-E, externa ao indivíduo, social em sua concepção e também na de Chomsky, este se preocupa com a língua-I, interna, própria de cada indivíduo. Essa língua interna se compõe de sentenças que são formadas a partir de uma relação estrutural entre sintagmas, porém essas relações são pré-determinadas pelo conhecimento do falante que é capaz de, a partir de uma estrutura inicial formada, derivar outras estruturas ou sentenças.

Para a estrutura inicial formada a teoria propõe o termo estrutura profunda (DS), e a estrutura que dela deriva é chamada de estrutura superficial (SS). Porém, essa ideia de *gramática transformacional*, como era conhecido esse modelo gerativista dentro da teoria padrão, transferido depois para o modelo de Regência e Ligação (GB- *Government and*

Binding), dá lugar ao modelo minimalista, fase atual da teoria, na qual só permanece a estrutura superficial.

Para explicar essa capacidade inata dos indivíduos, Chomsky postula também um formato para o modelo teórico para analisar as sentenças das línguas naturais. Um sistema computacional capaz de descrever e explicar o funcionamento da linguagem. Conforme explica Mioto *et al* (2013), nessa perspectiva, a sentença é formada por uma sequência de sons que é representada pela Forma Fonética (*Phonetic Form* - PF) e com um determinado sentido representado pela Forma Lógica (*Logical Form* - LF). Conforme esse modelo, a relação entre PF e LF não é direta, mas mediada pela estrutura sintática (*Superficial Structure* - SS), que deriva de uma estrutura inicial tratada pela teoria como estrutura profunda (*Deep Structure* - DS).

Porém, essa ideia de *gramática transformacional*, como era conhecido esse modelo gerativista dentro da teoria padrão, transferido depois para o modelo de Regência e Ligação (GB- *Government and Binding*), dá lugar ao modelo minimalista (Programa Minimalista-PM), fase atual da teoria, na qual só permanecem os níveis de interface LF e PF. Grosso modo, a teoria gerativa propõe um esqueleto de como a língua é organizada em nossa mente/cérebro. No Programa Minimalista (PM) de 1995, esse esqueleto arquitetônico da língua é representado da seguinte maneira:



Ao longo das décadas de estudos os pressupostos gerativistas foram sendo refinados, ocorrendo evolução dos conceitos de princípio, de parâmetro e da própria GU. Neste contexto, uma das teorias centrais da proposta gerativista, a teoria X-barras, também vem sendo refinada. Segundo os pressupostos teóricos gerativistas da década de 70, os sintagmas em qualquer língua obedecem à estrutura proposta pela teoria, ou seja, independente de qual seja a língua, ela será organizada em uma estrutura chamada de X-barras.

A teoria X-barras é o módulo da gramática encarregado de mostrar como um sintagma é estruturado. Ela é necessária para explicar a natureza do sintagma, as relações que se estabelecem dentro dele e o modo como os sintagmas se hierarquizam para formar a sentença. Como acontece com qualquer módulo da gramática, a Teoria X-barras deve ser universal a ponto

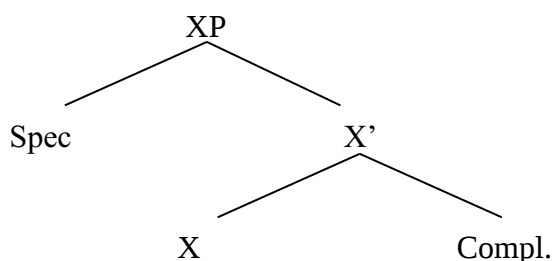
de configurar-se como um esquema geral, capaz de captar a estrutura interna dos sintagmas de qualquer língua; mas também deve prestar-se a dar conta da variação nas diferentes línguas (MIOTO *et al*, 2013, p.51).

A teoria X-barrá foi proposta como estrutura capaz de dar conta de todas as relações sintáticas possíveis dentro de uma língua. Para Miotto *et al* (2013), a teoria tem que desenvolver formas explícitas de representar a estrutura interna dos sintagmas e mostrar como eles se hierarquizam para formar sintagmas maiores, chegando ao que é a unidade de análise por excelência da sintaxe: a sentença.

Conforme a teoria gerativa, sintagma é uma unidade sintática construída hierarquicamente a partir de um núcleo, o qual determina as funções que se estabelecem dentro de um sintagma; portanto, para reconhecer um sintagma precisamos identificar seu núcleo e os itens que gravitam em torno dele.

Para se compreender a organização dos sintagmas dentro de sentenças, foi proposto um modelo, dentro da teoria X-barrá²⁵, de representação arbórea ou árvore. Assim, para representar um sintagma dentro da sentença, recorreremos a uma variável X que vai assumir seu valor a depender da categoria do núcleo desse sintagma, X será igual a N se for nome, a V se for verbo, a P se for preposição, a A se for adjetivo, a AdvP se for advérbio etc. Portanto, será o núcleo X que determinará as relações internas ao sintagma estabelecidas no nível X', que corresponde ao nível intermediário e o nível XP ao nível sintagmático ou projeção máxima de X.

(12)



²⁵Para Jackendoff (1987) é provável que as estruturas linguísticas mentais consistam de um conjunto de estruturas conceituais em que as várias modalidades de informação podem se traduzir e se tornam disponíveis para as outras modalidades. Ele explora a possibilidade de que o uso das mesmas palavras através de diversos campos semânticos é uma indicação de que há tais estruturas conceituais ou primitivas.

Dentro da perspectiva minimalista, a estrutura X-barra se compõe ao longo da derivação, através das operações de *Merge*, *Move*. Assim, conforme os pressupostos do PM, a entrada lexical no esqueleto arquitetônico, em (12) acima, se dá via arranjo conhecido como *Numeração*, a qual está no início de toda a computação de uma determinada sentença. A *Numeração* é acessada através da operação *Seleção*, que seleciona os itens lexicais que entraram na *Numeração*. Esses itens lexicais são compreendidos como um conjunto de traços, que serão interpretados ao longo da computação. A computação continua com a operação *Concatenar* (*Merge*), que une os itens lexicais e elementos mais complexos formados por estes, e a operação *Mover* (*Move*), que é acessada quando determinado traço está presente na sonda. Chomsky (1995) propõe que o que torna um elemento ativo para o sistema computacional são os seus traços não-interpretáveis. Dessa forma, traços não interpretáveis em um núcleo entram na derivação não valorados e recebem valor através da operação de concordância (*agree*). Essa operação incorpora mecanismos de valoração de traços não valorados, se houver correspondência (*match*) entre os traços da sonda (*probe*) e do alvo (*goal*). Dessa maneira, antes de a derivação alcançar *Spell-out* os traços formais não valorados são valorados e eliminados.

Modelo do Sistema Computacional:

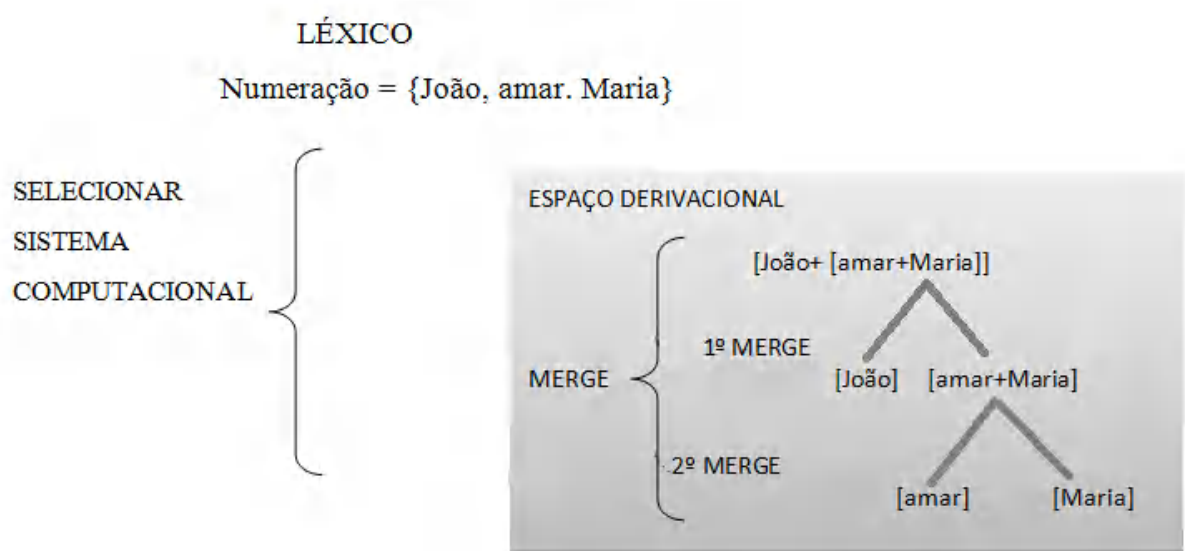


Figura 14: Modelo do Sistema Computacional
Imagem de Kenedy (2013, p.131)

Podemos dizer que um dos pontos cruciais da teoria gerativa é a distinção das categorias linguísticas em *lexicais*, as que possuem referência no mundo biossocial, são, portanto abertas e numerosas, e *funcionais*, as que têm referência no mundo gramatical e são

menos numerosas e fechadas. Essas categorias, na estrutura X-barra, se definem como núcleos lexicais e núcleos funcionais. Com base nessa ideia, a gramática gerativa prediz que cada item de natureza lexical é um composto pela combinação de dois traços: [N] nominal e [V] verbal, que os define categorialmente como: (N) nome, (V) verbo, (A) adjetivo e (P), como se resume a seguir:

- (13)a. N = [+N, -V] (exemplo: “amor”)
- b. V = [-N, +V] (exemplo: “amar”)
- c. A = [+N, +V] (exemplo: “bonito”)
- d. P = [-N, -V] (exemplo: “de”)

Quanto às categorias funcionais, estas possuem valor gramatical e se distinguem da categoria lexical pela incapacidade de selecionar semanticamente seus argumentos, por outro lado também encabeçam projeções de seus núcleos nas projeções de um sintagma. Como núcleos funcionais a teoria gerativa propõe: C (Complementador ou Complementizador), que marca se a frase é declarativa ou interrogativa, estabelece relação entre orações em uma sentença. Pode também ser dividido em tópico e foco; T ou flexional (Tempo), confere ao sintagma VP uma flexão, expressando tempo, modo, aspecto, número e pessoa; e Concordância de sujeito e de objeto (do inglês, *Agree*); NEG (Negação); e D (Determinante).

À presente investigação interessa diretamente a categoria funcional flexional T, que a teoria relaciona à categoria lexical verbal, alvo do nosso estudo. Também nos interessa diretamente a questão dos traços definidores da categoria verbal. Neste contexto, nos perguntamos como o sistema computacional lida com a seleção de itens lexicais de línguas de sinais? Em outras palavras, como a combinação dos traços [+V] e [-N] se manifesta, nessa língua, estabelecendo a categoria verbal? E como o sistema lida com os traços da categoria T, em libras? Buscamos caminhos para responder a essas perguntas ampliando o quadro teórico com os pressupostos da Morfologia Distribuída, apresentados na próxima seção.

3.2 MODELO TEÓRICO: MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

A Morfologia Distribuída (doravante MD) é uma vertente da Gramática Gerativa. Seu marco inicial deu-se nos anos 1990, com a publicação, em 1993, do artigo chamado *Distributed Morphology and the Pieces of Inflection*, de Morris Halle e Alec Marantz.

Embora, tais estudos sobre uma nova abordagem sobre morfemas já tivessem sido pronunciados por outros autores como Beard (1966); Aronoff (1976); Anderson (1992) e em importantes estudos de Aronoff (1992) e Beard (1991) conforme Halle e Marantz (1993), essa abordagem ainda era baseada em uma visão da morfologia tradicional. Nesse ínterim, Halle e Marantz propõem uma nova abordagem, que de certa forma era baseada nesses estudos anteriores, porém os autores chamam sua nova abordagem de Morfologia Distribuída para destacar o fato de que a máquina do que tradicionalmente tem sido chamado de morfologia não está concentrada em um único componente da gramática, mas sim é distribuída entre vários componentes diferentes (cf. HALLE; MARANTZ 1993, p.111).

Esse modelo comunga de algumas similaridades com a teoria de Princípios e Parâmetros, mas também se diferenciam em aspectos importantes. Segundo Harley e Noyer (1999), três propriedades centrais o diferenciam de outras teorias morfológicas: a Inserção de Vocabulário, a Subespecificação e a chamada Estrutura Sintática Hierarquizada *All the way down*. Vejamos o que significa cada uma dessas propriedades conforme os mesmos autores.

A *Inserção de Vocabulário* é o mecanismo que atribui traços fonológicos aos morfemas abstratos. Enquanto que, nas teorias lexicalistas os itens entram na computação já “formados”, com as operações sintáticas e com conteúdo fonológico, na MD as categorias sintáticas são abstratas, desprovidas de traços fonológicos. Esses traços só serão inseridos após as operações sintáticas, uma inserção de substância fônica através da entrada de itens de vocabulário, que por ser feita após a sintaxe é chamada também de *Inserção Tardia*.

A *Subespecificação* significa dizer que as expressões fonológicas não precisam ser completamente especificadas para serem inseridas nos nós terminais da derivação sintática. Isso quer dizer que os itens lexicais possuem informações sobre traços sintáticos, morfológicos e semânticos, para sua inserção nos nós resultantes das operações sintáticas e morfológicas. Além disso, em um nó sintático pode haver mais informação do que a que contém o Item de Vocabulário a ser inserido ali, dessa forma os itens podem ser subespecificados.

Já a *Estrutura Sintática Hierarquizada All the Way Down* (Estrutura Sintática por toda a derivação) quer dizer que elementos dentro da sintaxe e da morfologia entram no mesmo tipo de estruturas constituintes. Nas palavras de Lourenço da Silva (2010, p. 12), “ao falarmos em *all the way down*, nos referimos à propriedade de as estruturas hierarquizadas geradas pela sintaxe não excluírem as palavras, que são também estruturas sintáticas hierarquizadas”.

Como vimos na seção anterior, para os modelos anteriores da teoria gerativa e também para o Programa Minimalista existem duas computações, uma dentro do léxico para formar as palavras e outra externa ao léxico para gerar sentenças (sintaxe). A computação gerada no léxico já era extraída com um morfema categorial, ou seja, pronta, essa retirada do léxico é feita pela operação *Numeração* que forma um subconjunto, daí a operação *Selecionar* retira o item lexical da Numeração e o coloca no espaço derivacional, onde serão aplicadas as operações *Merge* e *Move*²⁶. As sentenças vão se formando à medida que os elementos são concatenados e somente depois são enviadas para *Spell-Out*²⁷ que é o momento em que a derivação é retirada do sistema computacional e enviada para PF (Forma Fonética) e LF (Forma Lógica). Essas interfaces irão ler a estrutura e averiguar se os traços são interpretáveis ou não-interpretáveis.

Já na Morfologia Distribuída não existem duas computações uma interna e outra externa ao léxico, pois a computação sintática opera tanto com palavras extraídas do léxico como com traços abstratos. Assim, o que alimenta a sintaxe não são itens lexicais, mas os traços abstratos, que são gerados não a partir da *Numeração*, mas pela mesma computação sintática que gera as sentenças, ou seja, no próprio sistema computacional.

A Morfologia Distribuída propõe que qualquer processo de formação, seja de palavras, seja de constituintes maiores, ocorre no Sistema Computacional (componente sintático). Consequentemente, as mesmas operações que formam as sentenças estão na base da formação das palavras: concatenar (*merge*) e mover (*move*). Essas operações vão manipular traços, que são os elementos básicos da computação e a partir dos quais vão ser geradas tanto as palavras como as sentenças (BASSANI; LUNGUINHO, 2011, p. 04).

Enquanto que na teoria de Princípios e Parâmetros o léxico é responsável por alimentar PF e LF, sendo, portanto, o componente gerador de palavras, no modelo da Morfologia Distribuída o léxico não existe. A função principal do Léxico é prover a Sintaxe de itens lexicais com os quais possa gerar sintagmas e frases a partir das operações computacionais de uma derivação (cf. KENEDY, 2013, p. 128). Na Morfologia Distribuída não há um léxico cujas palavras encontram-se armazenadas, as palavras são geradas pela mesma computação sintática que gera as sentenças.

²⁶*Merge* (juntar) é uma operação que liga elementos formando uma estrutura sintática.

Move (mover) é uma operação que permite que elementos se desloquem na estrutura sintática.

²⁷*Spell-Out* (dividir) é o momento em que a derivação é dividida em duas partes: a informação que segue para a Forma Fonética e a informação que segue para Forma Lógica.

Como não há um léxico, que armazena vocábulos, a MD postulou três módulos que armazenam informações para gerarem palavras. Esses módulos também são chamados de listas. Na Lista 1, conforme observado na figura 15 a seguir, estão armazenados os traços abstratos sem nenhum conteúdo fonológico, como verbalizador, nominalizador, adjetivador etc. Na Lista 2, estão armazenados os itens de vocabulário, que são os prefixos, sufixos etc. é nessa lista que encontram-se armazenados os itens de vocabulário com informações fonológicas inexistente na Lista 1. A terceira lista (Lista 3) é a Enciclopédia que armazena o conhecimento das palavras de uma língua, ou seja, o conhecimento extralinguístico, e nas palavras de Harley e Noyer (1999) a enciclopédia é a lista de idiomas em uma língua.

É justamente pela definição desses módulos que utilizamos a MD para procurar explicar o funcionamento dos verbos em libras, pois entendemos que, assim como as línguas orais, a libras também é composta por traços que se juntam a raízes para categorizá-las. Conforme esse modelo, no Módulo 1 ou Lista 1, os traços categorizadores são aqueles que, se juntam à raiz, para criar verbos, nomes ou adjetivos. Assim, os sinais em libras também são raízes nuas, que após a derivação se juntam a traços categorizadores, desse modo a mesma raiz pode se transformar em um nome, verbo ou em um adjetivo. Harley e Noyer (1999, p.7) explicam que o mesmo item de vocabulário pode aparecer em diferentes categorias morfológicas, dependendo do contexto sintático que a *root* aparece.

O diferencial entre essas línguas está justamente na manifestação desses traços, pois em língua portuguesa, por exemplo, esses traços se manifestam por um morfema explícito que ao se juntar a raiz, forma um nome ou verbo. Já em libras não há um morfema explícito, pelo menos que seja produtivo. Então, essa categorização acontecerá mediante o contexto sintático.

Na MD as operações sintáticas acontecem por etapas. Na Lista 1 (traços morfossintáticos) os traços abstratos são selecionados e passam pela operação *merge*, após serem concatenados, os traços dão origem a uma estrutura sintática. Cada fase se inicia com a concatenação dos traços e termina com *spell-out*. Em *spell-out* os itens de vocabulário são inseridos na estrutura de traços e recebem a substância fônica e a interpretação semântica, aí se dá a operação chamada de *Inserção de Vocabulário*.

A estrutura da gramática na Morfologia Distribuída²⁸ tem a arquitetura apresentada da seguinte forma:

²⁸ Traduzido e adaptado de Harley e Noyer (1999, p. 3).

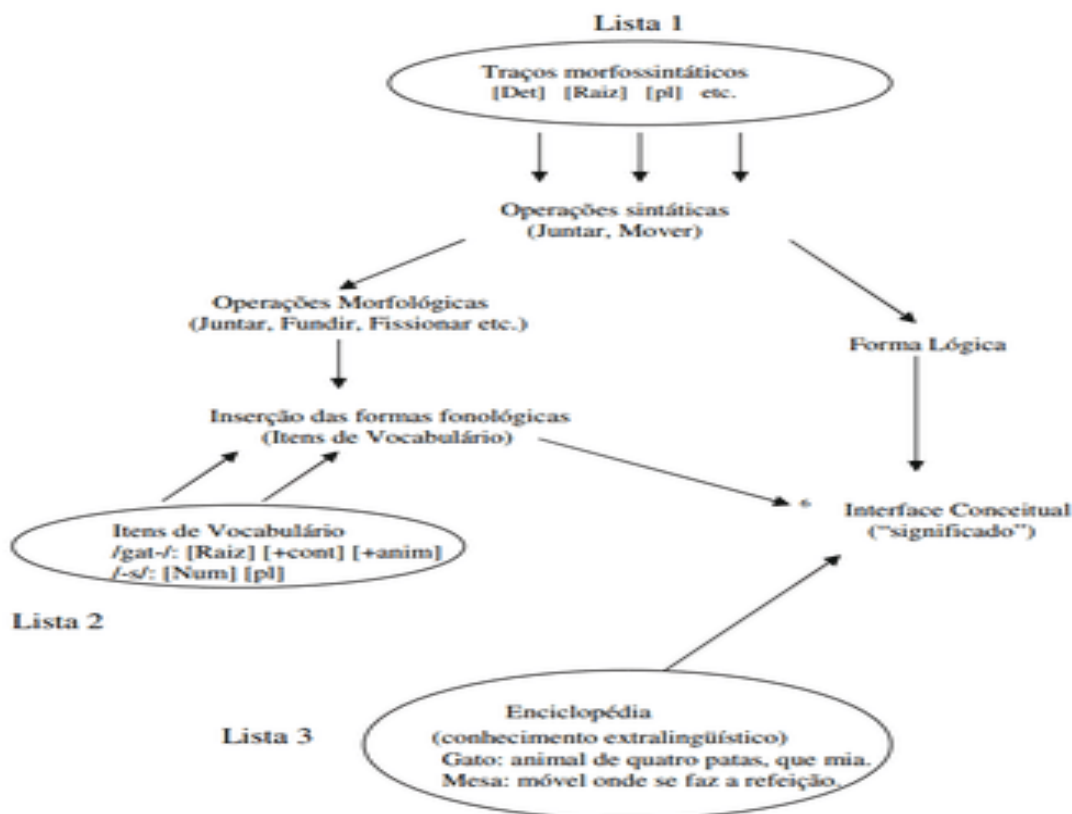


Figura 15: Modelo da Morfologia Distribuída

Em resumo, as três listas são representadas por um diagrama arbóreo, em que cada nó terminal da árvore é constituído de feixes de traços fonológicos e não-fonológicos. Halle e Marantz (1993), optam por chamar esses nós terminais de morfemas tanto antes como após a inserção do vocabulário, isto é, tanto antes como depois de terem sido fornecidos com características fonológicas. Conforme Harley e Noyer:

In DM, the term morpheme properly refers to a syntactic (or morphological) terminal node and its content, not to the phonological expression of that terminal, which is provided as part of a Vocabulary Item. Morphemes are thus the atoms of morphosyntactic representation. The content of a morpheme active in syntax consists of syntactic-semantic features drawn from the set made available by Universal Grammar²⁹. (HARLEY; NOYER, 1999, p. 4)

²⁹ Na MD, o termo morfema refere-se a um nó sintático (ou morfológica) terminal e o seu conteúdo, não para a expressão fonológica deste terminal, que é fornecida como parte de um Item de vocabulário. Morfemas são, portanto, os átomos de representação morfossintática. O conteúdo de um morfema ativo na sintaxe é composto por recursos sintático-semântico extraídos do conjunto disponibilizado pela Gramática Universal. (Tradução nossa).

Ainda sobre os morfemas, Harley e Noyer (1999) propõem que são de dois tipos básicos: morfemas lexicais (l-morfemas) e morfemas funcionais (f-morfemas). Os f-morfemas são definidos como morfemas para os quais não existe escolha quanto a inserção de vocabulário, correspondem a classe fechada. Por outro lado, os l-morfemas constituem uma classe aberta e são aqueles cujo conteúdo é suficiente para determinar uma expressão fonológica única, ou seja, há uma escolha sobre qual item de vocabulário será inserido.

Conforme exemplificam Harley e Noyer:

For l-morphemes there is a choice regarding which Vocabulary Item is inserted. For example, a Root morpheme in an appropriately local relation to a Determiner might be filled by *cat*, *dog*, *house*, *table* or any other Vocabulary Item we would normally call a 'noun'. Harley & Noyer (1998a) note that it is clear that such Vocabulary Items are not in competition, as are the Vocabulary Items inserted into f-morphemes. Rather, these Vocabulary Items can be freely inserted at Spell-Out, subject to conditions of *licensing*³⁰. (HARLEY; NOYER, 1999, p. 5)

Para demonstrar o processo de formação sintática do modelo computacional da Morfologia Distribuída Lourenço da Silva (2010) exemplifica com a palavra *industrialização*, vejamos:

Para que essa palavra seja formada, primeiramente são providos pela Lista 1 uma posição oca e um traço abstrato. Essa posição oca é a que receberá a raiz, e o traço abstrato é um traço categorizador (no caso, um nominalizador). Esses constituintes são concatenados, e a estrutura [raiz + nominalizador] receberá, após *Spell-out*, os Itens de Vocabulário. Assim, a posição oca será preenchida pela raiz *industr-* e no nominalizador será inserido o item de vocabulário *-ia*, sendo formada a palavra *indústria*. Após a inserção dos Itens de Vocabulário, a estrutura [raiz + nominalizador] recebe uma interpretação idiossincrática na Enciclopédia: *indústria* é o conjunto das atividades que visam a manipulação e transformação de matérias primas para a produção de bens de consumo. Uma nova fase será iniciada com a concatenação de mais um traço abstrato, dessa vez um adjetivador. Esse traço recebe o item de vocabulário *-al*, formando-se assim a palavra *industrial* (aquilo que é relativo à indústria). Em forma lógica é interpretado composicionalmente o significado desse vocábulo, somando-se a contribuição desse novo categorizador ao sentido arbitrário dado pela Enciclopédia ao composto [raiz + categorizador]. Numa outra fase, cujo processo é semelhante ao da fase anterior, é inserido o verbalizador *-izar*,

³⁰ Para l-morfemas há uma escolha sobre qual item de vocabulário é inserido. Por exemplo, um Morfema raiz em uma posição apropriada para Determinante pode ser preenchido por gato, cão, casa, mesa ou qualquer outro item de vocabulário que normalmente chamamos de "substantivo". Harley e Noyer (1998a), notam que está claro que tais Itens de Vocabulário não estão em concorrência, assim como a Itens Vocabulário inseridos em f-morfemas. Pelo contrário, estes Itens de Vocabulário podem ser livremente inseridos em spell-out, sujeitos a condições de licenciamento.

gerando a palavra *industrializar* (tornar industrial). E, por fim, na última fase é inserido o nominalizador *-ção*, gerando a palavra *industrialização* (ato de industrializar). (LOURENÇO DA SILVA, 2010, p. 5-6)

Discutindo a normalização, Minussi (2008) salienta que neste contexto coloca-se a seguinte questão: se a MD não prevê a existência de um léxico gerativo e um de seus pressupostos é o de que tanto as palavras, quanto as sentenças são formadas durante a derivação sintática, ou seja, estão sujeitas aos mesmos princípios e às mesmas operações como: *merge*, *move*, *copy* etc., onde se encontram as informações sobre a estrutura argumental, que, em um quadro teórico como a GB, estavam localizadas nas entradas lexicais?

O autor explica que as raízes abstratas não são categorizadas. A categorização acontecerá posteriormente na derivação, de modo que, intuitivamente, uma mesma raiz pode se transformar em nome, em verbo e em adjetivo. Para Minussi (2008) outra questão se apresenta neste ponto: se a mesma raiz pode ter mais de uma categoria, ela mantém as suas informações nos diversos ambientes? Prossegue o autor explicando que a partir de Chomsky (1970), não se concebe mais para as entradas lexicais uma categoria pré-definida, compreendendo-se que a categoria das entradas lexicais se define pela especificação dos traços N e V presente nas mesmas. As entradas também possuem um quadro de subcategorização.

Nesse quadro se encontra a chamada Hipótese Lexicalista, que propõe uma expansão das regras de base para acomodar as nominalizações derivadas. Assim, concebe-se que o léxico contém itens categorialmente neutros. Marantz (1997) demonstra que a idiossincrasia das nominalizações é relevante para argumentar contra a derivação de nominalizações a partir de sentenças. Assim, o autor destaca a assimetria entre nominalizações e verbos. Conforme sua análise, uma raiz como $\sqrt{\text{GROW}}$ não possui um agente como seu argumento, ao levarmos em consideração uma sentença transitiva. Esse agente causativo é projetado apenas em um ambiente verbal. Assim, para Marantz (1997) nominalizações como *destruction* e *growth* nunca foram verbos em nenhum estágio da derivação.

Raízes como $\sqrt{\text{DESTROY}}$ e $\sqrt{\text{GROW}}$ são categorialmente neutras, neutras entre N e V. Quando as raízes são colocadas em um ambiente nominal, o resultado é uma “nominalização”, quando estão colocadas em um ambiente verbal, elas tornam-se verbos³¹ (MARANTZ, 1997, p.216).

³¹ Roots like $\sqrt{\text{DESTROY}}$ and $\sqrt{\text{GROW}}$ are category neutral, neutral between N and V. When the roots are placed in a nominal environment, the result is a “nominalization”; when the roots are placed in a verbal environment, they become verbs.

Dentro dessa perspectiva, Marantz (1997), com base em Levin e Rappoport Hovav (1995), separa as raízes em três classes conforme se expõe a seguir.

RAIZ	CLASSE
√DESTROY	Mudança de estado, não causado internamente (portanto, implica um agente ou causa externos).
√GROW	Mudança de estado internamente causado.
√BREAK	Resultado (da mudança de estado) ³²
(MARANTZ, 1997, p.217)	

Segundo Minussi (2008), há, na discussão feita por Marantz (1997), certa dificuldade, ressaltada pelo próprio autor, para definir se são os núcleos categorizadores que refletem os traços das próprias raízes, ou os traços dos nós funcionais que servem de contextos para a inserção das raízes. Ou seja, as raízes é que selecionam os núcleos categorizadores, ou é nos núcleos categorizadores, que se encontra a informação de qual raiz poderá ser selecionada? Duas hipóteses se colocam para responder essa questão:

HIPÓTESE 1: Se são as raízes que selecionam o núcleo categorizador, espera-se que a informação sobre a estrutura argumental que se encontra na raiz se mantenha, seja no nome, no adjetivo ou no verbo formados pela mesma raiz.

Além disso, prevê-se que uma raiz não deva selecionar dois núcleos diferentes para uma mesma categoria. Por exemplo, dois sufixos nominalizadores diferentes não deveriam poder nominalizar a mesma raiz.

HIPÓTESE 2: Se a informação sobre a seleção de argumentos se encontra no núcleo categorizador, espera-se que o número de argumentos seja diferente para uma mesma raiz e que uma mesma raiz possa ser categorizada por mais de um núcleo categorizador (MINUSSI, 2008, p.5).

Minussi (2008), fazendo uma análise preliminar, verifica que o fato de a mesma raiz se enquadrar em mais de um padrão categorial pode sugerir que a raiz é selecionada pelo padrão e não o contrário o que corrobora a hipótese 2. Como mostramos através dos exemplos (1) e (2), é característica comum à libras sinais que apresentam a mesma forma como nome, verbo ou adjetivo, sendo a sua categoria definida somente através da sintaxe. Ou seja, assumindo

³² Root Class
DESTROY change of state, not internally caused (so, implies external cause or agent)
GROW change of state, internally caused
BREAK result (of change of state)

essa hipótese, os sinais em libras são raízes nuas que, após a derivação, se juntam a traços categorizadores que não se realizam fonologicamente.

Nesse sentido, tomaremos como base a teoria da MD para compreender o funcionamento dos verbos em libras, a partir do pressuposto dessa teoria de que as línguas são compostas por raízes nuas que não são categorizadas. Porém, como na libras não há uma morfologia rica, como o português, essa categorização se dá mediante o contexto sintático. Contudo, não queremos dizer que não existam morfemas na língua, mesmo porque essa é uma propriedade presente em todas as línguas naturais, mesmo que na forma abstrata, como é o caso da libras. Os morfemas em libras, ao que tudo indica, se apresentam como morfemas abstratos, ou seja, não existem muitos morfemas realizados articulatoriamente, por isso chamamos de morfologia pobre, por terem poucos morfemas realizados.

Assim, o sinal fora de um contexto não pode ser classificado como um nome, verbo ou adjetivo e nem mesmo, em alguns casos, como uma palavra, já que em apenas um sinal podemos ter uma frase inteira.

3.3 A CATEGORIA VERBAL FRENTE AOS PRESSUPOSTOS GERATIVISTAS

Deixando um pouco em suspenso essa discussão a respeito de onde se encontraria a informação sobre a relação argumental, se na raiz ou no núcleo categorizador, vamos voltar a uma análise gerativista mais geral sobre a categoria dos verbos. Sabemos que apesar da existência de milhares de diferentes línguas no mundo, todas elas apresentam, além das diferenças, regularidades. Regularidades estas que são explicadas pela universalidade das línguas naturais. Isso quer dizer que existe algo de universal nessas línguas, como o fato de todas apresentarem os mesmos fenômenos linguísticos. Em outras palavras, todas as línguas humanas possuem categorias gramaticais, a diferença reside na forma como essas línguas manifestam tais categorias. E essa semelhança contempla também as línguas que não são orais. O que não sabemos por hora é como uma língua como a libras sistematiza suas categorias. Em particular, interessa-nos saber como a libras sistematiza a categoria verbal.

A categoria verbal, ainda que comum em todas as línguas, apresenta diferenças no funcionamento. Mesmo nas línguas orais, a manifestação verbal varia de língua para língua sem que isso acarrete prejuízos para nenhuma língua, nem que uma seja inferior à outra.

De um lado, línguas como o chinês não conhecem sufixos verbais indicativos de tempo, modo, aspecto, número, pessoa e demais funções

gramaticais ou semânticas. De outro lado, línguas como o português conhecem dezenas desses morfemas, tais como o “-va”, que indica tempo passado e aspecto não concluído, e o “-mos”, que indica a primeira pessoa do plural. Em algumas outras línguas, o número desses sufixos pode ser extremamente elevado. Por exemplo, no kivunjo, língua falada na Tanzânia, existem centenas ou mesmo milhares de morfemas verbais que exprimem uma vastidão de nuances de significados (KENEDY, 2013, p.89).

Assim, entendemos que mesmo se pautando nos princípios universais, as línguas são independentes e têm funcionamento próprio tanto no que diz respeito aos verbos, com uma morfologia rica ou não, quanto de outras categorias gramaticais. Na próxima seção elencaremos alguns tipos de verbos comuns às línguas orais, como a língua portuguesa, e como estes são analisados à luz da gramática gerativa.

3.4 ESTRUTURA ARGUMENTAL E TIPOLOGIA VERBAL

Conforme teoria gerativista, os verbos são núcleos lexicais (categoria V), por isso carregam traços que são informações e valores contidos num item lexical. Dentro do modelo minimalista, são três os tipos de traços presentes na estrutura sintática: traços fonológicos, traços semânticos e traços formais.

Os verbos, como categoria lexical, possuem esses tipos de traços. Quando pronunciamos o verbo “comer”, por exemplo, são os traços fonológicos que estabelecem a relação da língua com nosso sistema articulatório-perceptual, o qual nos faz, por meio do aparelho sensorio-motor, produzir os sons da fala. Nesse item também estão contidas algumas outras informações como, por exemplo, a ação de ingerir algum alimento sólido, informações que estão nos traços semânticos. Por sua vez os traços formais dizem respeito às relações que este verbo irá estabelecer com outros elementos em uma sentença. Sabemos que o verbo “comer” irá estabelecer relações com um *agente* (quem come) que é o papel temático do argumento externo desse verbo e um *tema* (o que é comido) que é seu argumento interno.

(14) [_{Agente} Mariana] comeu [_{Tema} a torta de maçã].

Segundo o modelo gerativista, a categoria V se caracteriza entre outras coisas, pela capacidade de selecionar argumentos, que envolve dois aspectos, distinguindo-se em seleção categorial e seleção semântica. Não somente os verbos apresentam essa capacidade, mas também os outros núcleos lexicais, como: nomes, adjetivos, preposições e advérbios.

A seleção categorial diz respeito à capacidade que o verbo ou outro núcleo têm de selecionar categorialmente (c-seleção) seus argumentos, ou seja, se considerarmos a flexão verbal como um núcleo funcional então, este irá c-selecionar um sintagma da categoria dos verbos, um VP como complemento. Já um núcleo verbal como “gostar” c-seleciona obrigatoriamente um PP.

Os verbos também fazem seleção semântica (s-seleção), isto é, têm a capacidade de selecionar semanticamente seus argumentos. O verbo “beber”, por exemplo, tem que selecionar como argumento externo algo que tenha propriedades semânticas compatíveis a *quem ingere* e como argumento interno algo com propriedades líquidas *algo a ser ingerido*.

(15) [Argumento externo O menino] bebeu [Argumento interno o leite].

Considerando essa perspectiva, o primeiro grupo de verbos que podemos destacar é o dos chamados verbos principais ou plenos. Estes verbos compõem a categorial lexical, por isso também são chamados de verbos lexicais. Fazem parte dessa categoria os verbos que são núcleos semânticos de uma sentença e mantêm relações sintáticas com seus argumentos. Esses verbos compõem a categoria V. Dentro do grupo dos verbos que podem selecionar seus argumentos, podemos agrupá-los em três tipos: verbos transitivos, verbos inergativos (também conhecidos como intransitivos) e verbos inacusativos.

Esses verbos são classificados de acordo com a quantidade de argumentos que eles selecionam, vejamos: os verbos transitivos são aqueles que selecionam um argumento externo e um ou dois internos, por exemplo, o verbo “ver”, pois seleciona algo ou alguém que vê e algo ou alguém a ser visto. Como também o verbo “colocar” que obrigatoriamente seleciona três argumentos.

(16)a. [Argumento externo Rapaz] viu [Argumento interno uma linda garota].

b. [Argumento externo Ela] colocou [Argumento interno os pratos] [Argumento interno no armário].

Já os verbos inergativos são verbos que selecionam apenas um argumento externo ou, dito de outra forma, são verbos que não marcam Caso ergativo, ou seja, tanto o argumento externo de um verbo transitivo (17a), quanto o argumento externo de um verbo monoargumental (17b) são marcados com Caso nominativo.

(17) a. [Nominativo João] viu um morcego.

b. [Nominativo João] correu.

Os verbos inacusativos selecionam apenas argumento interno. Tais verbos são assim chamados, por não conseguirem atribuir Caso acusativo a seu argumento interno. Como explica Kenedy (2013), em português, somos obrigados a usar um pronome na forma do Caso nominativo para licenciar o argumento de um verbo como “chegar” (18a). Embora saibamos que para um pronome na posição de argumento interno o caso poderia ser acusativo, se assim o fizermos a sentença ficaria agramatical como em (18b).

(18) a. [Caso nominativo Ela] chegou.

b. * A chegou

Sabemos que “chegar” é um verbo que seleciona apenas argumento interno, mesmo que este ocorra em uma posição anterior ao verbo como em (19). Em frases com esse tipo de verbo, é o argumento interno que ocupa a posição de sujeito, por isso muitas vezes ele é confundido com o *agente*, porém exerce papel temático de *tema*.

(19) a. [Tema A menina] chegou.

Numa estrutura arbórea inicial, o DP “a menina”, estaria em uma posição de complemento do verbo, onde ele recebe papel temático de *tema*, mas não recebe caso acusativo, por isso é alçado para a posição de Spec de IP para ocupar a posição de sujeito da sentença e receber caso nominativo. Conforme Duarte (2003 *apud* CARVALHO, 2006), os verbos inacusativos dividem-se em: verbos que denotam eventos com uma causa interna; verbos de movimento que exprimem uma direção inerente; e verbos de existência e de aparição.

Por outro lado, nem todos os verbos são capazes de selecionar semanticamente seus argumentos, são os chamados verbos leves. Esvaziados de carga semântica, tais verbos não têm uma estrutura argumental, ou seja, não predicam argumentos, por isso não atribuem papel temático. Porém, conforme Gomes (2004), isso não é uma condição desses verbos, mas uma atuação, pois em si mesmos eles têm carga semântica, porém em algumas sentenças eles atuam como verbos leves. O verbo *dar*, por exemplo, para esse autor, pode exercer funções distintas como uso idiomático, verbo leve e verbo lexical regular.

(20) a. João **deu** um presente a namorada.

b. João **deu** um beijo na namorada.

Observemos que em (20a) o verbo *dar* é um predicador e seleciona três argumentos, um argumento externo “João” que tem papel temático de *agente* e dois argumentos internos, um com papel temático de *tema*, “um presente”, e outro de *benefactivo*, “a namorada”. Por outro lado, no exemplo (20b), o verbo *dar* atua como um verbo leve, e seu sentido só é possível por conta de sua relação com um nome “beijo”, ou seja, seu significado depende de outros itens da sentença.

Temos também os verbos existenciais comumente chamados de impessoais. Estes verbos caracterizam-se por não selecionarem sujeitos. Silva (1996, p. 186 *apud* CORREIA s/d) define esse tipo de verbo como aquele que “ocorre em estruturas que não selecionam sujeito, mas um sintagma nominal interpretado como complemento direto e um elemento locativo expresso por sintagma preposicional ou por um seu substituto adverbial”. Os verbos existenciais são os verbos com sentido de existência que selecionam um argumento *tema* conforme exemplo de Correia (s/d):

(21) a. [Deus] **é**. (argumento tema = Deus)

b. [Os Fantasmas] não **existem**. (argumento tema = os fantasmas)

c. **Existe** [muito prédio] em Recife. (argumento tema = muito prédio)

Contudo, ainda segundo Correia (s/d) os verbos *haver*, *ter* e *ser* podem ser vistos também, em construções existenciais como auxiliares verbais por não estarem associados à atribuição de papel temático.

Viotti (2000, p. 44) observa que o verbo *ter* constrói diferentes significados e permite diferentes configurações sintáticas e isso se deve ao fato de *ter* ser um verbo leve, semanticamente vazio, incapaz de estabelecer relações predicativas com seus argumentos e de atribuir a eles papéis temáticos.

Assim como os inacusativos, as sentenças com verbos existenciais precisam satisfazer o Princípio da Projeção Estendido (EPP), que alude que a posição do sujeito sempre deve ser preenchida. Isto significa que nas sentenças com verbos existenciais, que só possuem argumento interno, ou um expletivo ocupa Spec IP ou o argumento interno ocupa a posição de sujeito. Para Viotti (2000), o verbo *ter*, e também o verbo *haver*, além de construírem

sentenças existenciais, podem ainda significar posse, auxiliar e modal. Vejamos exemplos conforme a autora: (p. 43)

- (22) a. A Cecília já **tem** o livro novo do Veríssimo. (Posse alienável)
 b. O Eduardo **tem** barba ruiva. (Posse inalienável)
 c. A Susana **tem** muita enxaqueca no verão. (Experiência)
 d. Aquele baú **tem** roupas pra serem doadas. (Locação)
 e. Eu **tenho encontrado** meus parentes com uma certa frequência. (Auxiliar)
 f. O Antonio **vai ter** que estudar muito se quiser passar no exame. (Modal)

Há ainda outra classe de verbos, os auxiliares. Segundo a definição de Lunguinho (2011), verbos auxiliares são verbos que se combinam com a forma não finita de outro verbo para exprimir os mais variados conceitos, tais como tempo, modo, aspecto e voz.

Esses verbos, ainda segundo o mesmo autor, apresentam quatro propriedades que os definem: 1) pertencimento à categoria dos verbos; 2) apresentam um traço verbal não valorado, ou seja, sempre serão concatenados a uma projeção verbal, ou a um item que contenha uma projeção verbal; 3) não atribuem papel temático e 4) formam com o verbo principal um mesmo domínio oracional que, na Gramática Tradicional (GT), é chamado de locução verbal. Com essas características temos os verbos *ser*, *estar*, *ir* e *ter*.

Por esses verbos não selecionarem argumentos, consequentemente não atribuem papel temático, por isso mesmo quando há numa sentença a presença desses verbos os papéis temáticos são atribuídos pelo verbo principal o qual está relacionado ao auxiliar. Vejamos:

- (23) a. A árvore **está** caindo.
 b. O homem **tinha** comprado um livro.
 c. A menina **vai** dar a boneca para a amiga.

Como podemos observar, os argumentos são selecionados pelos verbos principais de cada sentença *cair*, *comprar* e *dar*, que têm carga semântica, e não pelos verbos auxiliares. Assim, os auxiliares não são responsáveis pela atribuição de papéis temáticos. Outro aspecto interessante que Lunguinho (2011) aponta para demonstrar a não atribuição de papéis temáticos pelos auxiliares, é o fato de estes verbos se ligarem a outros verbos que também não são atribuidores de papéis temáticos, como é o caso dos verbos meteorológicos:

- (24)a. **Está** chovendo lá fora.
 b. **Tinha** chovido muito.
 c. **Vai** nevar hoje!

Podemos observar também, que enquanto o verbo principal e o copulativo podem ser concatenados com os outros elementos da sentença sem a presença do auxiliar, ou seja, podem ser os únicos verbos na sentença, o verbo auxiliar não pode se concatenar com outros elementos da sentença, pois ele sempre estará concatenado com uma projeção verbal ou com um item que contenha uma projeção verbal. Conforme exemplo citado por Lunguinho (2011, p. 17):

- (25)a. O céu **escureceu**
 b. O céu **ficou** escuro
 c. O céu **tinha escurecido**
 d. O céu **tinha ficado** escuro

No exemplo (25a), com verbo principal, e em (25b) com um copulativo, esses verbos são os únicos nas sentenças, porém em (25c) e em (25d) o auxiliar *tinha* necessita da presença de outros verbos.

Há ainda verbos denominados psicológicos. Consoante às explicações de Naves (2000), esses verbos denotam um estado emocional cuja grade temática envolve um argumento externo que recebe o papel temático de experienciador, o qual é o indivíduo afetado pela experiência mental ou emocional descrita pelo verbo e um argumento interno (Tema ou Causador), respectivamente o receptor ou o desencadeador do estado mental.

De acordo com Cançado (2012), os verbos psicológicos apresentam diferentes fenômenos relacionados à organização da estrutura argumental. Para a autora uma peculiaridade apresentada por esses verbos é que o argumento que recebe o papel temático de experienciador pode aparecer tanto na posição de sujeito, quanto na posição de complemento de verbos, apresentando o mesmo significado ou significados semelhantes.

Vemos que a tipologia verbal está, dentro da análise gerativista, intimamente relacionada à estrutura argumental. Então, neste aspecto faz sentido considerar a questão da MD, apresentada na seção anterior, a respeito da informação sobre a estrutura argumental, isto é, a identificação desta na raiz semântica ou no núcleo categorizador. Como em libras, as

raízes se apresentam desprovidas de qualquer morfema categorizador explícito, a identificação da categoria de um sinal recai sobre a identificação de sua estrutura argumental ou da identificação deste dentro da estrutura argumental de outro sinal. Ou seja, a informação sobre a estrutura argumental, ou pelo menos parte dela, não pode estar presa à raiz, porque, se assim fosse, as línguas não poderiam apresentar itens completamente desprovidos de morfologia categorial, conforme propõe a MD. Neste sentido, a tipologia verbal em libras está relacionada a um núcleo categorizador abstrato, que pelo que parece não se manifesta por uma morfologia explícita. Voltaremos a esta questão no capítulo seguinte.

3.5 AS PROPRIEDADES FUNCIONAIS DA SENTENÇA E SUA RELAÇÃO COM A CATEGORIA VERBAL

Além da estrutura argumental, as propriedades funcionais da sentença são também correlacionadas à categoria verbal dentro do quadro teórico gerativista. Nessa linha de análise, o posicionamento sintático das projeções funcionais da sentença, que é, segundo Cinque (1999, *apud* PEREIRA, 2013), extremamente ordenado e hierarquizado, relaciona-se ao fato de que os núcleos funcionais sentenciais estão diretamente interligados à marcação das categorias verbais. Assim, propriedades como Tempo, Aspecto, Modo/Modalidade, além de Voz e Número seriam expressas pelas línguas por meio de um complexo e diversificado arcabouço de projeções funcionais disponíveis já na própria estrutura da GU humana.

Quanto às propriedades funcionais de Tempo e Aspecto, Costa (1990) afirma que os discursos linguísticos representam três entidades básicas no seu nível semântico: (i) as entidades de primeira ordem, localizadas na dimensão espacial – são aquelas compostas pelos objetos físicos (indo, em ordem decrescente, dos humanos aos animais e objetos inanimados); (ii) as entidades de segunda ordem, localizadas na dimensão temporal – são aquelas compostas pelos estados, processos e eventos; e (iii) as entidades de terceira ordem – aquelas compostas por elementos abstratos, como as proposições, as quais não se localizam especificadamente nem no tempo nem no espaço.

Sendo os acontecimentos, atos, processos, atividades e estados, elementos representativos das entidades de segunda ordem, estes são, portanto, elementos localizados no tempo por meio da dêixis linguística. Comenta Pereira (2013) que a dêixis é definida com base no discurso linguístico e a localização temporal de uma entidade por meio da dêixis é realizada tendo por parâmetro a noção de ponto dêítico, que é, conforme Costa (1990), o

ponto espacial e temporal em que o falante está situado no momento em que fala. Explica Pereira (2013) que, para se referir ao tempo físico por meio da dêixis, as línguas naturais dispõem das categorias de Tempo, Aspecto e Modo (TAM). Segundo Costa (1990), enquanto a categoria de Tempo marca na língua a posição que os fatos ocupam no tempo, tornando como ponto de partida o ponto-dêitico da enunciação, a categoria de Aspecto, ao contrário, trata o fato enquanto ponto distribuído na linha de tempo, possível de conter frações de tempo que decorrem dentro dos seus limites. Assim, de acordo com essa análise, a diferença existente entre as categorias de Tempo e de Aspecto verbal estaria na divisão dos tempos verbais em: *simples*, que recorrem a um único ponto dêitico, por exemplo, o presente; e *relativos*, que se apoiam em outros tempos, por exemplo, o pretérito-mais-que-perfeito do português.

Assevera Pereira (2013) que, enquanto os tempos verbais simples relacionam-se exclusivamente à categoria Tempo e são perfectivos, os tempos verbais relativos relacionam-se às categorias de Tempo e de Aspecto e são imperfectivos. Consoante Costa (1990), a oposição entre Tempo e Aspecto, define-se da seguinte maneira: o Tempo refere-se a um *tempo externo* e é uma categoria que coloca o *fato no tempo*; já o Aspecto refere-se a um *tempo interno* e é uma categoria que coloca o *tempo no fato*. Nessa perspectiva, o perfectivo é a variante não-marcada por Aspecto, enquanto o imperfectivo é a variante marcada positivamente por essa propriedade. Para Costa (1990), a categoria de Modo estaria incluída na categoria do Aspecto, não havendo motivos para separação entre estas.

Quanto à categoria de Número Costa (1990), assumindo o que é proposto por Coseriu (1980, p. 21), a identifica como expressão da repetição ou não da ação expressa pelo verbo.

Estou entendendo por Número Verbal aquilo que é proposto por COSERIU (1980, pág. 21): a categoria de Número Verbal se aplica aos verbos quando se expressa a repetição ou não do fato verbal, o que produziria a oposição semelfactivo (fato verbal expresso como único, singular, ocorrendo apenas uma vez) x repetido (iterativo ou frequentativo). Assim, aquilo que as gramáticas normativas chamam de verbos iterativos ou frequentativos, como saltitar, expressa, muitas vezes, repetições de fatos verbais singulares, nesse caso, do fato verbal expresso pelo verbo saltar (esse, um semelfactivo). O par saltar x saltitar seria, então, melhor compreendido se analisado como exemplo da aplicação da categoria de Número para os verbos (COSTA, 1990, p. 25).

Por fim, a categoria de Voz está relacionada, segundo Cinque (1999, *apud* PEREIRA, 2013), diretamente aos tradicionalmente chamados de “advérbios de modo/maneira”, ou em

outra definição, os sintagmas adverbiais de modo. Explica Pereira (2013, p. 102) que “uma possível comprovação disso vem do fato de que em algumas línguas, como em língua Maori (Austronesian), as partículas linguísticas indicativas de modo/maneira realizam concordância com os verbos em voz passiva”.

Conforme Pereira (2013), Cinque (1999) argumenta a favor da existência de diversas projeções funcionais dentro da arquitetura sintática das línguas naturais (dentro da hipótese da Hierarquia Linear Universal) e essas projeções estariam interligadas de maneira direta com os morfemas, afixos, partículas auxiliares e partículas funcionais verbais existentes que ocorrem nas sentenças das línguas, conforme resumido abaixo:

- Núcleos funcionais ligados à categoria de Tempo: T(Past), T(Future), T(anterior);
- Núcleos funcionais ligados à categoria de Modo/Modalidade: Mood_{speechact}, Mood_{evaluative}, Mood_{evidential}, Mod_{epistemic}, Mood_{irrealis}, Mod_{alethnecess}, Mod_{volition}, Mod_{obligation}, Mod_{ability/permis};
- Núcleos ligados à categoria de Aspecto: Asp_{habitual}, Asp_{repetitive(I)}, Asp_{frequentative(I)}, Asp_{celerative(I)}, Asp_{terminative}, Asp_{continuative}, Asp_{perfect}, Asp_{retrospective}, Asp_{proximative}, Asp_{durative}, Asp_{progressive}, Asp_{prospective}, Asp_{ompletiveSg}, Asp_{ompletivePl}, Asp_{celerative (II)}, Asp_{repetitive (II)}, Asp_{frequentative (II)}, Asp_{completive (II)}; dentre os quais, também, há aqueles Núcleos ligados, notadamente, a categoria de Número: Asp_{habitual}, Asp_{repetitive (I)}, Asp_{frequentative (I)}, Asp_{repetitive (II)}, Asp_{frequentative (II)};
- Núcleos funcionais ligados à categoria de Voz: VoiceP. (PEREIRA, 2013, p.103)

4 A CATEGORIA VERBAL EM UMA LÍNGUA GESTOVISUAL

Nesse capítulo faremos uma revisão dos principais trabalhos que tratam dos estudos já realizados sobre os verbos em libras. Consideramos importante fazer esse breve percurso para compreendermos quais os avanços nas pesquisas sobre os aspectos linguísticos dessa língua e também porque será relevante para o estudo a ser desenvolvido no capítulo 5, o capítulo de análise dos dados. Assim, abordaremos os tipos de verbos, a marcação temporal, a saturação do predador verbal e também o fenômeno chamado de classificadores na língua brasileira de sinais.

4.1 PANORAMA DOS ESTUDOS SOBRE OS TIPOS DE VERBOS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Como sabemos a categoria dos verbos tem que estar presente em todas as línguas naturais, pois é um princípio universal, mas a forma como essa categoria se manifesta morfológicamente pode ser bastante diversa entre as línguas. Uma das questões envolvendo a libras mediante o modelo de Princípios e Parâmetros, que nos chama a atenção é a seguinte: segundo esse modelo, o nosso léxico mental possui informação de categoria, por exemplo, distingue nomes de verbos:

- (26)a. Paulo invadiu uma loja.
b. *Paulo invasão uma loja.

Qualquer usuário da língua portuguesa, por exemplo, jamais cometeria uma agramaticalidade como a do exemplo em (26b). Isto porque, em línguas com o português, que é de morfologia rica, o falante percebe uma diferença morfofonética entre as categorias lexicais, podendo facilmente distinguir um nome de um verbo. Já em libras, língua gestovisual, marcas morfológicas de categorias gramaticais não são verificadas como no português. O que empiricamente se percebe é que libras é uma língua de morfologia pobre. Os itens lexicais, no geral, apresentam uma única forma, ou seja, não parece existir um morfema que marque diferença categorial. É o que observa Almeida (2013).

(...) libras vem mostrando ser uma língua que não apresenta marcas morfológicas definidoras de morfemas verbais, nominais, adjetivais etc. Por exemplo, diante de um sinal como CRESC(ER) isolado, fica difícil saber se

Entretanto, a discussão sobre a existência ou não de morfologia marcadora de categorias gramaticais em libras parece ainda estar longe de um consenso. Autoras como Quadros e Karnopp (2004) em seu livro “*Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*” defendem a hipótese de haver em libras uma marca morfofonológica que distingue a categoria nominal da categoria verbal. Seguindo a proposta dos pesquisadores Supalla e Newport (1978) nos estudos da *American Sign Language* (ASL), Quadros e Karnopp (2004, p. 96) afirmam que se observa “que a língua de sinais brasileira pode derivar nomes de verbos pela mudança no tipo de movimento. O movimento dos nomes repete e encurta o movimento dos verbos”. Vejamos exemplos das autoras.

(29)



Figura 16: Mudança categorial

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 97).

No exemplo citado temos o verbo TELEFON[ar], com movimento longo e sem repetição e o nome TELEFONE, onde o movimento é curto e se repete.

(30)



Figura 17: Mudança categorial

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 97).

Nesse exemplo temos o verbo SENT[ar] e o nome CADEIRA, que se diferenciam, conforme as autoras, por características morfofonéticas marcadas pelo movimento. Dessa forma, os sinais têm a mesma configuração de mãos e ponto de articulação, diferenciando apenas no tipo de movimento, configurando então o que Quadros e Karnopp (2004) consideram como um par mínimo em libras.

Quanto a isso, Pizzio (2011) elaborou testes para investigar se realmente surdos usuários de libras fazem distinção entre nomes e verbos. Com base em dados de sua pesquisa a autora afirma que:

Os resultados obtidos mostram que há bastante variação na produção dos indivíduos. Nem sempre foi observado o padrão esperado para a produção dos nomes e verbos, principalmente para aqueles pares que apresentam ou um movimento circular do sinal ou um movimento alternado de mãos e braços para realizar o sinal. Muitas vezes, os indivíduos não diferenciavam na sua produção o nome e o verbo, produzindo o mesmo sinal para ambos os casos. Em outras situações, a diferenciação ocorreu por meio do uso de sinais compostos, principalmente na produção dos nomes. Houve ainda a diferenciação dos pares por meio do uso de *mouthings* na produção simultânea do sinal para o nome e/ou para o verbo. (PIZZIO, 2011, p. 227)

Como observado por Pizzio (2011), não há um padrão produtivo na diferenciação dos pares de nomes e verbos, significando talvez que na língua não exista mesmo uma marca morfofonológica específica, ficando a diferença entre nomes e verbos configurada pelo contexto sintático. Também não percebemos em nossos dados essa diferença na fala dos usuários surdos de libras pesquisados, pois não notamos nenhuma marca significativa que diferencie tais categorias, funcionando como paradigmas produtivos.

É importante ressaltar ainda que essa questão também é abordada na literatura especializada como investigação sobre a concordância verbal. É comum encontrarmos uma tipologia verbal proposta por vários autores (PADDEN, 1998; MEIER, 2002; QUADROS; KARNOPP, 2004; QUADROS; QUER, 2010), que embora não abordem a questão da definição categorial, por meio de uma marca específica claramente identificada, investigam uma possível marca de concordância nas línguas de sinais.

Explicam Quadros e Quer (2010, p.33), que a concordância em línguas naturais é entendida como um fenômeno gramatical, no qual os traços formais de um elemento são determinados por traços de outro elemento em uma relação de covariância, ou seja, “a presença de um elemento na sentença requer uma forma particular de outro elemento que é gramaticalmente ligado a ele” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 199).

Dentro do quadro teórico da Gramática Gerativa, a relação de concordância sujeito-verbo, verificado em línguas orais, depende de traços- ϕ (ϕ), que correspondem aos traços gramaticais de pessoa, número e gênero. De acordo com Chomsky (2001 *apud* SIQUEIRA; SEDRINS, 2012), um item lexical pode apresentar, entre outros tipos de traços, traços-interpretáveis ou não-interpretáveis pelas interfaces fonética e semântica da gramática.

Conforme Sandler e Lilo-Martin (2006, p. 24 *apud* OLIVEIRA; CUNHA, 2009), “considera-se concordância o processo de modificar a estrutura do verbo de acordo com certos aspectos formais do sujeito ou do objeto nominais, em língua de sinais”.

Diante disso, como identificar uma possível concordância na libras? Para as autoras Quadros e Quer (2010), os estudos das línguas de sinais mostram que nessas línguas há um conjunto de verbos que possuem propriedades morfofonológicas que correspondem à concordância com seus argumentos. Comumente os autores fazem uma divisão dos verbos nas línguas de sinais em determinados tipos, tais como: *verbos com concordância*, *verbos sem concordância* ou *simples e verbos espaciais*, seguindo a proposta de Padden (1983-1988 *apud* QUADROS; QUER, 2010). Essa divisão é feita levando em conta que verbos espaciais, que também demonstram um tipo de concordância, se diferenciem dos verbos com concordância. Isso porque, a concordância feita pelos verbos espaciais é locativa e a dos verbos com concordância se dá com seus argumentos, sujeito e objeto. No entanto, outros autores, como Quadros (1999 *apud* QUADROS; KARNOPP, 2004), agrupam verbos com concordância e verbos espaciais em uma mesma categoria, ou seja, ambos têm concordância.

Nesta seção, para efeito de contemplar um maior número de propostas de classificações verbais, dividiremos os tipos verbais em: *verbos com concordância*, *verbos sem concordância*, *verbos espaciais*, *verbos manuais*, *verbos classificadores* e *verbos autossaturados*, lembrando que mesmo nessa divisão, pode haver subdivisões ou mesmo nomenclaturas diferentes para o mesmo tipo de verbo.

4.1.1 Verbos com concordância

De acordo com Quadros e Karnopp (2004), os verbos com concordância são verbos que flexionam em *pessoa*, *número* e *aspecto*, mas não incorporam afixos locativos. Ou ainda, podemos entendê-los como aqueles que concordam morfológicamente com os argumentos ocupando as posições de sujeito e objeto e isso pode ser identificado por meio da trajetória do movimento que compõe a articulação do sinal. Por exemplo, o verbo ENTREG[ar] é

classificado como verbo com concordância, pois sua trajetória marca o sujeito e o objeto, ou conforme Quadros e Quer (2010), uma trajetória que vai do *lôcus* do objeto ao *lôcus* do sujeito, isso porque essas autoras consideram que a concordância está relacionada aos papéis temáticos fonte e alvo. Vejamos:³³

- (31) a. $\text{W/}\overline{\text{Q}\omega\text{w}\text{r}\text{Y}}$.
 $\text{LocEU ENTREG[ar]LocVOCÊ}$
 ‘Eu entreguei a você’.
- b. $\text{W/}\overline{\text{Q}\omega\text{w}\text{r}\text{Y}}$.
 $\text{LocVOCÊ ENTREG[ar]LocEU}$
 ‘Você entregou para mim’.

No exemplo (31a), o sujeito é a 1ª pessoa e o objeto *benefactivo* é a 2ª pessoa, assim a mão se move do corpo do sinalizante (falante) em direção ao destinatário. Já no exemplo (31b), o sujeito tem o traço de 2ª pessoa e o objeto *benefactivo* o de 1ª pessoa. A mão se move aí no sentido contrário do verbo anterior. Em escrita SEL, o essa diferença de direção do movimento é representada pelos caracteres Y (para frente) e Y (para trás).

Outro tipo de marcação de concordância apontado pelos autores, que por hora chamaremos de morfofonológica, é a direção da palma da mão, ou seja, em alguns casos, dependendo da posição da palma da mão é possível identificar o sujeito e o objeto da sentença como, por exemplo, os verbos nas figuras abaixo:

- (32) a. $\text{m}\text{h}\text{f}\text{h}\text{Y}$
 PERGUNT[ar]

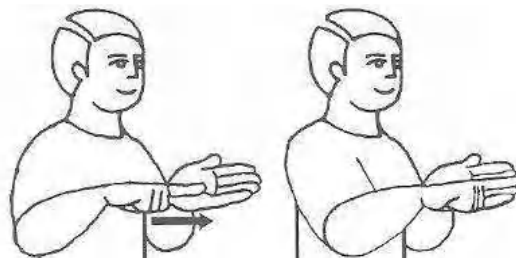


Figura 18: Sinal perguntar

Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 1033)

³³Para identificação dos traços de pessoa nos verbos utilizamos nas glosas as siglas Loc, de Localizador, conforme os estudos de Prado e Lessa-de-Oliveira (2012), que tratam dessa forma o fenômeno de “apontação” de referente que ocorre isoladamente ou incorporada aos verbos direcionais.

b. ሙከፍፍሂ

PERGUNT[ar]-ME

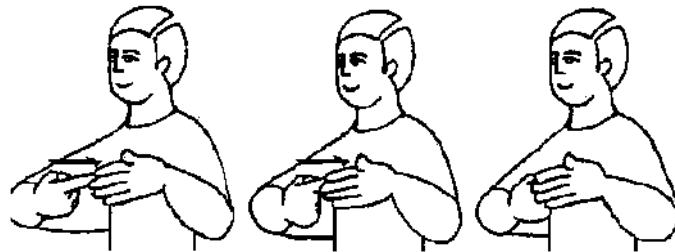


Figura 19: Sinal perguntar-me

Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 1033)

(33)a. ሕጻህሂ

RESPOND[er]

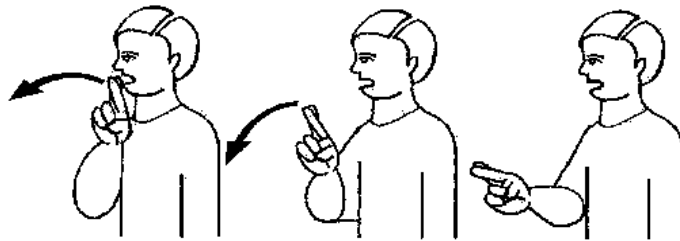


Figura 20: Sinal responder

Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 1938)

b. ሕጻሁሂ

RESPOND[er]-ME

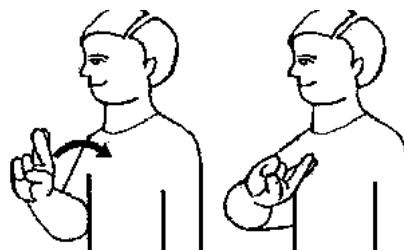


Figura 21: Sinal responder-me

Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 1939)

- (34)a. $\text{vm}/\text{a}\text{u}\text{Y}$
AVIS[ar]

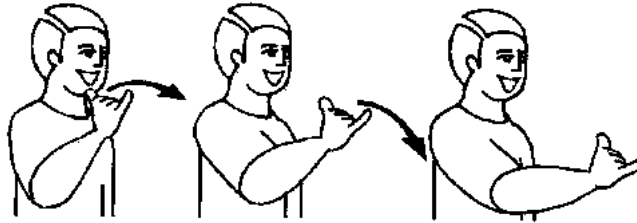


Figura 22: Sinal avisar

Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 252)

- b. $\text{vm}/\text{P}\text{u}\text{Y}$
AVIS[ar]-ME

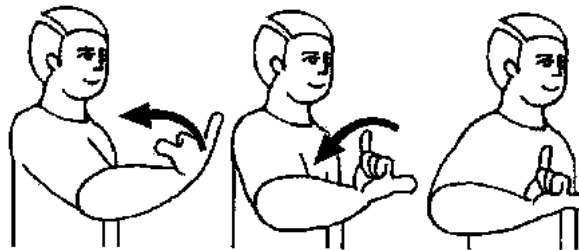


Figura 23: Sinal avisar-me

Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 252)

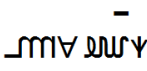
Porém muitos autores divergem quanto à definição desse tipo de verbo. Encontramos autores como Supalla (*apud* QUADROS; QUER, 2010), que chamam esses de *verbos de movimento*, outros tratam como *verbos direcionais*, *verbos flexionados*, *verbos com concordância*, *verbos com flexão*.

Observando os exemplos (32) e (34) verificamos a mesma marcação de direção do movimento do sujeito ao objeto benefactivo, que se verifica no exemplo (31). A direção da palma é na verdade o um aspecto a mais, que talvez não seja o fator fundamental da concordância. Já em (33) a mudança de direção de palma parece nem mesmo ocorrer. Além da marcação de movimento do sujeito ao objeto benefactivo, verificamos uma mudança de ponto de articulação: boca (u) no caso de RESPOND[er] e tórax (P), no caso de RESPOND[er]-ME.

Também podemos encontrar na literatura uma análise que divide os verbos de línguas de sinais em: *verbos com concordância morfológica* e *verbos com concordância sintática*. A concordância morfológica ocorreria com os papéis temáticos *fonte* e *alvo* e seria marcada pela trajetória, e a concordância sintática ocorreria com o *sujeito* e *objeto* e seria marcada pela direção da palma da mão (QUADROS; QUER, 2010).

Ainda dentro dos verbos com concordância Quadros e Karnopp (2004) citam os *backward verbs*, ou no português, *verbos reversos*. Para as autoras, esses verbos iniciam sua trajetória na posição de objeto e a concluem na posição de sujeito.

São exemplos desse tipo de verbo: CHAM[ar], PEG[ar]/ BUSC[ar].

- (35)a. 
CHAM[ar]

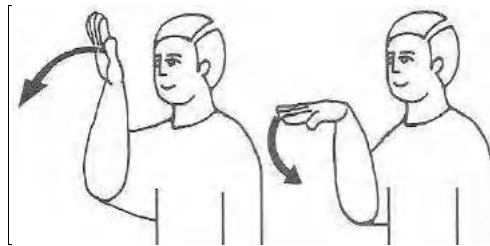
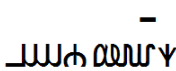


Figura 24: Sinal chamar

Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 714)

- b. 
PEG[ar]/BUSC[ar]

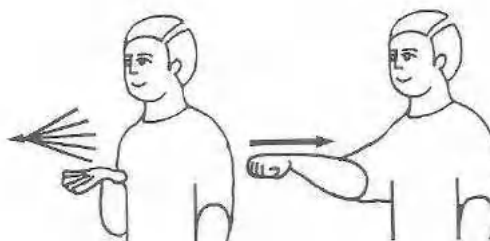


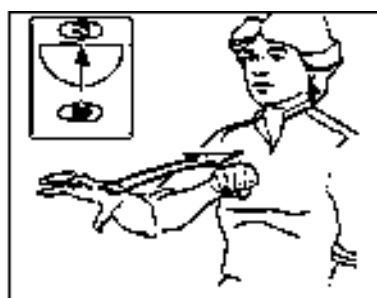
Figura 25: Sinal pegar

Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 714)

Conforme Meir (1998), as figuras abaixo mostram a forma flexionada do verbo reverso TAKE (na ASL). O percurso do movimento é do *locus* do objeto ao *locus* do sujeito.

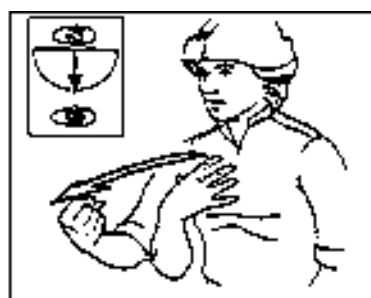
Conforme exemplo da autora:

- (36)a. $\Xi\phi\alpha\omega\gamma$.
 Loc EU TAKE LocVOCÊ
 ‘I take from you.’
 ‘Eu tirei de você’.
- b. $\Xi\psi\tau\alpha\omega\gamma$.
 LocVOCÊ TAKE Loc EU
 ‘You take from me.’
 ‘Você tirou de mim’.



TAKE_1

Figura 26: Verbo reverso



TAKE_2

Figura 27: Verbo reverso

4.1.2 A natureza dos controladores dos traços de concordância na libras

Para Quadros e Quer (2010) e Meir (2002), os elementos responsáveis pela concordância verbal têm propriedades linguísticas. Entretanto, conforme mencionam Quadros e Quer (2010), existem autores como Liddell (2003) e Schembri e Cormier (2009) que assumem que a concordância verbal é controlada por propriedades não linguísticas, pois as formas dos verbos se flexionam com base na localização do espaço da sinalização e não são traços inerentes ao verbo.

[...] Liddell (1990, 1995) sugere que os pontos no espaço devem ser descritos como entidades mentais (pictóricas). Segundo sua análise, tais entidades não podem fazer parte do sistema linguístico, pois envolvem espaços reais contendo uma representação mental do objeto/referência em si. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 200).

Como vemos na citação acima, para Liddell (1990, 1995), os pontos de marcação do referente não fazem parte do sistema linguístico, devido a sua natureza pictórica. Ou seja, isto é o que costuma ser compreendido como aspecto tridimensional das línguas de sinais, que

envolveria inclusive sua sintaxe. Assim, para alguns autores esses pontos são responsáveis pela concordância nas línguas de sinais; estes seriam, então, os elementos linguísticos. Ainda conforme Quadros e Quer (2010), Liddell (1990, 1995) afirma que a propriedade dos verbos de estarem direcionados para localizações específicas é de ordem gestual e, conseqüentemente, o autor renomeia os verbos de concordância como *verbos indicativos*.

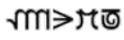
Prado (2014) trata os verbos direcionais dentro de seu estudo dos elementos de “apontação”, denominado por ela de Localizadores (Loc). A autora agrupa tais elementos por sua natureza articulatória em dois grupos: articulados e não-articulados (LocNA). Tomando como base a hipótese da unidade MLMov, de Lessa-de-Oliveira (2012), essa autora assume que os Locs articulados são os que apresentam em sua articulação gestual uma ou mais dessas unidades e os Locs não-articulados caracterizam-se pela não articulação como unidades MLMov. Ancorando seu estudo nos postulados teóricos gerativistas, a autora defende a hipótese de que estes elementos são núcleos determinantes (núcleos D), por terem como característica principal a marcação de referentes, ou seja, funcionando como Determinantes de itens nominais (NPs) realizados, ou ocorrendo como proformas (com NPs vazios).

Com base nesta análise, a autora considera que, dentre outras possibilidades, os Locs não-articulados ocorrem incorporados a verbos direcionais. Explica Prado (2014, p. 45) que “podemos observar a realização do item verbal que parte de um ponto ao outro no espaço físico discursivo. Estes pontos correspondem aos localizadores”. Conforme Prado (2014, p. 46), “como esse tipo de verbo faz a apontação dos referentes presentes ou marcados no espaço físico, a realização de um Loc articulado é dispensável nesse caso”. Comenta ainda a autora que esse fenômeno talvez possa ser comparado ao do sujeito nulo argumental de línguas como o português em que a morfologia flexional rica marca a pessoa, possibilitando a identificação da pessoa do sujeito nulo. Ou seja, Prado (2014) considera que há propriedades linguísticas na “apontação” presente em verbos direcionais. E a principal dessas propriedades é a marcação do referente dos argumentos do verbo.

4.1.3 Verbos sem concordância

Os verbos sem concordância, também chamados de verbos simples, são, conforme Meir *et al* (2006, p. 87), verbos que não codificam propriedade gramatical em concordância com seus argumentos, não possuem nenhuma marca que indique a pessoa do discurso ou o objeto. Essa classe de verbos é considerada a classe padrão nas línguas de sinais. Já para

Quadros e Karnopp (2004), esses são verbos que não se flexionam em pessoa, número e nem incorporam afixos locativos, mas alguns deles apresentam flexão de aspecto. São exemplos desses verbos: GOST[ar], CONHEC[er], COM[er] etc.

(37)a. 
GOST[ar]

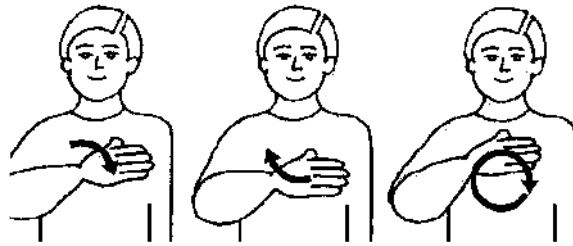


Figura 28: Sinal gostar

Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 714)

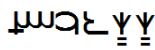
b. 
CONHEC[er]



Figura 29: Sinal conhecer

Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p.449)

b) 
COM[er]

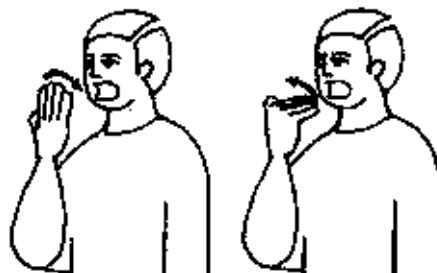
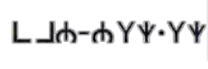


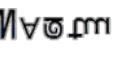
Figura 30: Sinal comer

Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 714)

Com esse tipo de verbo o fenômeno de “apontação”, ou seja, a ocorrência de *Loc* ocorre por outro sinal isolado, que correspondem a pronomes pessoais, demonstrativos ou advérbios, segundo Prado (2014). Além de *Locs*, também podem ocorrer com esses verbos o fenômeno *pro drop*. Enfim, a posição do sujeito e do objeto pode ser preenchida lexicalmente ou por uma categoria vazia.

Exemplos de sentenças retiradas nos nossos dados:

- (38)a.    .
 LocEU /Ø TRABALH[ar] LocAQUI
 ‘Eu trabalho aqui’.

- b.    .
 LocEU/Ø ESTUD[ar] UESB
 ‘Eu estudo na UESB’.

Nesses exemplos o sujeito é marcado pela apontação, mão configurada em zê () com a ponta do dedo tocando o tórax no emissor (), mas pode ocorrer também como uma categoria vazia.

4.1.4 Verbos espaciais

Os verbos espaciais na definição de Meir *et al* (2006, p. 87) são os que denotam movimento e posição no espaço. A direção do movimento codifica a posição dos argumentos locativos, o ponto de partida e o destino. Para Quadros e Karnopp (2004), os verbos espaciais são verbos que incorporam afixos locativos como é o caso dos verbos: IR, COLOC[ar], LEV[ar] etc. Para Quadros e Quer (2010), os verbos espaciais também são verbos de concordância, porém trata-se de uma concordância locativa, pois concordam com argumentos locativos.

Para Prado (2014), como já mencionamos, os chamados verbos locativos e direcionais (de concordância) incluem em sua articulação o Loc, não articulado, que seria o DP objeto, ao apontar um ponto específico no espaço físico, que é tomado como o referente desse objeto.

- (39)a. $\text{m} \rightarrow \text{m} \xrightarrow{*} \text{e} \dots \text{e}$
CHEG[ar]

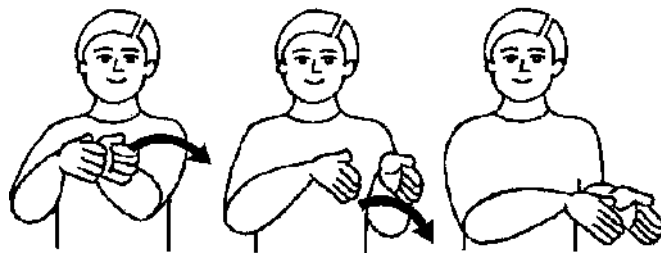


Figura 31: Sinal chegar

Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 398)

- b. $\text{h} \nabla \text{I} \text{Y}$
IR

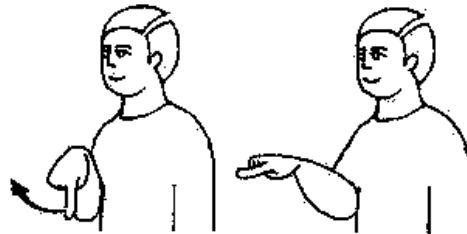


Figura 32: Sinal IR

Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 768)

Vejamos um exemplo de frase com esse tipo de verbo:

- (40) $\text{L} \text{h} \text{e} \text{e} \text{e}$.
 $\text{LocEU COLOC[ar] LocAQUI LocALI LocLÁ}$
'Eu coloquei aqui, ali e lá'.

Como se pode observar em (40), a frase “colocar aqui, ali e lá” se compõe de um único sinal, que se constitui da raiz semântica de “colocar” mais o complemento que recebe o

papel de *alvo*, identificado pela “apontação” para mais de um ponto no espaço físico, os quais correspondem aos lugares onde se indica a colocação de algo. Prado (2014) vê nessa “apontação” um traço dêitico, comum a advérbios locativos, como é o caso de *aqui*, *ali* e *lá*. Por isso a autora considera que esses verbos incluem o Loc complemento, que é sempre dêitico.

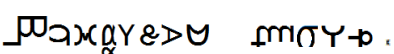
Como podemos perceber, a dita concordância em língua de sinais manifesta-se de forma diferente das línguas orais, mesmo porque essas línguas apresentam uma natureza articulatória distinta. Mas ainda nos restam perguntas em relação à concordância. O que de fato marca essa concordância? É apenas a orientação da palma, a direção do movimento, o olhar? Ou tudo isso simultaneamente? E exatamente que propriedades esses ditos morfemas de concordância estão checando?

Na verdade, o que observamos é que o foco dos trabalhos acima sobre o verbo em línguas de sinais se mostra muito mais preso ao estabelecimento de uma taxonomia do que à análise das propriedades gramaticais que caracterizam essa categoria, nessas línguas, determinando o funcionamento do sistema que constrói as estruturas frasais verbais nas mesmas.

4.2 A SATURAÇÃO DO PREDICADOR VERBAL EM LIBRAS

Nessa seção, procuraremos estabelecer a relação entre o predicator e seus argumentos.³⁴ Conforme Almeida (2013) e Almeida e Lessa-de-Oliveira (2014) a saturação dos predicadores pode ser de quatro tipos: por *categorias lexicais*, por *categorias vazias*, por *Localizadores* (Locs) ou por *autossaturação*. Vejamos cada um segundo a definição das autoras.

A- A *Saturação por sinais lexicais* ocorre quando cada um dos argumentos corresponde a um sinal com a composição MLMov.

- (41) 
 MÃE MORR[er]
 ‘A mãe morre’.

(ALMEIDA; LESSA-DE-OLIVEIRA, 2014, p. 12)

³⁴ Kenedy (2013, p. 143) trata o fenômeno como saturação de argumentos. Segundo ele “a saturação de argumentos nas frases é uma exigência vital dos predicadores. Caso seus argumentos não sejam corretamente representados numa frase, o resultado será uma construção agramatical”.

B- A *Saturação por Localizadores (Locs)* ocorre quando o argumento se realiza como um ponto no espaço físico que corresponde a um referente real ou imaginário³⁵.

(42)a. Com Loc articulado

ᐅᐱᐭᐱ ᐃᐱᐱᐱᐱ ᐱᐱᐱᐱ .

BRUX[a] ADOT[ar]LocBEBÊ

‘A bruxa o adotado’.

(ALMEIDA; LESSA-DE-OLIVEIRA, 2014, p. 12)

b. Com Loc não-articulado (direção do olhar)

ᐱᐱᐱᐱ ᐅᐱᐭᐱ ᐱᐱᐱᐱ

Loc EU/BRUXA DESPREZ[ar] LocCINDERELA

‘A bruxa despreza a Cinderela’.

(adaptado de ALMEIDA; LESSA-DE-OLIVEIRA, 2014, p. 12 e13)

C- Na *saturação por categorias vazias* o argumento não é preenchido por nenhum sinal articulado, nem se relaciona a algum ponto do espaço físico como os Locs, explicam Almeida e Lessa-de-Oliveira (2014).

(43) ᐱᐱᐱᐱ ᐅᐱᐭᐱ .

Ø S[er] BRUX[a]

‘É a bruxa’.

(adaptado de ALMEIDA; LESSA-DE-OLIVEIRA, 2014, p. 12)

D- *Autossaturação* é o tipo de saturação que compreende à junção do predador e do argumento interno ou externo em um único sinal, articulado como unidade MLMov.

(44) ᐱᐱᐱᐱ ᐅᐱᐭᐱ .

³⁵ A grafia dos exemplos de Almeida (2013) está adaptada à versão de atual da escrita SEL.

Ø ENVI[ar] MENSAGEM LocBRUXA

‘Enviaram uma mensagem à bruxa’.

(adaptado de ALMEIDA; LESSA-DE-OLIVEIRA, 2014, p. 13)

4.3 VERBOS QUE INCORPORAM ARGUMENTOS OU VERBOS “MANUAIS”

A classe dos verbos manuais é definida por Quadros e Karnopp (2004), como os verbos que envolvem uma configuração de mão em que se representa “estar segurando um objeto na mão”, ou seja, tais tipos de verbos incorporam argumento, indicando seu formato, se redondo, quadrado, fino etc. Segundo Quadros e Karnopp (2004, p.205):

A classe dos verbos manuais poderia incluir os classificadores que incorporam a informação verbal na sentença, pois também incorporam objeto quando é o caso. Além dessas informações, os classificadores podem incorporar também número e grau. Liddell (1980) refere-se a este tipo de exemplo na língua de sinais americana como ‘predicadores complexos’.

Notamos que o que as autoras chamam de *verbos manuais* é analisado por Almeida (2013) como *verbos autossaturados*, como vimos na seção anterior. Na verdade, o fenômeno da autossaturação é uma espécie de incorporação de argumentos (objeto ou sujeito), quando essa inclusão ocorre naturalmente, ou seja, parece já fazer parte da composição do sinal. Esse fenômeno é diferente da incorporação de argumentos que ocorre ocasionalmente, ou seja, não é intrínseco ao sinal.

Para explicitar isso, utilizamos um exemplo de Veloso (2010):³⁶

VEÍCULO (md) _ULTRAPASSAR VEÍCULO (me).

‘Um carro ultrapassou outro carro. ’

A mão direita (md) realiza o movimento que constitui a raiz verbal do sinal ULTRAPASSAR, enquanto a configuração da mão e sua orientação representam o argumento externo CARRO. A mão esquerda (me) representa o argumento interno CARRO e seu posicionamento em relação ao argumento externo.

(VELOSO, 2010, P. 60)

³⁶ Nessas notações: (md) = mão direita; (me) = mão esquerda; sinais ligados pelo traço_ = sinais realizados pelo movimento contínuo da mesma mão.

Ou ainda um exemplo de Lessa-de-Oliveira (2012, p.161).

(45)LEBRE (me)_APROXIMAR_QUASE_ALCANÇAR TARTARUGA (md).

‘A lebre, que se aproximava da tartaruga, quase a alcançou’.

(Adaptado de LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012, p. 161)

Conforme Lessa-de-Oliveira (2012), nesse exemplo um único sinal reuniu: os verbos aproximar e alcançar; os argumentos externo e interno desses verbos, a lebre e a tartaruga (representados pelas mãos esquerda e direita); e ainda o adjunto quase. O que Lessa-de-Oliveira (2012) evidencia nessa discussão é a existência de dois tipos de incorporação, não apenas de argumentos, mas também de itens com outras funções. As incorporações ocasionais não podem fazer parte da tipologia verbal da libras, por uma razão óbvia, não se enquadram num padrão, são ocasionais, podendo nunca serem repetidas da mesma maneira.

Segundo Faria *et al* (2001 *apud* FERREIRA; NAVES, 2014) existem três tipos de verbos manuais: a) verbos locativos, b) verbos classificadores de entidade e, c) verbos classificadores de instrumento. Já Ferreira (2010 [1995]) faz uma divisão dos verbos em direcionais e não-direcionais. Para a autora, os direcionais são numerosos e sua direção é definida num ponto que vai da fonte até o objeto, sendo divididos em duas subclasses: na primeira, o ponto inicial marca o sujeito e o ponto final marca o objeto; na segunda incluem-se os chamados verbos reversos que já mencionamos anteriormente. Quanto aos verbos não-direcionais, estes são divididos em três subclasses: os verbos ancorados no corpo, verbos que incorporam o objeto, e os verbos que apresentam flexão.

Nesse sentido, notamos quão divergentes são as classificações feitas pelos pesquisadores quanto a uma possível tipologia verbal. Isso indica a complexidade desse tipo de língua e como muitos de seus fenômenos ainda estão mal compreendidos e mal descritos, especialmente o que comumente a literatura chama de classificadores.

4.4 VERBOS CLASSIFICADORES

Observamos que o termo classificador, empregado largamente na literatura sobre línguas de sinais, tem sido utilizado para denominar fenômenos completamente distintos nessas línguas, contudo não pretendemos aqui fazer uma análise exaustiva desse fenômeno,

mas apenas entender o que se tem chamado de *classificadores verbais*, tentando identificá-los, se for o caso, nas sentenças retiradas dos nossos dados.

De antemão, vamos nos deter nos estudos sobre os classificadores em línguas orais. Segundo Felipe (2002), as línguas, de modo geral, fazem uso de categorias gramaticais tanto para fazer classificações e subclassificações, como para separar coisas quanto ao seu caráter animado ou inanimado, quanto ao gênero, número, quanto ao formato, tamanho, consistência, caso, dentre outros. Para essas línguas que classificam e subclassificam através das categorias gramaticais dá-se o nome de línguas de classes nominais ou não-classificadoras. No entanto, existem línguas que, além dessas classificações através de verbos, adjetivos, advérbios, pronomes etc., “fazem uso de um *sistema de morfemas obrigatórios*, que especificam nestas classes gramaticais algumas ou várias das subclassificações também mencionadas acima, e estão sendo denominadas de línguas classificadoras” (grifo nosso FELIPE, 2002, p. 1).

Esse sistema de morfemas obrigatórios, mencionado por Felipe (2002), serve para classificar outras propriedades não mencionadas pelas gramáticas tradicionais, por isso são chamadas de línguas classificadoras. De acordo com Allan (1977 *apud* VELOSO, 2008), os classificadores nas línguas orais são definidos como morfemas afixados a itens lexicais que denotam características semânticas da entidade à qual o item lexical se refere. De acordo como Dubois *et all* (1993, p. 112 *apud* FELIPE, 2002), “Chama-se classificador um afixo utilizado, em particular nas línguas negro-africanas, para indicar a que classe pertence uma palavra”.

Veloso (2008, p. 15-18) faz referência a sete possíveis tipos de classificadores nas línguas orais, podendo estes estarem presentes em diferentes línguas, são eles:

- a) Classificadores de nomes – categorizam o nome a que estão associados de acordo com status social, função, natureza ou propriedades físicas e são independentes de qualquer outro elemento presente no sintagma nominal ou na oração.
- b) Classificadores de número – aparecem juntos a numerais ou quantificadores. Categorizam um nome em termos de sua animacidade, forma ou outras propriedades inerentes.
- c) Classificadores relacionais – categorizam os modos pelos quais um nome possuído se relaciona com o seu possuidor.
- d) Classificadores de possessivos – um morfema especial numa construção possessiva pode caracterizar um nome possuído.

- e) Classificadores de verbos – são afixados ou incorporados no verbo, mas categorizam o referente de um argumento nominal de acordo com sua forma, tamanho, estrutura ou posição. Segundo Aikhenvald (2000 *apud* VELOSO, 2008, p. 20), os classificadores verbais categorizam o referente de seus argumentos pela sua forma, consistência, tamanho, estrutura, posição ou animacidade, e podem co-ocorrer com os argumentos verbais.
- f) Classificadores de locativos – são associados à adposições locativas.
- g) Classificadores de dêiticos – associam-se a dêiticos e artigos dentro de sintagmas que contêm um determinante.

Além de Veloso (2008), que traz uma divisão de tipos de classificadores nas línguas orais, Felipe (2002), Mendonça (2012) e Pizzio *et al* (2008) também o fazem. Como menciona Mendonça (2012), muitos autores têm se debruçado sobre o estudo dos classificadores nas línguas de sinais, dentre eles estão Klima e Bellugi (1979); Liddell (1980); Supalla (1986), os primeiros a estudarem esse fenômeno dentro da ASL. Desses, segundo a autora, apenas Supalla dá uma definição um pouco mais clara sobre os ditos classificadores. A partir de tais pesquisadores americanos, os estudos desse fenômeno chegam aos pesquisadores da libras por meio de Ferreira (2010 [1995]); Felipe (2002); Veloso (2008, 2010); Faria-Nascimento (2009) dentre outros.

Sobre o assunto, Klima e Bellugi afirmam que:

Classifiers, in particular, are manipulated to specify spatial locations and arrangements, and manners, directions, and rates of movement. Classifiers can mirror, for example, the path and manner in which a person, animal, or object moved from one place to another – leaping, loping, meandering, stumbling, weaving in and out, winding, moving up, down, or across. (KLIMA; BELLUGI, 1979, p.13-15) ³⁷.

Consoante Ferreira (2010 [1995]), os classificadores podem ser definidos como morfemas existentes em línguas orais e de sinais, sendo mais recorrentes em línguas de sinais. Por estas serem línguas gestuais, os classificadores são, portanto, configurações de mãos que, relacionadas à coisa, pessoa e animal, funcionam como marcadores de concordância.

³⁷Classificadores, em particular, são usados para especificar localização espacial e arranjos, e maneiras, direções, e as variações de movimento. Classificadores podem demonstrar, por exemplo, o caminho e o modo pelo qual uma pessoa, animal ou objeto se movimentam de um lugar para outro - saltando, galopando, se arrastando, tropeçando, entrando e saindo, enrolando, movendo para cima, para baixo, ou do outro lado. (Tradução nossa).

Para Felipe (2007), quando se atribui uma qualidade a um objeto como, por exemplo: se é redondo, quadrado, listrado, cheio de bolas, etc. isso representa um tipo de classificação porque é uma adjetivação descritiva, porém não quer dizer que seja um classificador como se vem conceituando dentro dos estudos linguísticos.

Para a autora, os classificadores são formas que, substituindo o nome que as precedem, podem ser presos à raiz verbal para classificar o sujeito ou o objeto que está ligado à ação do verbo.

Não se deve confundir os classificadores, que são algumas configurações de mãos incorporadas ao movimento de certos tipos de verbos, com os adjetivos descritivos que, nas línguas de sinais, por estas serem gesto-visuais, representam iconicamente qualidades de objetos. Por exemplo, para dizer nestas línguas que “uma pessoa está vestindo uma blusa de bolinhas, quadriculada ou listrada”, estas expressões adjetivas serão desenhadas no peito do emissor, mas esta descrição não é um classificador, e sim um adjetivo (FELIPE, 2007, p. 173).

Conforme observado na citação, os adjetivos descritivos não podem ser considerados classificadores, porque estabelecem apenas uma relação de qualidade do objeto e não relação de concordância de gênero³⁸ (pessoa, animal, coisa), que é o que caracteriza os classificadores na libras. Diante do que Felipe (2007) discute sobre os classificadores, percebemos que muitos estudiosos, de fato, têm feito uma certa confusão entre os adjetivos na libras e o que se denomina classificador, quando a propriedade que se observa, na verdade, está qualificando um nome. Vejamos exemplos do verbo AND[ar].

(46)a.



Figura 33: Classificador de pessoa

Fonte: Felipe (2007, p. 172)



PESSOA-AND[ar]-ATRÁS-DA-OUTRA

³⁸O que se denomina na literatura especializada como concordância de gênero em línguas de sinais não é equivalente à propriedade denominada como gênero em línguas como o português, nestas essa propriedade designa masculino e feminino, naquelas gênero distingue: pessoa, animal, coisa e veículo.

configuração de mão específica para pessoa, animal e veículo – constitui um paradigma produtivo.

Quadros e Karnopp (2004) também trazem uma definição do que seriam os classificadores nas línguas de sinais. Para essas autoras:

Os classificadores têm distintas propriedades morfológicas, são formas complexas em que a configuração de mão, o movimento e a locação da mão podem especificar qualidades de um referente. Classificadores são geralmente usados para especificar o movimento e a posição de objetos e pessoas ou para descrever o tamanho e a forma de objetos (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 93).

Nessa citação, Quadros e Karnopp (2004) trazem um conceito de classificador bem próximo do que Felipe (2007) chama de adjetivação na língua. Com isso notamos, com base nessa literatura, quão complexo e mal compreendido é o fenômeno chamado de *classificador* na libras.

Trataremos no próximo capítulo da análise dos dados e consequentemente abordaremos mais uma vez os classificadores na tentativa de enquadrar o que encontramos nos dados dentro de algum desses conceitos citados, ou não, se considerarmos que o fenômeno não se trata de um classificador. Contudo, ainda abordaremos nesse capítulo como a propriedade de *tempo* é marcada na libras, assunto da próxima seção.

4.5 O TEMPO E ASPECTO NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Outro aspecto que nos interessa nesse estudo é a marcação de tempo e aspecto em libras. Interessa-nos investigar se há ou não alguma marca verbal de tempo e aspecto. Se há essa marcação, como se manifesta? Se não há, o que indica o tempo e/ou aspecto, uma vez que estes fazem parte do conjunto de propriedade das línguas naturais?

Conforme Finau (2004), que investiga a questão do tempo e aspecto em libras por meio de uma descrição de base semântico-pragmática, existem duas grandes vertentes nas investigações de tempo/aspecto em línguas de sinais:

Uma que propõe a inexistência de flexão nessas línguas e outra que propõe a existência de afixação sequencial. Para a primeira, a referência temporal se organiza, em determinadas línguas de sinais, com o emprego de elementos lexicais, principalmente os advérbios. Já para a segunda vertente, há a possibilidade de existirem afixos aspectuais marcados por características específicas dos movimentos que modificam a raiz dos sinais verbais. Em todas as análises de línguas de sinais [...] observa-se o emprego de uma linha

temporal marcando presente, passado e futuro em relação à orientação corporal. (FINAU, 2004, p. 51)

Assim, autores como Coutinho e Martins (1994) citados por Finau (2008), Zeshan (2000, 2003), entre outros, têm relacionado o tempo em língua de sinais a uma linha temporal, na qual o passado, o presente e o futuro são determinados pela produção de sinais temporais em diferentes localizações do espaço de sinalização, com base no corpo do sinalizador. Pereira (1993, *apud* FINAU, 2004) afirma que muitos verbos podem formar seu futuro a partir de um movimento para frente, mas não constituem um fenômeno estendido a todo o paradigma verbal. Finau (2004) apresenta um fato curioso sobre a estruturação do tempo na Língua de Sinais Urubu-Kaapor (observada por BRITO, 1995), da comunidade indígena Urubu, localizada na floresta Amazônica, na qual o *tempo futuro* é, conforme as autoras, indicado com movimento para cima, o *presente* é marcado no tronco do sinalizador e o *passado* não é marcado.

Outros verbos da Língua Americana de Sinais (ASL) são flexionados, conforme Pereira (1993, *apud* FINAU, 2004), no tempo passado com aspecto pontual (D[ar], DIZ[er], CHEG[ar], ENSIN[ar], [ir], CA[ir], CONT[ar] e SAB[er]) através de movimento e paradas finais produzidas com certa tensão, permanecendo o corpo do sinalizador rígido por um breve momento. Além disso, a pesquisadora observou que essa língua ordena os eventos temporalmente e dispõe de marcadores adverbiais de modalidade temporal.

Conforme Finau (2004), assim como Pereira (1993), outros pesquisadores têm tomado os estudos realizados com a ASL como ponto de partida para descrever a libras, como, por exemplo, os trabalhos de Quadros (1997, 1999) e Quadros e Quer (2010), acima mencionados. Tais autores têm, dessa forma, assumido para a libras um quadro de flexão muito parecido com o proposto para a ASL. Entretanto, tal análise para a libras não é unânime. Um dos autores que apresenta análise divergente desta é Ferreira (2010 [1995]), para quem, como veremos, não há a marca de tempo nas formas verbais da libras, pois, nessa língua a referência temporal seria dada por itens lexicais como os sinais adverbiais. Conforme a análise dessa autora, a narrativa se inicia com uma marca lexical temporal e, enquanto não aparecer outro item ou sinal para mudar o tempo do discurso, o que prevalece é a proposição inicial. De modo geral, essa autora compreende que tempo é marcado em libras por meio de advérbios, segundo ela:

O tempo é expresso através de locativos temporais manifestando entre si relações espaciais. O plano vertical imediatamente em frente ao corpo do

locutor representa o presente (HOJE, AGORA). O futuro próximo é indicado por um movimento curto que se direciona para frente do locutor (AMANHÃ). O futuro distante é denotado por um movimento amplo que se afasta mais ainda do corpo do locutor para a frente (DAQUI A MUITO TEMPO). O passado é indicado por um movimento sobre o ombro até atingir o espaço imediatamente anterior ao ouvido (ONTEM). O passado distante é obtido por um movimento amplo que se estende além das costas (HÁ MUITO TEMPO). (FERREIRA BRITO, 1983 *apud* FERREIRA, 2010, p. 48)

Também para Felipe (1998) as marcas de tempo ocorrem sintaticamente por meio dos advérbios, na linha temporal; além disso, por sua análise, podem ser encontradas noções temporais também na raiz semântica dos verbos. Já para Quadros (1999), os advérbios temporais na libras podem se encontrar antes ou depois da oração (IP (AgrP)). Menciona Finau (2004) que essa questão permite avaliar diferentemente o escopo temporal e aspectual dos advérbios.

Observamos, entretanto que, em algumas situações ou enunciados, esses itens de marcação temporal não podem ser interpretados como se interpretam os modificadores adverbiais ou adjuntos adverbiais, pois eles apenas parecem fazer a marcação do tempo frente ao processo verbal. Por outro lado, a proposta de afixação para marcação do tempo exige a observação de existência de um paradigma flexional rígido e produtivo, o que não se confirma, conforme é constatado inclusive por alguns autores acima mencionados.

Noutra perspectiva, Finau (2004) defende que o futuro tem uma estrutura estereotipada, precisando sempre de um operador temporal para ser denotado; o passado pode ter operador ou ser dado pelo aspecto perfectivo dos verbos, o presente é dado por *default*, justamente pela ausência de marcas para passado ou futuro. Com base nessa ideia a autora defende a hipótese de que as sentenças sem operadores na libras podem ter a sua temporalidade denotada pela composição entre aspecto e fatores pragmáticos.

Finau (2008, p. 297) estabelece um quadro que resumiria a organização da marcação de tempo em libras, vejamos:

Passado: operador temporal específico. Direção para trás e/ou para baixo. Relação com a aspectualidade da sentença.
Passado mais distante: flexão aspectual no sinal de passado por alteração do movimento (amplitude) e expressão facial ou emprego de operador que também pode receber flexão.
Passado mais recente: operador que pode receber flexão aspectual.
Presente: advérbio temporal. Relação com a aspectualidade da sentença.

Futuro: operador temporal especial.
Futuro mais distante: flexão aspectual no sinal de futuro por alteração do movimento (amplitude) e expressão facial ou emprego de operador que também pode receber flexão.
Futuro mais próximo: operador que pode receber flexão aspectual. Direção para frente e/ou para cima

Quadro 1: Flexão de tempo em libras segundo Finau (2008)

Quanto à propriedade de aspecto, algumas marcas aparecem nas línguas de sinais, conforme Finau (2004, p. 51), “para o aspecto durativo (denominados por diversas terminologias pelos diferentes autores). E entre essas marcas estão: repetição de sinais verbais, amplitude e intensidade do movimento e processos não manuais como expressão facial”. Na análise de Ferreira (2010 [1995]), o aspecto na libras é marcado pelas modulações de movimento dos sinais, que resultam nos aspectos pontual, continuativo ou durativo e iterativo. A autora considera que, para aspecto, ocorra em libras um fenômeno de afixação; ou seja, no caso do aspecto verbal, essa autora analisa que, na libras, este seria marcado por afixação por meio da alteração do movimento, da configuração de mão e/ou do ponto de articulação do verbo, o qual seria considerado raiz ou radical. Também Felipe (1998) considera que haja na libras processos flexionais para modo, aspecto distributivo e tempo (pontual, continuativo, gradual). Segundo a análise dessa autora, na libras, os morfemas sempre estão presos a uma raiz verbal e a flexão de aspecto verbal se dá pela mudança na frequência ou na velocidade dos movimentos, ocorrendo diferenças entre marcas para os aspectos durativo, distributivo e contínuo.

5 ANÁLISE DOS DADOS

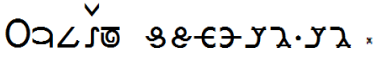
Este capítulo trata da análise dos verbos encontrados nos dados de fala sinalizada em libras, com o intuito de compreender os processos que envolvem a construção verbal nessa língua gestovisual. Começamos nossa discussão pela saturação do predicator verbal, onde veremos, com base no estudo de Almeida (2013), que a libras só parcialmente se assemelha às línguas orais na saturação do predicator verbal. Depois passaremos à tipologia dos verbos nessa língua com base na seleção argumental. Em seguida discutimos a categorização dos sinais, como base em Oliveira (2007), passando depois para a categorização dos verbos por traços funcionais, onde apresentamos uma proposta de análise com base na geometria de traços (Cowper, 2003). Nessa proposta, assumimos a hipótese de que a [dêixis] constitui um traço âncora da categoria aspecto-temporal em libras.

5.1 A SATURAÇÃO DO PREDICADOR VERBAL

Conforme citamos no capítulo anterior, Almeida (2013)³⁹ faz uma análise sobre a saturação dos predadores em libras, classificando-a em quatro tipos distintos, a saber: *saturação por sinais lexicais*, *saturação por localizadores*, *por categorias vazias* e *autossaturação*. Em nossos dados também foram encontrados esses tipos de saturação de predadores citados pela autora.

5.1.1 Saturação por sinais lexicais

Nesse tipo de saturação o predicator é saturado por argumentos preenchidos com a unidade MLMov, isto é, por um sinal, como ocorre com o exemplo em (47), no qual o sinal CORR[er], seleciona o sinal PORC[o] como argumento externo, o qual ocorre de forma articulada como unidade MLMov.

- (47)  *
 PORC[o] CORR[er]
 ‘O porco correu’.

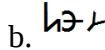
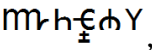
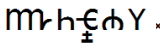
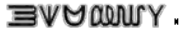
³⁹Sobre este assunto ver também Almeida e Lessa-de-Oliveira (2015). Neste artigo, os dados estão atualizados para a versão SEL de dezembro de 2014.

5.1.2 Saturação por Localizadores (Locs)⁴⁰

Prado (2014) agrupa essa categoria de Localizadores em dois grupos: Os Locs articulados e não-articulados. Locs articulados são caracterizados por sua realização articulatória, ou seja, por um sinal e os Locs não-articulados são aqueles caracterizados pela não articulação de um sinal “e, portanto, não iremos encontrar qualquer segmento realizado articulatoriamente como ocorre com os outros sinais em línguas de sinais” (PRADO, 2014, p. 32-33).

Em nossos dados os dois tipos de Locs foram encontrados, especialmente os Locs não-articulados que correspondem a *direção do olhar*, *movimento de corpo* ou mesmo pontos intrínsecos aos movimentos de *verbos direcionais* (PRADO, 2014). Destes o mais encontrado foi movimento do corpo, ou melhor, o *giro do corpo* conhecido também por *role play*⁴¹.

- (48)a. (DO)  (DO)
 LocNA-PORCO1 AGRADEC[er]_{LocPORCO2} LocNA-PORCO2

 AGRADEC[er]_{LocPORCO3}
 ‘Este porco agradeceu aos outros dois porcos’.
- b.  , _____ 
 LocPORCO1 PERGUNT[ar]_{LocPORCO2} Ø PERGUNT[ar]_{LocPORCO3}
 ‘Este porco perguntou aos outros dois porcos’.
- c.   
 LocLÁ T[er] LOB[o]
 ‘Lá fora há um lobo’.

⁴⁰As notações: DO: *Direção do olhar*; DMO: *Direção de movimento e do olhar*, LocNA: *Localizador não-articulado*.

⁴¹Este é um recurso muito usado na LIBRAS quando os surdos estão desenvolvendo a narrativa. O sinalizador coloca-se na posição dos personagens referidos na narrativa, alternando com eles em situações de diálogo ou ação (STROBEL e FERNANDES, 2008, p.31).

5.1.3 Saturação por categorias vazias

Nesse tipo de saturação os argumentos são preenchidos por categorias vazias, vejamos:

- (49)a. MOR[adia] Ø ENTR[ar]
 ‘O porco entrou na casa’.
- b. ØDESEJ[ar] PORC[o] COM[er]
 ‘O lobo deseja comer o porco’.

Nos exemplos de saturação desse tipo, o argumento não é preenchido nem por um sinal articulado nem por um Loc, porém o argumento é entendido dentro do contexto enunciativo, como no exemplo (49a). O sinal ENTR[ar] seleciona um argumento externo vazio, que podemos facilmente identificar como sendo um dos porquinhos, pois este já foi mencionado em um momento anterior. O mesmo ocorre com o argumento externo do sinal DESEJ[ar].

5.1.4 Autossaturação dos predicadores

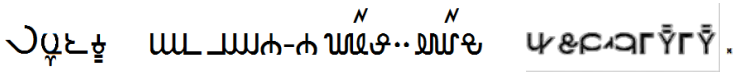
A autossaturação dos predicadores é um fenômeno muito comum em libras, o qual ocorre quando os argumentos estão incluídos nos próprios predicadores. De modo geral, esse tipo de fenômeno linguístico é descrito pela literatura especializada como classificadores, no entanto por entendermos que essa conceituação é pouco esclarecedora assumimos a análise de Almeida (2013) e Almeida e Lessa-de-Oliveira (2014) que os denominam de predicadores autossaturados.

- (50)a. LOB[o] BAT[er]À PORTA
 ‘O lobo bateu à porta’.

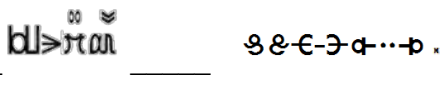
b. 

ØENCH[er]PEITO DE AR

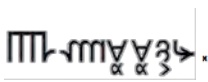
‘Lobo encher peito de ar’.

c. 
HOMEM PIANO BAT[er]PREGO

‘O Porco Piano está batendo pregos’.

d. 
ØTEM[er/or] Ø ABR[ir]JANELA

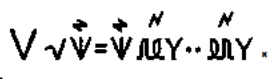
‘Com medo, o porco abriu a janela’.

e. 
ØABR[ir]PORTA

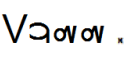
‘Porco abriu a porta’.

f. 
ØFECH[ar]PORTA

‘Porco fechou a porta’.

g. 
ØAND[ar]^{em fila}

‘Porquinhos andando em fila’.

h. 
DOIS-PESSOA-CORR[er]

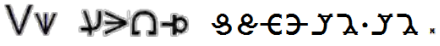
‘Dois porquinhos vinham correndo’.

Como podemos notar esse fenômeno foi encontrado várias vezes em nossos dados, significando que é recorrente na língua, algo comum aos usuários da libras. Em construções como (50a) à (50e), notamos que os verbos BAT[er], ENCH[er] e ABR[ir], são verbos que incorporam seus argumentos de maneira não casual, pois a incorporação é inerente ao sinal, já

é próprio da língua, por isso chamamos de autossaturação. Isso quer dizer que em outras situações com os mesmos verbos o sinal será diferente como, por exemplo, BAT[er]_{À PORTA} e BAT[er]_{O PREGO} (pregar), ou ainda BAT[er]_{O CARRO}, BAT[er]_{EM ALGUÉM} etc. É o mesmo verbo, porém é descrito com itens lexicais diferentes. O mesmo ocorre com o sinal ABR[ir] (50d) e (50e), que pode ser articulado de maneira diferente dependendo do seu argumento interno ou externo, por exemplo, ABR[ir]_{JANELA}, ABR[ir]_{GARRAFA}, ABR[ir]_{GAVETA} etc. Como também ocorre no dado FECH[ar]_{PORTA} em (50f).

No exemplo (50b) o verbo ENCH[er] é saturado por uma expressão inteira, pois um único sinal, composto pela expressão facial e corporal, constitui a sentença ENCH[er]-PEITO-DE-AR. Notamos que não podemos dissociar cada palavra, pois seria uma sentença agramatical.

No exemplo (50g), o verbo AND[ar] também incorpora um adjunto que é ‘em fila’. Já no dado em (50h) ocorre o que a literatura chama de classificador para pessoa, que é a mão configurada em zê. Aqui notamos algo diferente dos exemplos anteriores que também são chamados de classificadores. É que enquanto nos outros exemplos não se podem formar sentenças articulando os sinais separadamente, nesse último caso sim, pois a sentença pode ser articulada da seguinte forma:

- (51)a.  .
 D[ois/uas] PESSOAS CORR[er]
 ‘Duas pessoas correm’.

Interessantemente, a configuração de mão utilizada é para classificador de pessoa, no entanto os personagens da história são porquinhos, ou seja, animais, os quais em libras têm seu “andar” representado de forma específica, com a configuração de mão em cinco () , que seria o classificador de animal. Em outros momentos da história, os surdos utilizam também essa configuração para se referir ao porco correndo. Mas algumas vezes eles utilizavam a mão configurada em zê ().

Não sabemos dizer ao certo porque os surdos não fizeram distinção entre o correr de animal e o correr de pessoa. Talvez isso não seja produtivo na língua, ou ainda por ser uma história em que os animais falam, a escolha de um sinal utilizado para humanos pode

representar a personificação humana das personagens. Uma evidência disso é o fato de que, em outro momento da narrativa, um surdo faz o sinal de **HOMEM** para se referir ao porco.

Analisa Veloso (2008) que, nesses casos, existe um processo de incorporação nominal que pode ser definido como a combinação de duas raízes lexicais que resulta em um item lexical complexo. Comenta a autora que, nesse caso, ao contrário das construções classificadoras, um SN é incorporado ao verbo e de acordo com Baker (1988), além de argumentos internos verbais, instrumentos e/ ou locativos também podem ser incorporados, sendo considerados objetos estruturais, cuja produtividade sugere que seja um processo sintático, ao invés de lexical.

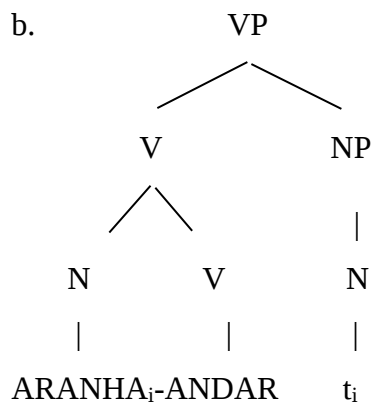
A Estrutura-S de uma sentença com incorporação, com base em Baker (1988, p. 80 *apud* Veloso, 2008) seria a seguinte:

(52)a. EU VER aANDAR_ARANHAa

‘Eu vi uma aranha andando pelo teto’.



Figura 36: Frase apresentada por Veloso (2008, p. 104)



(Veloso 2008, p. 105)

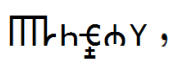
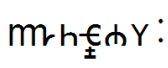
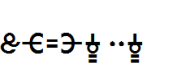
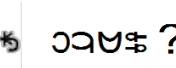
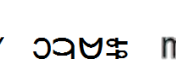
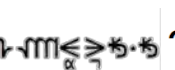
5.2 TIPOLOGIA DOS VERBOS EM LIBRAS COM BASE NA SELEÇÃO ARGUMENTAL

Como dissemos, não somente os verbos têm a capacidade de selecionar argumentos, mas também outras categorias como nomes, adjetivos, preposições e advérbios, que também são núcleos lexicais. Por outro lado, também há verbos que não selecionam argumentos, como os verbos que são esvaziados de carga semântica, os verbos leves e também os verbos meteorológicos entre outros.

Nesse sentido, nesta seção elencamos sentenças nas quais identificamos sinais que podem ser identificados como verbos por conta de sua posição frente aos demais constituintes e se distinguem quanto à seleção argumental. Assim, encontramos em nosso *corpus*⁴² verbos transitivos, inergativos, inacusativos e verbo auxiliar.

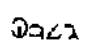
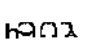
5.2.1 Verbos Transitivos

Por transitivos, entendemos os predicadores verbais capazes de selecionar de dois a três argumentos. Vejamos exemplos da libras coletados de nosso *corpus*:

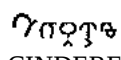
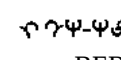
- (53)  ,  :
 Ø PERGUNT[ar]_{LocPORCO} À DIREITA Ø PERGUNT[ar]_{LocPORCO} À ESQUERDA
 –    ?
 POD[er] CONSTRU[ir]^{de alvenaria} RÁPID[o]?
   ?
 LocVOCÊ RÁPID[o] CONSTRU[ir]^{de alvenaria}?

⁴²Além dos tipos que encontramos nos nossos dados, Almeida e Lessa-de-Oliveira (2015, p.10) registram ainda ocorrência de verbo copulativo, causativo. Conforme os exemplos abaixo apresentados pelas autoras.

(i) Verbo Causativo - MANDAR

   *
 BRUX[a] MAND[ar] TRABALH[ar]_{SERVIÇO DOMÉSTICO}
 ‘A bruxa manda fazer o serviço doméstico’.

(ii) Copulativo (realizado ou não) -SER

   
 CINDERELA S[er] BEBÊ INOCEN[te]
 ‘Cinderela é bebê inocente’.

‘O porco à direita perguntou ao porco à esquerda: – É possível construir (a casa) rápido? Você pode construir rápido?’.

Entendemos que o sinal $\mathfrak{m}h\text{--}\mathfrak{f}\phi Y$, no exemplo em (53), pertence à categoria dos verbos pelos seguintes aspectos. Primeiro, cada um dos verbos PERGUNT[ar] seleciona um argumento externo nulo e um Loc (à direita ou à esquerda) como argumento interno. Os argumentos externo e interno desse sinal são marcados como ponto inicial (o externo) e o final (o interno) do movimento. Temos duas possibilidades de analisar esse sinal: como nome - *a pergunta do porquinho A aos porquinhos B e C* - ou como verbo - *o porquinho A pergunta aos porquinhos B e C*. Como esse sinal não é selecionado como argumento de outro identificamos nele o eixo de predicação da sentença, ou seja, trata-se de um predicator verbal.

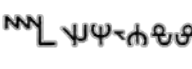
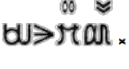
Isso se confirma pelo contexto da narrativa. O argumento *alvo* foi marcado como Loc de giro de corpo, que Prado (2014) chama de Loc não-articulado, isto é, sem se articular com a unidade MLMov. O enunciador vira-se para a direita, incorporando a voz do personagem, e realiza o sinal direcionado para um referente imaginário que é o segundo porquinho. Em seguida o enunciador vira-se para esquerda e realiza o mesmo sinal, marcando o terceiro porquinho. Nota-se que em nenhum momento o enunciador faz o sinal de porco antes de marcá-lo no espaço, isso se deve ao fato de que essa identificação é feita pelo contexto da história.

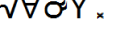
Notamos que a direcionalidade de movimento deste sinal, neste exemplo, marca o argumento *alvo* como de 3ª pessoa. Tal direcionalidade não ocorre em exemplos como (54)

abaixo, em que este sinal se constitui como um nome. Isto porque, em (54), o sinal $\mathfrak{m}h\text{--}\mathfrak{f}\phi Y$ (PERGUNT[ar]) não aponta para nenhum referente. Ou seja, a seleção argumental se dá através dos Locs, sejam articulados ou não-articulados, conforme descrevemos acima. Se a hipótese de Prado (2014) estiver correta, como categoria D, os Locs marcam os referentes, participando diretamente da construção da estrutura argumental. Segundo Prado (2014), a direcionalidade desses verbos corresponde a Locs não-articulados.

- (54) $\mathfrak{U}\sigma Y \mathfrak{m}h\text{--}\mathfrak{f}\phi Y \mathfrak{h}\sigma\Omega\mathfrak{l}\phi \star$
 S[ua] PERGUNT[a] DIFÍC[il]
 ‘Sua pergunta está difícil’.

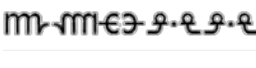
Já o sinal , que é direcional, pois faz apontação, marcando um referente imaginário no espaço físico, ocorre comumente como verbo V[er], havendo para esta raiz semântica também o sinal , que tanto ocorre como o verbo V[er] quanto como o nome VISÃO. Podemos dizer que este último sinal também é direcional, mas sua direcionalidade está no referente (real ou imaginário) para onde se dirige o olhar.

- (55) a.  , 
 VIOLINO V[er]_{Loc}LOBO TEM[er/or]
 ‘Violino vê o lobo e sente medo’.

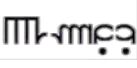
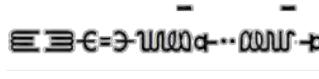
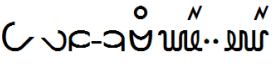
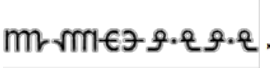
- b.  
 LOB[o] V[er]_{Loc}PORCO
 ‘O lobo vê o porco’.

No dado em (55a) o item V[er] seleciona um argumento externo DP, o sinal VIOLINO⁴³, entendido aqui como um apelido para o porco que toca violino, e um argumento interno que é articulado juntamente com o verbo, ou seja, o argumento está intrínseco na direção do movimento do verbo. Dessa maneira o argumento interno é um Loc. O mesmo ocorre com o exemplo em (55b), em que o verbo V[er] seleciona o LOB[o] como seu argumento externo, ao qual é atribuído papel temático de *experienciador* e um Loc. articulado junto com o verbo direcional como argumento interno que tem papel temático de *tema*, fazendo referência ao porco.

A direcionalidade, entretanto, não é fator primordial na seleção de argumentos, pois podemos utilizar a identificação do eixo de predicação da sentença como forma de identificação da categoria verbal de sinais não direcionais, que são inclusive a maior parte dos

sinais da libras. Vejamos por exemplo o sinal  (CONSTRU[ir/ção]^{com/de palha}) no exemplo (56), coletado em nosso *corpus*.

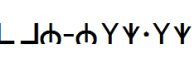
⁴³Nos dados percebemos que cada porquinho recebeu como sinal de identificação o sinal do instrumento que eles tocam. Assim, temos “VIOLINO”, “FLAUTA” e “PIANO” como sinal para os porquinhos da história narrada.

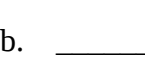
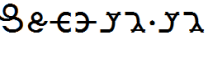
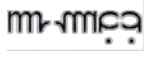
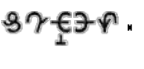
- (56)  MOR[*dia*]  PALHA  CONSTRU[*ir*]^{com palha}
-  FLAUTA  CONSTRU[*ir*]^{com palha}
- ‘Flauta constrói a casa de palha’.

No dado em (56), o verbo CONSTRU[*ir*]^{com palha}, que é um verbo simples (sem concordância), seleciona FLAUTA (apelido de um dos porquinhos) como argumento externo, o qual recebe o papel temático de *agente* e seleciona MOR[*adia*] como argumento interno, ao qual é atribuído papel de *tema* e tem como complemento PALHA⁴⁴. Observamos nesse caso que todos os argumentos são articulados com base na unidade MLMov.

5.2.2 Verbos Inergativos

Pelo contexto sintático dos exemplos a seguir, identificamos a ocorrência de verbos inergativos nos dados, os quais, conforme conceituamos no capítulo anterior, selecionam apenas argumento externo.

- (57)a.  L_{Loc}  TRABALH[*ar*]  h_{Loc}
- LocEU TRABALH[*ar*] LocAQUI
- ‘Eu trabalho aqui’.

- b.   CORR[*er*]  MOR[*adia*]  ESCOND[*er*]
- Ø CORR[*er*] MOR[*adia*] ESCOND[*er*]
- ‘O porco correu e se escondeu em casa’.

⁴⁴Nesse dado observamos ainda a duplicação do sinal CONSTRU[*ir*]. Consoante Quadros e Karnopp (2004), esse tipo de sentença equivale à construção com foco, que é quando se tem a necessidade de fazer uma entonação mais marcada, focalizada. Nesse sentido há uma reduplicação do sinal, uma cópia, mas que gramaticalmente será apagada porque possui os mesmos traços do verbo original.

No dado em (57a) o sinal TRABALH[ar] seleciona apenas o argumento externo LocEU, sinal que é articulado com a configuração de mão em zê (**h**) apontando para o peito do sinalizador conforme figura abaixo:⁴⁵

(58)

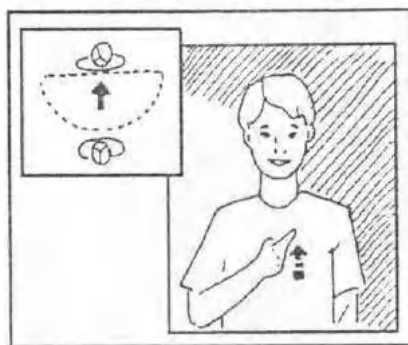


Figura 37: Loc de 1ª pessoa
Quadros e Karnopp (2004, p. 131).

O sinal $h\check{V}\check{\theta}$ (AQUI) é também um Loc, sinal articulado com a mão configurada também em zê (**h**), porém apontando para baixo, um lugar no espaço logo a frente do enunciador. Mas ocorre aí como adjunto.

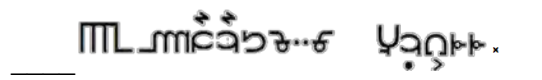
Na sentença (57b) o sinal CORR[er] seleciona apenas um argumento externo, um DP nulo $\emptyset$, que tem papel temático de *agente*, sendo portanto um inergativo. Há ainda na sentença o verbo ESCOND[er] que tem argumento externo com mesmo referente do verbo CORR[er], Nesse contexto sintático, o sinal MOR[adia] ou CASA é selecionado como argumento ou objeto circunstancial de ESCOND[er], tratando-se, portanto, de um nome.

5.2.3 Verbos Inacusativos

Os eixos de predicação nos exemplos abaixo se comportam como verbos inacusativos, pois selecionam apenas argumento interno, ao qual não é atribuído caso *acusativo*. Esse tipo

⁴⁵A marcação dos referentes em libras é feita de formas distintas, porém com a mesma configuração de mão: a 1ª pessoa distingue-se da não 1ª pessoa com a apontação para o corpo do sinalizador e apontando para o espaço logo a sua frente para 2ª pessoa, as outras pessoas do discurso podem ser marcadas com loc. apontado para o referencial presente, ou um lugar no espaço para o referencial imaginário ou com o sinal marcado em determinado lugar no espaço de sinalização.

de verbo seleciona um argumento *não-agentivo*, um *tema*. Tem, portanto, um sujeito afetado.⁴⁶

- (59)a. 
 TÍTULO COMEÇ[ar] ENTEND[er]
 ‘A história começou, entendeu?’
- b. 
 Ø NASC[er] SÃO PAULO
 ‘Eu nasci em São Paulo’.

No exemplo (59a), o verbo COMEÇ[ar] seleciona apenas o sinal TÍTULO como seu argumento interno, porém este não recebe papel de *agente*, mas de *tema*, o qual entendemos ser, na sentença, a ‘história’ que vai ser narrada. Já em (59b) observamos a ocorrência de um sujeito nulo selecionado como argumento externo do verbo NASC[er] e a ocorrência de um adjunto *locativo*, SÃO PAULO. Nesse exemplo notamos a possibilidade de ocorrência de sujeito nulo em libras em verbos com ou sem concordância. Notamos, ainda, que não há preposição encabeçando adjuntos ou complementos, assim como acontece no dado em (56a) “MOR[adia] PALHA”⁴⁷.

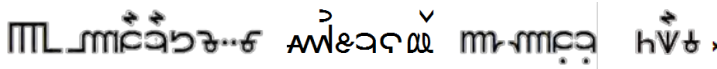
5.3 A CATEGORIZAÇÃO DOS SINAIS EM LIBRAS

Assim como verifica Pizzio (2011) nos dados de sua pesquisa, em nosso *corpus*, também não observamos diferença em pares de verbos e nomes. Em nossos dados, apenas os sinais TESOURA e CORT[ar]-COM-TESOURA mostraram o padrão de mudança de movimento proposto por Quadros e Karnopp (2004), ou seja, para o nome TESOURA o sinal foi realizado com movimento repetido e retilíneo para o lado; e para o sinal CORT[ar]-COM-TESOURA, foi realizado apenas um movimento curto retilíneo para frente. Já para os outros

⁴⁶ Em libras, não podemos fazer testes com os verbos para provar sua inacusatividade, mudando o verbo para o particípio, pois ao que tudo indica não há essa categoria na libras.

⁴⁷ É difícil dizer que em libras podemos analisar se um verbo é transitivo direto ou indireto. Conforme Fernandes (2002), as conjunções e preposições não existem na libras. Já Quadros (2001 *apud* FERNANDES 2003) afirma que tanto as preposições como as conjunções estão incorporadas na utilização dos classificadores. Para Sales et al (2002), a preposição é incorporada nos verbos de movimento.

pares de nomes e verbos apresentados como: CADEIRA e SENT[ar], FACA e CORT[ar]-COM-FACA, VASSOURA e VARR[er] etc. não houve mudança no sinal. No caso do nome TELEFONE, o sinal foi realizado com um movimento longo, como se o telefone estivesse no gancho e depois trazido até o ouvido. Já o verbo TELEFON[ar] se diferenciou apenas com um movimento de boca, o que Pizzio (2011) chama de *mouthing*. Isto contraria os estudos de Quadros e Karnopp (2004), pois as autoras dizem exatamente o oposto. Portanto, não podemos afirmar que em libras exista uma diferença morfofonológica que distinga nomes de verbos, ou seja, como resultados de nossa observações podemos dizer que a mudança de movimento como paradigma morfofonológico para marcação de categoria gramatical não é produtiva na libras⁴⁸. Dessa maneira, como já viemos mostrando nos capítulos anteriores, o mesmo sinal pode se apresentar como um verbo em uma dada frase e como um nome em outra, como nesse exemplo retirado do nosso *corpus*:

- (60)a.  *
 Ø NASC[er] JEQUIÉ MOR[ar/dia] LocAQUI.
 ‘Nasci em Jequié e moro aqui’.
- b.  *
 Ø IDE[ar/ia] MOR[ar/dia]
 ‘Tive uma ideia, precisamos de uma casa’.

Na frase em (60a) o sinal  pode ser entendido como o verbo *morar*. Porém, na frase em (60b) o mesmo sinal equivale ao nome *moradia* ou *casa*. Assim, diante de um sinal fora de um contexto não podemos identificar se o sinal, que é articulado da mesma forma, se constitui como um nome ou como um verbo. Isto é o que se observa comumente em libras. Portanto, os dados deste estudo nos mostram que o mesmo item lexical ocorre como verbo ou como nome, apresentando exatamente a mesma forma articulatória.

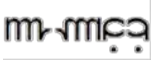
Procuramos explicar essa possibilidade de um mesmo sinal ocorrer em mais de categoria gramatical com base na MD. Como vimos, conforme esse modelo, os itens lexicais são conectados numa estrutura, na qual não se faz nenhuma distinção entre derivação e flexão

⁴⁸Faz-se necessário uma análise mais detalhada e descritiva em relação aos elementos constitutivos da língua. Como disse Pizzio (2011), é preciso fazer testes com maior número de informantes surdos e mais pares de nomes e verbos para que identifiquemos alguma marca morfofonológica definidora de categorias ou não.

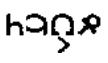
e as Raízes não apresentam nem categoria sintática nem traços fonológicos, como todos os outros itens da Lista 1 (Marantz, 2001).

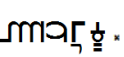
Avaliamos que o fato de esse modelo considerar que as línguas naturais são constituídas de raízes abstratas que, na derivação, se juntam a traços categorizadores, fornece-nos subsídio para analisar como se dá a marcação das propriedades funcionais de tempo ligadas aos verbos numa língua como a libras.

De acordo com a MD, a construção em que um item lexical ocorre é constituída através da concatenação, na Estrutura Morfológica, com nós categoriais, isto é, núcleos, chamados *little x*, sendo *x* um verbo, um nome ou um adjetivo (Marantz, 2001). Nesse sentido, podemos tomar os sinais como raízes, cujos traços categoriais não apresentam correspondentes na Lista

2; ou seja, não se manifestam fonologicamente. Por exemplo, o item  em (60a) recebe traços verbais, portanto se categoriza como um verbo, já em (60b), o mesmo sinal receberá traços nominais, por isso identificamos nesse contexto que se trata de um nome.

Com base na proposta da MD, dizemos que, na libras como nas demais línguas naturais, os itens lexicais são raízes cujos morfemas categorizadores que os acompanham não possuem matriz fonológica. Ou seja, a diferença entre libras e uma língua oral como o português, é que nessa última as raízes são acompanhadas de morfemas categoriais fonologicamente realizados, como a vogal temática e os morfemas de gênero e número dos nomes, ou vogal temática e morfemas flexionais de tempo, modo, aspecto, número e pessoa dos verbos ou ainda morfemas derivacionais nominais, verbais ou adjetivais. Diferentemente, como vimos, em libras, uma raiz, independente da presença de quaisquer morfemas categorizadores realizados fonologicamente, pode assumir posições sintáticas de nome, adjetivo ou verbo.

Nesse sentido, entendemos que sinais como  (IDE[ar/ia]) e  (BANH[ar/o]), por exemplo, se comportam também como verbos em certas sentenças (respectivamente em (61a) e (62a)) e como nomes em outras (respectivamente em (61b) e (62b)).

(61)a.   .

EL[e/a] BANH[ar] JÁ.

‘Ele já tomou banho (ou se banhou)’.

- b. $\text{BANH[ar]} \leq \text{ACAB[ar]} \text{ JÁ.}$
 BANH[ar] ACAB[ar] JÁ.
 ‘Meu banho já acabou’.

(62)a. HOMEM IDE[ar]

HOMEM IDE[ar]

‘O homem teve uma ideia’.

- b. $\text{IDE[ia]} \text{ HOMEM } \text{B[oa]}$

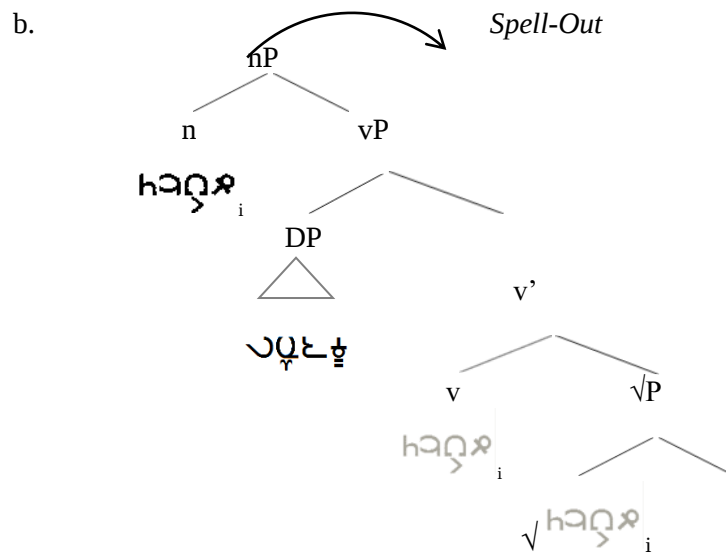
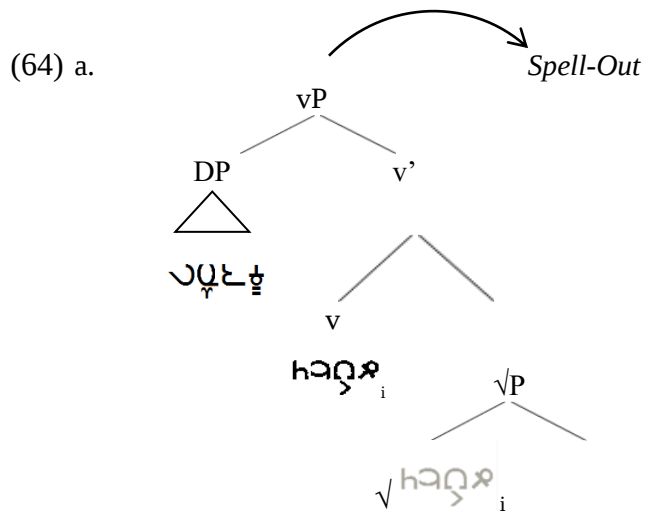
IDE[ia] HOMEM B[oa]

‘A ideia do homem é boa.’

Os sinais IDE[ar] e BANH[ar] em libras, podem selecionar um argumento e se comportar como verbos integrativos, como o verbo IDE[ar], que seleciona HOMEM como seu argumento externo, atribuindo-lhe papel temático de *experienciador*, e o verbo BANH[ar], que seleciona como argumento externo EL[e/a], atribuindo-lhe papel temático de *agente*. Com base nisso, entendemos que na libras não é possível identificar a categoria do item lexical olhando para a morfofonologia do sinal. Mas as propriedades funcionais dessas categorias estão presentes, marcadas na estrutura sintática.

Estudando os sufixos nominalizadores –ção e –mento do português, Oliveira (2007, p. 88) explica que, “no quadro da MD, a formação de palavras é possível quando a uma raiz ($\sqrt{\quad}$) adjungir-se um afixo derivacional portador de categoria morfossintática. Somente assim forma-se um nome (n), ou um adjetivo (a), ou um verbo (v).” Continua a autora informando que, para Marantz (1996), o nó *aspecto* pode projetar um agente, sintaticamente. Informa, ainda, a autora que, para Embick (2000), os traços do núcleo v, que é um verbo leve, funcional, dizem respeito à agentividade/causatividade e eventividade ou estatividade e o núcleo Asp contém traços que se referem às propriedades dos núcleos funcionais. Assim, tomados juntos, os núcleos funcionais Asp e v contêm informações aspectuais básicas acerca da eventividade ou estatividade.

Portanto, conforme explica Oliveira (2007), os núcleos funcionais, que são identificáveis em termos de seu contexto de traços sintático-semânticos, desempenham um



Portanto, seja como nome ou como verbo o sinal **haŋɔ** apresenta a mesma Raiz, que se concatena a itens funcionais abstratos da Lista 1 através dos nós v e n. como sintagma verbal essa estrutura ainda vai se associar a outros itens funcionais, como veremos nas seções a seguir. Como sintagma nominal esse item também se concatena com outros itens funcionais como o Determinante. A ideia é que, a concatenação com o nós funcionais de categoria nominal ou verbal fica apenas em nível abstrato não implicando reflexos fonológicos na Lista 2.

5.4 CATEGORIZAÇÃO DOS VERBOS POR TRAÇOS FUNCIONAIS

Nessa seção apresentaremos a análise dos dados sob o ponto de vista dos traços funcionais. No caso de línguas como o português, tradicionalmente se aponta a presença de propriedades funcionais, as quais se manifestam como flexão de tempo, modo e aspecto, número e pessoa. Para verificar a marcação dessas ou de outras propriedades funcionais na categoria de verbos da libras, tomamos como base a hipótese da geometria de traços de Cowper (2003) para análise dos nossos dados. Nessa seção, trataremos ainda das discussões feitas sobre os tipos de verbos: com concordância e simples.

5.4.1 A geometria de traços na categoria verbal

As propriedades funcionais das línguas naturais, como as que se manifestam através da flexão verbal em línguas como o português, foram inicialmente observadas pela teoria gerativa de forma substantiva, considerando-se que estas se circunscreviam aos morfemas flexionais. Segundo Kato (2002), com a evolução da noção de parâmetro, verificou-se que uma propriedade singular de uma língua não constitui um parâmetro, mas a manifestação substantiva de alguma propriedade formal abstrata da qual decorrem outras propriedades substantivas na língua. Assim, mesmo uma língua que aparentemente não apresenta uma morfologia flexional constituída como paradigmas bem estruturados, como a libras, deve ser analisada, considerando-se que esta se estrutura sob propriedades funcionais abstratas comuns às línguas naturais.

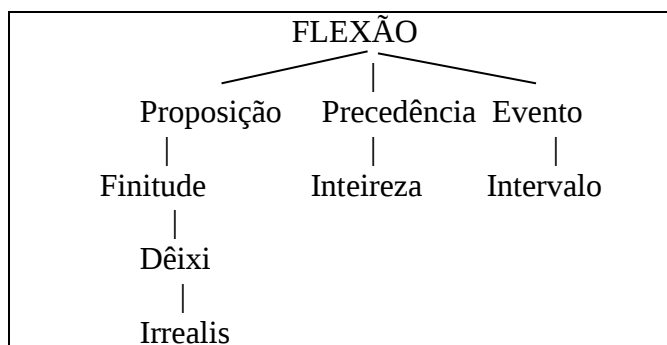
Com base nessa perspectiva, o estudo sobre a geometria de traços tem sido utilizado para explicar a flexão verbal existente nas línguas. Tomamos como base essa teoria para tentar compreender como se manifestam as propriedades funcionais verbais na libras, levando em consideração seu modo próprio de se organizar como língua.

Para tanto, nos valem os estudos de Cowper (2003), que utiliza o recurso da geometria de traços para uma análise da flexão verbal do inglês com base na teoria da Morfologia Distribuída (Halle e Marantz, 1993), e nos estudos de Freitag (2005), que se baseia nos estudos de Cowper (2003) para fazer a mesma análise na língua portuguesa.

Cowper (2003) adota como pressuposto a ideia de que a sintaxe e a semântica de *tempo*, *modo* e *aspecto* são baseadas em um pequeno conjunto de traços que se combinam para manifestar as formas temporais flexionais de uma dada língua. Para a autora são os

traços temporais, modais e aspectuais que, combinados entre si, codificam toda a diversidade de formas verbais de todas as línguas.

De acordo com Cowper (2003) o conjunto de traços de flexão fixados na GU encontra-se conforme quadro a seguir adaptado por Freitag (2005, p. 422).



Quadro 2: Conjunto de traços de flexão por Cowper (2003)

Segundo Freitag (2005), as línguas dispõem de um conjunto de traços, e cada língua irá compor seu subconjunto a partir deste conjunto maior, ou seja, cada língua irá escolher seus traços e formar seu próprio subconjunto, o que contribuirá para a diversidade nas línguas. Portanto, o que pretendemos aqui é tentar descobrir qual o arranjo de traços que formam o subconjunto da língua, mas antes vamos entender o que são cada um desses traços de acordo com o trabalho de Cowper.

Conforme a autora, [Evento] e [Intervalo] referem-se ao conteúdo aspectual; [Precedência] e [Inteireza] estão relacionados ao tempo, já [Proposição], [Finitude] [Dêixis] e [Irrealis] equivalem ao conteúdo modal.

Para Cowper (2003), a distinção entre uma frase eventiva ou estativa é representada com a presença ou ausência do traço [Evento], e não com o contraste entre duas especificações como [+ Evento] e [– Evento]. O traço [Evento] não é licenciado por nenhum morfema particular, conforme Cowper (2003). Então, isso pode significar que uma frase eventiva ou estativa pode ser ambígua, porém, ainda segundo a autora, há dois contextos em que só a leitura eventiva é possível: em complemento de infinitivo nu de verbos de percepção; e o segundo caso é quando o progressivo-*ing* aparece. (Ibidem, p.4)⁴⁹

Vejamos os exemplos da autora das sentenças que só podem ter uma interpretação eventiva.

⁴⁹ One of these is when the clause in question is the bare infinitival complement of a perception verb. The second case of an obligatory event reading is when progressive-*ing* appears.

(65)a. They saw [the policeman be polite/?intelligent/??burly]⁵⁰.

b. We heard [the student heckle/?dislike the teacher].

c. The children were playing in the yard.

d. The heckler was being rude. (COWPER, 2003, p. 04)

Para Freitag (2005) cada traço é responsável pela expressão de um significado específico, a autora define os traços citados acima da seguinte maneira:

O traço [Evento] distingue eventos de todo o tipo de estados. O traço [Intervalo] distingue eventos internamente subdivididos em fases (imperfectivos). O traço [Precedência] estabelece relação (que pode ser de simultaneidade ou inclusão) entre uma sentença e sua âncora temporal. O traço [Inteireza] requer a relação de precedência para estabelecer relação entre todos os momentos do evento e a âncora temporal. O traço [Proposição] distingue eventos e estados de suas manifestações cognitivas. O traço [Finitude], conteúdo puramente sintático, licencia caso para sujeito estrutural e concordância com os traços- ϕ com o verbo. (FREITAG, 2005, p. 422).

Como pudemos perceber cada traço mantém uma relação de dependência com os outros traços. De acordo com Freitag (2005, p. 422), o traço [Intervalo] é dependente de [Evento], o traço [Inteireza] é dependente de [Precedência], o traço [Irrealis] é dependente de [Dêixis].

A propriedade [Inteireza] refere-se à continuidade de uma ação, se foi concluída ou não, isto é, se é imperfectivo ou perfectivo, por exemplo:

(66)a. Eu vivo angustiada por causa da prova. (imperfectivo)

b. Eu espirrei muito, pois estava gripada. (perfectivo)

A propriedade [Precedência] tem a ver com o sistema temporal das línguas. O tempo passado é marcado com o traço [Precedência] e a ausência desse traço nos indica que a sentença pode estar no presente ou futuro. Já o traço [Finitude] apresenta tempo, modo e aspecto, e em língua portuguesa isso é marcado por uma morfologia.

⁵⁰a) Eles viram [o policial ser educado /? Inteligente / ?? corpulento].

b) Nós ouvimos [o aluno interromper /? não gostar do professor].

c) As crianças estavam brincando no quintal.

d) A desordeiro estava sendo rude.

(67) Quando criança, brincávamos de boneca.

O traço [Irrealis] refere-se a uma ação não concreta, irreal. Esse traço estabelece relação com a proposição, em inglês, por exemplo. Conforme Freitag (2005), a relação irrealis pode ser realizada com os verbos modais *will* e *must* e com *can* e *may*. Em português esse traço está relacionado ao modo subjuntivo, em que a sentença é apresentada como uma incerteza, uma probabilidade. E o traço [Dêixis] se refere, segundo Freitag (2005), ao conjunto de âncora temporal e/ou pessoa da sentença.

5.4.2 Uma possível geometria de traços na categoria verbal em libras

Este não é o primeiro estudo que lança mão da geometria de traços para explicar aspectos peculiares à estrutura gramatical da libras, conforme mencionamos anteriormente, Prado (2014), estudando um elemento de apontação (Localizadores – Locs) presente na libras, e em línguas de sinais de modo geral, defendeu que esse elemento pertencia à categoria dos Determinantes, sendo portanto um núcleo D, e defendeu que a referencialidade nessa língua toma como base o traço [dêixis] presente nesse elemento. Assim, a autora assume que a libras possui um traço de dêixis, além de um conjunto de outros traços, nos núcleos funcionais do nominal (D, Pos, Q), o qual deve ser obrigatoriamente checado para produzir leitura referencial.

A assunção da [dêixis] como uma propriedade presente na base dos Locs já havia sido assumida por Prado e Lessa-de-Oliveira (2012). Segundo as autoras, a dêixis refere-se à realização do elo entre a produção linguística do falante e do contexto situacional em que tal produção ocorre. Diferentemente de outros autores, como Pizzuto *et al* (2006), que definem os elementos Localizadores como recursos de coesão textual que permitem aos falantes ou sinalizantes introduzir referentes no discurso (dêixis) e, subsequentemente, referir-se a eles em momento posterior (anáfora), Prado e Lessa-de-Oliveira (2012) levantam a hipótese de que esses elementos têm uma natureza exclusivamente dêítica. As autoras acreditam que, mesmo nos contextos em que Pizzuto *et al* (2006) tratam esses elementos como anafóricos, estes marcam a referenciação de forma dêítica, uma vez que fazem sempre apontação direta dos referentes, em qualquer parte do discurso. Prado e Lessa-de-Oliveira (2012) e também Prado (2014) veem uma evidência para a hipótese acima na ausência de ambiguidade em

libras, em contextos em que, em línguas orais como o português, esta comumente se verificaria, conforme o trecho a seguir.

Contextos de ambiguidade em línguas orais, como o exemplificado abaixo, são uma evidência da constância da propriedade da dêixis nos Locs.

(37) Maria e Joana ficaram responsáveis pelo serviço de limpeza. # Ela vai limpar os quartos e ela a sala e a cozinha. # Ela se preocupou com os banheiros, mas ela disse que já ia fazer coisa demais.

As duas últimas sentenças das três em (37) são ambíguas, devido à propriedade anafórica do pronome “ela” nesse contexto. O pronome “ela” aí deveria marcar seu referente estabelecendo correferência com um antecedente, mas essa correferência encontra dois candidatos a antecedente; os nomes “Joana” e “Maria”. A ambiguidade neste exemplo demonstra que o referente de “ela” neste contexto, em português, só ocorre de forma anafórica. Diferentemente dessa situação, o exemplo (37) na modalidade falada da libras não apresenta nenhuma ambiguidade, porque os pronomes de 3ª pessoa aí serão o Loc_{Maria} e o Loc_{Joana}. O que demonstra que é a propriedade da dêixis que individualiza o Loc, livrando-o da ambiguidade em qualquer contexto (PRADO, 2014, p. 74).

Assim, podemos entender que a dêixis se dá na localização e na identificação de referentes no tempo da enunciação. Faremos além da análise das propriedades funcionais relacionadas ao verbo também uma observação do papel da dêixis, considerando dois aspectos: (a) que o traço [dêixis] está no quadro dos traços verbais traçado por Cowper (2003), figurando como âncora temporal e/ou pessoal da sentença, conforme Freitag (2005); e (b) que, como língua de natureza gestovisual, a libras pode estar utilizando de um expediente espacial como recurso de marcação de suas propriedades funcionais, algo já constatado no caso da categoria D, conforme o trabalho de Prado (2014).

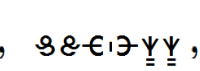
5.4.2.1 A categoria aspectual em libras

Segundo Castilho (1968, p. 14) o “aspecto é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração ou desenvolvimento. É pois, a representação espacial do processo.” E explica Finau (2008) que o aspecto é responsável pela interpretação de uma ação como concluída ou não, observada na sua duração ou repetição, pois o aspecto indica a duração do processo verbal.

Alguns sinais em libras parecem fazer essa marcação aspectual com um alongamento do movimento como, por exemplo, o sinal CRESC[er], que é iniciado na linha da cintura e faz um movimento para cima próximo a direção do ombro. Realizado assim, esse sinal não faz

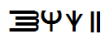
nenhuma marcação específica para aspecto, porém se esse movimento seguir até o topo da cabeça, isto significa que se trata de uma ação contínua, um aspecto imperfectivo.

Como vimos no capítulo anterior, autores como Ferreira (2010 [1995]) e Felipe (1998) consideram que o aspecto ocorra em libras como um fenômeno de afixação por meio da alteração do movimento, da configuração de mão e/ou do ponto de articulação do verbo. Para Finau (2008), em libras podemos ter o aspecto imperfectivo inceptivo (fase inicial do evento), cursivo (desenvolvimento do evento) e terminativo (fase final do evento). Entretanto, notamos que essa alteração ou alongamento no movimento para determinar duração e término de um evento não é produtivo⁵¹. Alguns, por exemplo, como é o caso do verbo CONSTRU[ir], encontrado em nossos dados, marca o aspecto imperfectivo de outra maneira. Vejamos um exemplo.

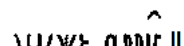
- (68)  ,  ,
HOMEM SACRIFIC[io] CONSTRU[ir], CONSTRU[ir],

⁵¹ Observamos um quadro afixional produtivo na categoria verbal em libras marcando uma propriedade que normalmente não é indicada como aspecto. É a “intensidade”, comumente encontrada nas línguas na categoria adverbial. Em libras, a intensidade é marcada por um realce dado, geralmente, ao movimento componente do sinal, que pode ser intensificado na sua rapidez ou lentidão ou ser acentuado em seus contornos. É o que vemos nos exemplos a seguir. O sistema SEL utiliza duas barrinhas (||) para indicar essa intensificação.

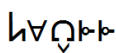
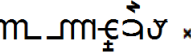
- (i) a.  QUERER
‘querer’
b.  QUER[er]^{intensidade}
‘querer muito’

Em (1b), o movimento retilíneo para trás do sinal  (QUER[er]^{intensidade}) é realizado com um contorno diferente, como se se colocasse mais força no braço ao puxar a mão para trás. A intensificação do movimento é acompanhada de uma expressão facial que sugere intensificação.

Essa intensificação pode ocorrer também com adjetivos. Em (2b) o sinal  (RÁPID[o/a]^{intensidade}) o movimento retilíneo para esquerda e para a direita realizado em frente da boca é acelerado para marcar a intensificação da rapidez. Já em (3b) a intensificação no sinal  (LENT[o/a]^{intensidade}) é marcada pela desaceleração do movimento componente do sinal que é fechamento gradativo dos dedos indicador, médio, anelar e mínimo.

- (ii) a.  RÁPIDO
‘rápido’
b.  RÁPIDO^{intensidade}
‘muito rápido’
(iii) a.  LENTO
‘lento’
b.  LENTO^{intensidade}
‘muito lento’

‘Semana que vem eu viajo’.

b.    *

TODO DIA LocEU VIAJ[ar]

‘Todo dia eu viajo.’

5.4.2.2 A categoria tempo em libras

Conforme mencionamos no capítulo anterior, libras apresenta três tempos: *presente*, *passado* e *futuro* com variações em passado próximo e distante; e futuro próximo e distante. Diferentemente da língua portuguesa, a libras não apresenta morfemas afixados aos verbos para que essa marcação aconteça, mas se utiliza de outros recursos.

Como vimos no capítulo anterior, existem duas vertentes nas investigações de tempo/aspecto em línguas de sinais: uma que propõe a inexistência de flexão nessas línguas e outra que propõe a existência de afixação sequencial. Pela primeira vertente o tempo verbal na libras pode ser marcado de diferentes maneiras: por sinais adverbiais (hoje, amanhã, semana que vem, ontem, etc.), com a manifestação dos sinais PASSADO, HOJE, AGORA e FUTURO que Finau (2008) chama de operadores temporais e Ferreira (2010 [1995]) de locativos temporais. Já para a segunda vertente, há afixos aspectuais marcados por características específicas dos movimentos que modificam a raiz dos sinais verbais. Assim, como já mencionamos, segundo Finau (2004), sentenças sem operadores na libras podem ter a sua temporalidade denotada pela composição entre aspecto e fatores pragmáticos.

Pelo que verificamos nos dados, a hipótese de afixação não encontra um paradigma flexional consistente para se sustentar. Por outro lado, do ponto de vista gerativista, as propriedades de tempo e aspecto pertencem ao quadro funcional da estrutura linguística, sendo, por isso, certamente estabelecido por um sistema abstrato bem constituído. Assim, assumimos a hipótese de que o tempo/aspecto em libras se manifesta por um conjunto de traços universais que estão disponíveis na GU e que são arranjados pela língua através de recursos não flexionais, cuja âncora é a propriedade da dêixis.

Com base nessa ideia, a âncora dêitica temporal, representada pelo corpo do falante, faz a seguinte correlação:

- tempo presente – o momento da fala – perto do corpo do sinalizante;

- tempo passado – momento anterior à fala – costas do sinalizante;
- tempo futuro – momento posterior à fala – espaço avançado à frente do sinalizante.

Verificamos que, em libras, os tempos verbais de fato apresentam operadores temporais em forma de um sinal articulado: o sinal PASSADO (PASSADO), que se articula com um movimento para trás da mão, que se coloca pouco acima do ombro. Tal movimento se assemelha a uma marcação que indica o que estaria localizado atrás do corpo do falante (ou sinalizante); o sinal FUTURO (FUTURO), que se articula com um movimento semicircular para frente com a mão configurada em efe ; e os sinais HOJE e AGORA , que se articulam com as mãos espalmadas com palmas para cima, que se movem uma em direção à outra, de maneira um pouco mais curtinha e rápida no caso de AGORA. Além de serem marcados por esses sinais, os três tempos podem ser marcados por outros sinais como AMANHÃ, ONTEM, PRÓXIMO ANO, SEMANA PASSADA etc.

Estes sinais, todavia, não são obrigatórios na marcação dos tempos passado e presente em libras. As nossas análises contrariam, em certa medida, as previsões de Finau (2004) de acordo com a qual, como vimos, o presente é dado por *default*, justamente pela ausência de marcas para passado ou futuro. Verificamos em nosso *corpus* sentenças que não apresentam o sinal PASSADO e nem FUTURO, mas não estão no presente. Verificamos que os surdos, ao contarem uma história de ficção ou os fatos de suas vidas, não marcaram tempo através desses operadores.

(71)a. $\text{W}\Lambda \text{ } \text{O}\alpha\text{Z}\text{ } \text{J}\text{ } \text{O} : \text{ } \text{N}\text{N}\text{L}\text{ } \text{P}\text{P}\text{ } \text{H}\text{H}\text{ } \text{H}\text{H} , \text{ } \text{C}\text{ } \text{J}\text{C}\text{ } \text{Q}\text{H}\text{ } \text{W}\text{ } \text{W}\text{ } ,$
 TRÊS PORC[o/a]S VIOLINO FLAUTA
 $\text{M}\text{L}\text{ } \text{M}\text{H}\text{ } \text{H}\text{H}\text{ } \text{H}\text{H} \text{ } \times$
 PIANO

‘Havia três porcos: Violino, Flauta e Piano’.

- b. *
 Ø NASC[er] JEQUIÉ MOR[ar] LocAQUI.
 ‘Nasci em Jequié e moro aqui’.

Em (71a), além de não termos uma marca de passado articulada, não temos nem mesmo o verbo existencial articulado. No entanto, compreende-se que se está apresentando os personagens da história, evento passado, uma vez que uma narrativa, do tipo conto de fadas, está sempre no momento anterior ao ato da fala. O exemplo (71b) traz dois verbos sem nenhuma marca articulada de tempo, mas com traço de [Precedência] somente no primeiro NASC[er]. Pelo contexto e aspecto pontual do verbo, a sentença só poderia admitir esse evento ocorrido no passado, uma vez que localiza a situação em um ponto no intervalo de tempo. Por isso qualquer marca temporal é dispensada. Já o verbo MOR[ar], que não é de aspecto pontual, não marca [Precedência]. Assim ocorreu no decorrer de todas as histórias narradas por todos os informantes, ou seja, nenhum dos três marcou o tempo em suas narrativas.

Como vimos, Finau (2004) defende que sentenças sem operadores na libras podem ter a sua temporalidade denotada pela composição entre aspecto e fatores pragmáticos. É o que observamos nas sentenças a seguir.

- (72)a. *
 LocEU CRESC[er] ESCOLA OUVINTE.
 ‘Eu cresci em escola de ouvinte’.
- b. *
 NASC[er] SÃO PAULO MUD[ar] LocAQUI
 BAHIA.
 ‘Eu nasci em São Paulo, depois mudei aqui para Bahia’.
- c. *
 LocEU CRIANÇA IDADE 9 PENS[ar] ÚNIC[o/a] SURD[o/a]

Dessa forma, o *aspecto* marca a oposição entre presente e passado, em certos casos sem necessidade de operador fonológico de tempo. A respeito da relação tempo e aspecto, Finau argumenta que:

[...] na libras, é possível interpretar sentenças como estando no presente quando a lexicalidade dos verbos e de seus complementos não estiver denotando um evento pontual, cujo tempo de referência pode ser interpretado como um todo ocorrido antes do momento de fala, pois, nesse caso, o tempo que se coloca é de passado. Então, o único tempo que necessariamente precisa ser marcado é o futuro, porque somente a semântica dos verbos e seus argumentos não é suficiente para expressá-lo (FINAU, 2008, p. 270).

Corroborando o que Finau (2008) afirma, observamos que verbos com aspecto durativo ocorrem sem marca de presente (73a), diferentemente de verbos pontuais, que ocorrem sem a marca de passado (74a).

(73)a. $\text{h}\dot{\text{e}}\text{x} \quad \text{m}\text{-}\text{m}\dot{\text{e}}\text{ç}\text{a} \quad \text{h}\dot{\text{v}}\text{t} \times$

LocEU MOR[ar] LocAQUI

‘Eu moro aqui’.

b. $\text{J}\text{m}\text{v}\text{t}\text{v} \quad \text{h}\dot{\text{e}}\text{x} \quad \text{m}\text{-}\text{m}\dot{\text{e}}\text{ç}\text{a} \quad \text{h}\dot{\text{v}}\text{t} \times$

PASSADO LocEU MOR[ar] LocAQUI.

‘Eu morava/morei aqui’.

c. $\text{F}\text{a}\text{r} \quad \text{h}\dot{\text{e}}\text{x} \quad \text{m}\text{-}\text{m}\dot{\text{e}}\text{ç}\text{a} \quad \text{h}\dot{\text{v}}\text{t} \times$

FUTURO LocEU MOR[ar] LocAQUI

‘Eu vou morar aqui’ ou ‘Eu morarei aqui’.

(74)a. $\text{A}\text{m}\text{lo}\text{v}\text{o} \quad \text{m}\text{g}\text{e} \times$

J-O-Ã-O CHEG[ar]

‘João chegou’.

b. $\overset{\sim}{\text{A}}\text{W}\overset{\sim}{\text{I}}\text{O}\overset{\sim}{\text{D}}\text{O} \quad \text{m}\text{>}\text{c} \quad \text{m}\text{L}\text{m}\text{P}\text{-}\text{P}\text{B}\text{..}\text{B} \times$

J-O-Ã-O CHEG[ar] HOJE

‘João chegou/chegará hoje’.

c. $\overset{\sim}{\text{A}}\text{W}\overset{\sim}{\text{I}}\text{O}\overset{\sim}{\text{D}}\text{O} \quad \text{m}\text{>}\text{c} \quad \text{M}\text{A}\text{N}\text{H}\text{Ã} \times$

J-O-Ã-O CHEG[ar] AMANHÃ

‘João chegará amanhã’.

A ambiguidade que observamos em (74b) entre passado e futuro é curiosamente provocada pela presença do sinal HOJE. Como o evento CHEG[ar] é pontual, a sua ocorrência pode se dar em diferentes pontos do intervalo do dia em curso, tanto antes como depois do momento da fala. Como esse verbo não exige marca de passado para ser interpretado no passado, essa interpretação é gramatical; por outro lado, a presença de HOJE cria a possibilidade também da leitura de futuro, uma vez que é perfeitamente possível a ocorrência de um fato dentro do dia em curso, mas posterior ao momento da fala. Observemos que, em português, a frase “João chega hoje” apresenta uma leitura de futuro, isto é, ocorrência do fato após o momento da fala, não obstante a ausência de qualquer marca de futuro, seja como flexão verbal seja como advérbio. Já em (74c) a interpretação de futuro é garantida pelo fato de AMANHÃ representar um intervalo de tempo certamente depois do momento da fala.

Quanto à marcação de tempo passado pelo sinal mVP (PASSADO), também se explica por características aspectuais, como aspecto inconcluso ou durativo (73b), ou pela necessidade de se marcar o passado distante (75c).

(75) a. $\overset{\sim}{\text{A}}\text{W}\overset{\sim}{\text{I}}\text{O}\overset{\sim}{\text{D}}\text{O} \quad \text{m}\text{V}\text{P} \quad \text{h}\text{V}\text{t} \times$

JOÃO MORR[er] LocAQUI

‘João morreu aqui.’

b. $\text{M}\text{UIT} \quad \text{P}\text{ESSOA} \quad \text{m}\text{V}\text{P} \quad \text{h}\text{V}\text{t} \times$

MUIT[as] PESSOA[s] MORR[er] LocAQUI

‘Muitas pessoas morrem/morreram aqui’

c. ፈጣሪዎች ለሕዝብ ሞት ስላለች ነች።
 PASSADO MUIT[as] PESSOA[s] MORR[er] LocAQUI
 ‘No passado, muitas pessoas morreram/morriam aqui’.

Em (75) temos um verbo de aspecto pontual. Assim, (75a) é uma sentença de passado não-marcado. Em (75b) notamos que o plural do sujeito modifica de certa forma a condição aspectual do verbo, agregando a este o aspecto iterativo, ou seja, o evento continua sendo pontual, mas se estende por um intervalo de tempo maior porque se repete, uma vez que as mortes podem ocorrer em momentos diferentes. Isso implica uma leitura de presente não-marcado. Por outro lado, essa sentença também admite uma leitura de passado não-marcado, perfectivo, uma vez que se admite também a leitura em que todas as pessoas morreram ao mesmo tempo, restringindo o evento ao aspecto pontual. Assim temos uma sentença ambígua.

Também em (75c) observamos uma sentença de interpretação ambígua, mas a ambiguidade aí se limita ao aspecto perfectivo ou imperfectivo, pois o tempo é o passado devido ao operador ለጊዜው. A leitura de passado imperfectivo se dá pelo mesmo motivo de (75b), o sujeito no plural amplia o intervalo de tempo do evento, tornando-o iterativo. E a leitura perfectiva ocorre, também igualmente a (75b), devido ao fato de se admitir também a leitura em que todas as pessoas morreram ao mesmo tempo, restringindo o evento ao aspecto pontual.

Quanto ao tempo futuro, de fato este parece depender mais de operadores articulados do que os dois outros tempos. Tanto com verbos durativos como MOR[ar] ou ESTUD[ar], (73c) e (76b), como com verbos pontuais como CHEG[ar], (74c), o tempo futuro depende, em libras, de sinais marcadores de futuro.

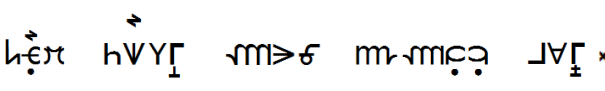
(76)a. ከጊዜው ለጊዜው ለጊዜው ለጊዜው
 LocEU ESTUD[ar] UESB MATEMÁTICA
 ‘Eu estudo Matemática na UESB’

b. ለጊዜው ከጊዜው ለጊዜው ለጊዜው ለጊዜው

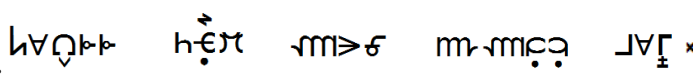
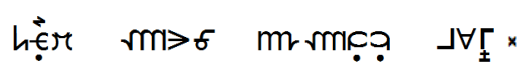
FUTURO LocEU ESTUD[ar] UESB MATEMÁTICA

‘Eu vou estudar Matemática na UESB’

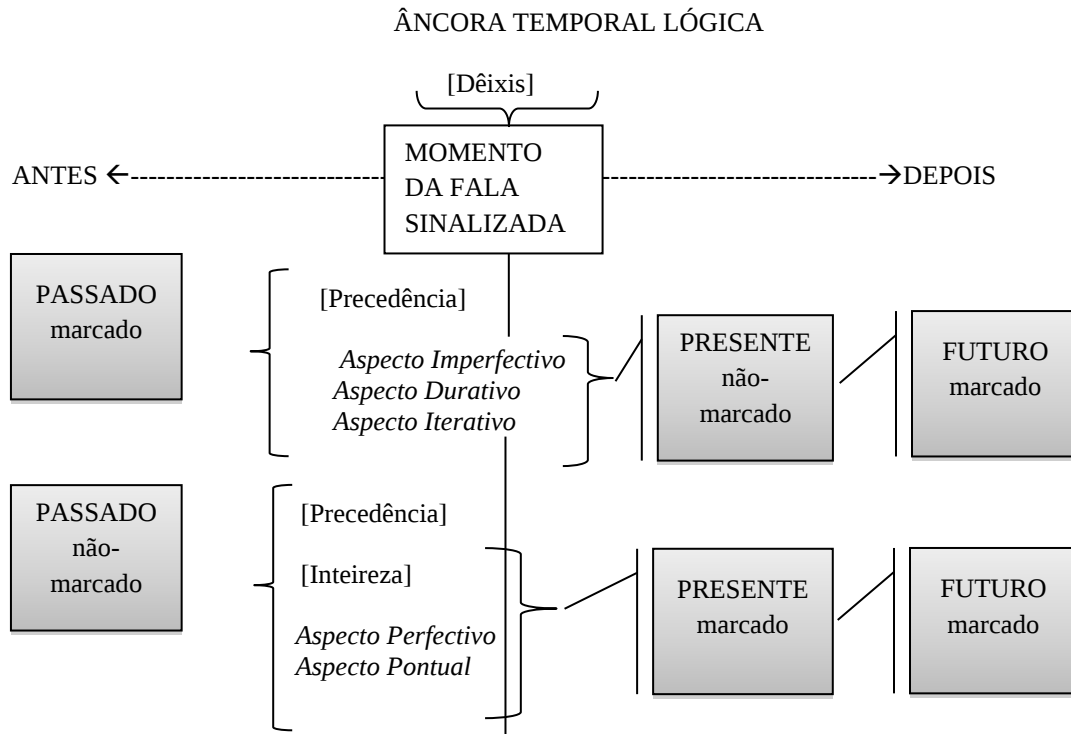
Além de operadores adverbiais, registramos em libras um verbo auxiliar como operador de futuro, como se observa a seguir.

- (77)  *
 LocEU [ir] CHEG[ar] MORA[dia] TARDE
 ‘Eu vou chegar em casa tarde.’

Por fim, o operador do presente marcado também se verifica quando o verbo não é durativo, como CHEG[ar] em (78a). Nesse exemplo o sinal TODO DIA traz para o evento um aspecto iterativo e habitual num intervalo de tempo presente. A ausência desse operador provoca uma leitura no passado (78b).

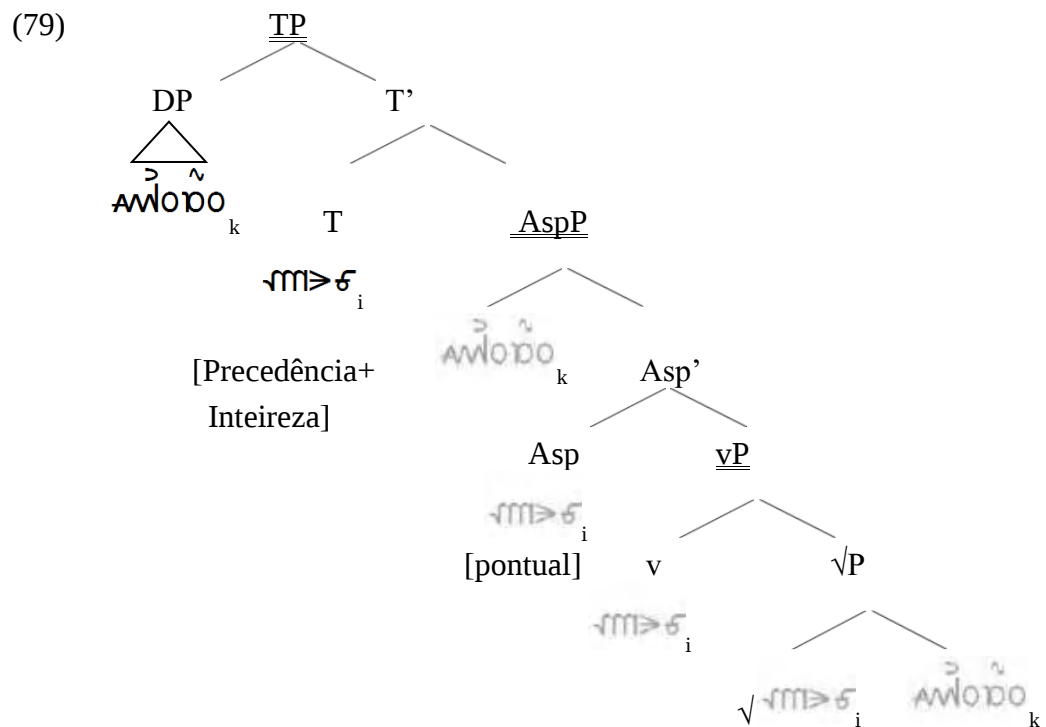
- (78)a.  *
 TODO DIA LocEU CHEG[ar] MORA[dia] TARDE
 ‘Todo dia eu chego em casa tarde.’
- b.  *
 LocEU CHEG[ar] MORA[dia] TARDE
 ‘Eu cheguei em casa tarde.’

Dessa forma, notamos que tanto o passado quanto o presente podem ser não-marcados, tendo a temporalidade identificada por uma associação ao aspecto, deixando a obrigatoriedade de marcação temporal para o tempo futuro. E, tanto o passado quanto o presente podem ser marcados com um operador temporal, caso o aspecto verbal não corresponda ao contexto dos tempos não-marcados. No quadro abaixo resumimos a nossa análise para o tempo/aspecto em libras:



Quadro 3: Marcação de tempo em libras

Em (79) vemos a estrutura em que a Raiz CHEG[ar], que se concatena aos núcleos v e e Asp, constitui-se como um verbo, o qual em T pode checar [Precedência+Inteireza], sem precisar de matriz fonológica para o morfema temporal devido a sua natureza aspectual pontual.

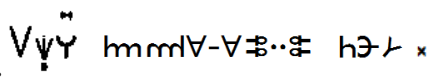


5.4.2.3 A categoria modal em libras

Para definir os traços da categoria modal nas línguas, é preciso antes identificar e definir seus aspectos morfossintáticos, conforme Cowper (2003), e para isso é necessário fazer a distinção entre proposição e evento *bare* (*nu*). Como já definimos anteriormente, temos uma proposição quando a sentença é passível de valor de verdade, se não, temos um evento *bare*.

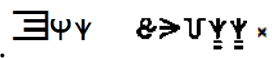
Segundo Freitag (2005), a proposição pode ser dividida em: sentenças com traços [Finitude] e [Dêixis] e sentenças que não têm esses traços. Assim temos sentenças finitas dêíticas e sentenças finitas não-dêíticas. O traço [Dêixis] por sua vez, pode estar relacionado tanto com a dêixis de tempo [T-dêixis] como de pessoa [P-dêixis].

Tradicionalmente, dividimos, em português, o modo em: subjuntivo (ou conjuntivo), indicativo e imperativo como também o infinitivo, gerúndio e particípio. Em libras, o modo é marcado pela presença do traço [Irrealis] em subordinadas (80a), em contraste com sentenças simples como (80b), sem a presença de flexão morfofonológica definidora de modo em ambas.

(80)a. 

POD[er]^{Não} FAZ[er] ISSO.

‘Não posso fazer isso’.

b. 

QUER[er] SORVETE.

‘Quero um sorvete’

Ou seja, para o modo subjuntivo, que expressa dúvida ou incerteza, exprime uma ação hipotética, libras também não apresenta marcas morfológicas explícitas, mas as sentenças são acompanhadas com sinais que expressam incertezas como TALVEZ, SE etc., além das expressões faciais e/ou corporais.

Dessa forma, podemos assumir, também para modo, o quadro de Cowper (2003) (quadro 2 apresentado anteriormente) como conjunto de traços pertencentes a libras, os quais,

no nosso entendimento, se manifestam valendo-se da estrutura sintática puramente ou de operadores adverbiais.

5.4.2.4 Verbos direcionais ou com concordância

Como vimos no capítulo anterior, o fenômeno da concordância em línguas de sinais não é homogêneo, pois pode apresentar diferentes padrões tais como: concordância com sujeito e objeto, a concordância com os verbos reversos, a concordância locativa e a concordância de gênero. Mas o que de fato é concordância? Para que serve e como é marcada?

Em muitas línguas, a concordância tem estreita relação com o caso. Conforme Chomsky (2000, 2001 *apud* SOUZA; DUARTE, 2014), o caso e a concordância podem ser vistos como dois lados de uma mesma moeda, pois ambos resultam de uma mesma operação *Agree* entre um núcleo flexional I e um DP. Porém, essa relação não é universal entre as línguas. Sabemos que, nas línguas oroaditivas o Caso é marcado por recursos como marcação morfológica, ordem dos constituintes e preposições. E na libras, seria a concordância responsável pela atribuição de Caso?

Para falar em concordância em libras, precisamos identificar as propriedades funcionais envolvidas aí. Rathman e Mathur (2002, 2008 *apud* SOUZA; DUARTE 2014) propõem que, na verdade, a concordância verbal envolve os traços morfossintáticos de pessoa e número. De acordo com os autores, em línguas de sinais, os traços de pessoa e número são realizados da seguinte forma:

- | |
|--|
| <p>a) Pessoa</p> <p>Primeira: [+1] ↔ no/próximo ao peito (marcado)</p> <p>Não-primeira: [-1] ↔ Ø</p> <p>b) Número</p> <p>i. Traços</p> <p>Plural (coletivo): [+pl] ↔ arco horizontal (marcado)</p> <p>Singular: [-pl] ↔ Ø</p> <p>ii. Reduplicação: exaustivo (distributivo), dual.</p> |
|--|

Quadro 4: Traços morfossintáticos (RATHMAN; MATHUR, 2008)

Vamos verificar tais traços a partir dos exemplos a seguir⁵².

(81)a. $\nabla\Gamma/\alpha\beta\gamma$ *
 $\text{LocEU} \text{AVIS}[\text{ar}]_{\text{LocVOCÊ}}$
 ‘Eu te aviso’.

b. $\nabla\Gamma/\alpha\beta\delta$ *
 $\text{LocEU} \text{AVIS}[\text{ar}]_{\text{LocEL}[\text{e/a}]}$
 ‘Eu aviso a ele’.

c. $\nabla\Gamma/\epsilon\pi\gamma$ *
 $\text{LocVOCÊ} \text{AVIS}[\text{ar}]_{\text{LocEU}}$
 ‘Você me avisa’.

d. $\nabla\Gamma/\epsilon\pi\delta$ *
 $\text{LocEL}[\text{e/a}] \text{AVIS}[\text{ar}]_{\text{LocEU}}$
 ‘Ele me avisa’.

e. $\nabla\Gamma/\gamma-\rho$ *
 $\text{LocVOCÊ} \text{AVIS}[\text{ar}]_{\text{LocEL}[\text{e/a}]}$
 ‘Você avisa a ele’.

f. $\nabla\Gamma/\gamma\alpha-$ *
 $\text{LocEL}[\text{e/a}] \text{AVIS}[\text{ar}]_{\text{LocVOCÊ}}$
 ‘Ele avisa a você’.

Quanto ao traço de primeira pessoa, indicado pelos autores como “marcado-no/próximo ao peito”, o identificamos no caso do verbo AVIS[ar] próximo ao peito (81c) e

⁵² Os exemplos foram transcritos a partir dos sinais do dicionário Capovilla (2001).

No que diz respeito ao traço de número, observamos a presença dele como “movimento em arco contínuo” ou “a repetição do sinal feita em arco” apenas em relação às 2ª e 3ª pessoas, como sujeito ou como objeto-alvo. O plural de 1ª pessoa não é marcado no verbo, mas pelo pronome “nós”.

- (83) a. $\text{VTV} \text{mm}/\langle \rangle \text{q} \dots \text{p}^*$ (com duas mãos) ou $\text{VTV} \text{h} \text{q}^*$ (com uma mão)
 $\text{LocEU} \text{AVIS}[\text{ar}]_{\text{LocVOCÊS}}$

‘Aviso a vocês’.

- b. $\text{ML} \text{h} \text{q} \text{h}^*$

$\text{LocEU} \text{PERGUNT}[\text{ar}]_{\text{LocVOCÊS}}$

‘Eu pergunto a vocês’.

- c. $\text{h} \text{q} \text{m} \text{h} \text{q} \text{h}^*$

$\text{LocVOCÊS} \text{PERGUNT}[\text{ar}]_{\text{LocEU}}$

‘Vocês me perguntam’.

- d. $\text{h} \text{a} \text{m} \text{h} \text{q} \text{h}^*$

$\text{LocEL}[\text{e/a}] \text{S} \text{PERGUNT}[\text{ar}]_{\text{LocEU}}$

‘Eles me perguntam’.

- e. $\text{h} \text{v} \text{q} \text{m} \text{h} \text{q} \text{h}^*$

$\text{LocNÓS} \text{PERGUNT}[\text{ar}]_{\text{LocEL}[\text{e/a}] \text{S}}$

‘Nós perguntamos a eles’.

ou

- f. $\text{h} \text{v} \text{q} \text{m} \text{h} \text{q} \text{h}^* \text{h} \text{a}^*$

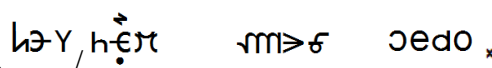
$\text{LocNÓS} \text{PERGUNT}[\text{ar}] \text{LocEL}[\text{e/a}] \text{S}$

‘Nós perguntamos a eles’.

Assim, o que observamos nesse tipo de verbo de línguas de sinais é que as três pessoas são identificadas a depender de sua posição dêitica no ponto de partida ou no ponto de chegada do movimento, tanto no caso dos verbos direcionais quanto dos verbos reversos. Entretanto não podemos tomar esse tipo de marcação de pessoa como um paradigma morfológico produtivo. Primeiramente, porque essa marca ocorre com um número muito reduzido de verbos, os ditos verbos direcionais, que constitui um grupo muito pequeno. Em segundo lugar porque, mesmo entre esses verbos não há uma constância dessa marcação, como verificamos a seguir.

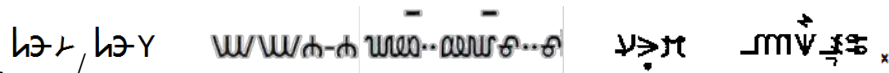
A pouca produtividade e variação no comportamento dos verbos quanto à marcação dos traços de pessoa e número são um indicativo de que a direcionalidade do movimento desse tipo de verbo não tem a ver com concordância. Essa direcionalidade antes está ligada à semântica desses verbos, haja vista a marcação dos papéis temáticos *fonte-alvo* reconhecida por muitos autores. Esses verbos têm, na verdade, um aspecto dêítico, como afirma Moreira (2007), presente na própria relação semântica que implica a relação *fonte-alvo*, isto é, um movimento de um ponto a outro. Relações como essas são claramente perceptíveis em verbos de movimento (em libras são chamados de verbos espaciais) como *trazer* e *levar*, mesmo em línguas orais. Existe uma relação dêítica nesses verbos, que toma o falante como referência. Nessa relação, *trazer* implica um movimento em direção ao falante e *levar*, um movimento em direção de distanciamento do falante.

Assim, esses dados evidenciam que não há concordância de pessoa e número em libras em verbos direcionais, nem em qualquer outro tipo. Ou seja, não há uma marca morfofonológica regular e produtiva, que constitua um paradigma flexional em pessoa e número. Outra evidência disso é o fato de que outros verbos que apresentam direcionalidade de movimento, não apresentam marcas de pessoa ou número, como é o caso dos ditos verbos espaciais nos exemplos abaixo, nos quais observamos a relação *fonte-alvo*.

(84)a.  *

LocEL[e/a]/LocEU CHEG[ar] CEDO

‘Ele(a)/eu chegou/cheguei cedo’.

b.  *

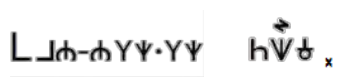
LocEL[e/a]/LocVOCÊ MUD[ar] MINHA RUA

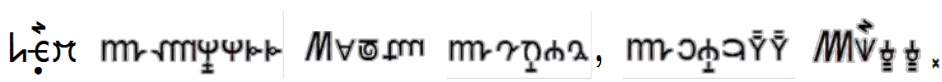
‘Ele(a)/você mudou para minha rua’.

Os traços de pessoa e número observados em alguns dos verbos direcionais podem ser analisados como decorrentes da incorporação de Loc como argumentos. Segundo Almeida (2013), como já mencionamos, a *saturação por Localizadores (Locs)* ocorre quando o argumento se realiza como um ponto no espaço físico que corresponde a um referente real ou imaginário. Neste caso, juntamente com os verbos direcionais, isto é, incorporados neles, realizam-se os Localizadores não-articulados, conforme assumem Prado e Lessa-de-Oliveira (2012). Assim, o mecanismo de marcação de Caso em libras parece não implicar um paradigma de morfofonológico. Podemos pensar, para essa língua, num tipo de marcação estrutural de Caso, definida exclusivamente pela ordem dos constituintes. Não adentraremos nessa discussão, que ultrapassa os limites deste trabalho.

5.4.2.5 Verbos sem concordância ou verbos simples

Considera-se que um verbo é sem concordância quando neste não há uma modificação para identificar o sujeito e o objeto, como acontece com os verbos ditos de concordância. Esse tipo de verbo corresponde à imensa maioria dos verbos em libras.

- (85)a. 
 Ø TRABALH[ar] LocAQUI.
 ‘Eu trabalho aqui’.

- b. 
 LocEU ESTUD[ar] UESB NOITE CURS[ar/o] MATEMÁTICA.
 ‘Eu estudo na UESB à noite no curso de Matemática’.

Um aspecto interessante observado em relação aos verbos simples é que nas sentenças com esses verbos, geralmente, a frase é linear, ou seja, não apresenta a simultaneidade característica das línguas de sinais.

Em síntese, procurando explicar o fato de não observarmos em libras marcas morfofonológicas próprias das diferentes categorias gramaticais, no tocante à marcação das

propriedades de tempo, modo e aspecto, número e pessoa ou Caso, tomamos, com base na MD, os sinais dessa língua como raízes cujos traços categoriais não apresentam correspondentes na Lista 2, já que esses traços não se manifestam fonologicamente. Assim, valendo-nos da geometria de traços, para tentar explicar como se manifestam as propriedades funcionais verbais em libras, assumimos a hipótese de que a propriedade de tempo é marcada, nessa língua, com base em certa *Âncora Temporal Lógica* fundamentada na [Dêixis] temporal, que se vale do *aspecto* relacionado ao traço [Inteireza], para estabelecer a necessidade, ou não, de um operador, marcando os tempos passado e presente, em oposição ao futuro, que é sempre marcado. Observamos, ainda, que também o modo se manifesta valendo-se da estrutura sintática puramente ou de operadores adverbiais e que, não havendo qualquer marca morfofonológica produtiva de pessoa e número, não pode haver concordância dessa natureza.

6 AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Neste capítulo trataremos da aquisição da linguagem com base na hipótese inatista, abordando: o contexto de aquisição de uma língua de sinais; Maturacionismo e Continuismo; aquisição na perspectiva de Regência e Ligação ao Programa Minimalista; aquisição na perspectiva da Morfologia Distribuída; aquisição das categorias gramaticais em libras; e aquisição dos traços funcionais verbais em libras. Fazemos aqui uma discussão do processo de aquisição da categoria verbal em libras apenas do ponto de vista teórico, como base na investigação dos aspectos gramaticais que caracterizam essa categoria nessa língua, conforme as análises e hipóteses que estamos assumindo neste estudo.

6.1 O CONTEXTO DE AQUISIÇÃO DE UMA LÍNGUA DE SINAIS

Embora, como ser humano, os surdos apresentem a mesma condição genética de um ouvinte para aquisição de uma língua, eles, porém, carregam um bloqueio auditivo, que lhes impede de adquirir uma língua oroauditiva pela via acústica, ou seja, sua condição natural de aquisição fica restrita ao tipo de língua gestovisual. Não queremos, contudo, afirmar que o surdo não tenha condições de adquirir uma língua de modalidade oral auditiva, porque isso é possível, porém não nas mesmas condições e nem com a perfeição que um ouvinte adquire. Também devemos levar em conta, nessa discussão, o grau de surdez, acompanhamentos fonoaudiológicos, idade, se é surdo pré ou pós-linguístico etc. O que queremos enfatizar são as condições de aquisição natural de uma língua para as pessoas surdas, que implica um *input* ao qual não haja bloqueio de acesso. Neste caso, apenas uma língua de sinais preenche essas condições.⁵³

Há outro aspecto importante que marca as condições comumente encontradas no processo de aquisição da fala por uma criança surda – o contato inicial com o *input*. Essa questão, além de inquietar os educadores, tem sido abordada por muitos pesquisadores, que relatam o seguinte.

⁵³O que verificamos no convívio frequente com surdos é que para pessoas com surdez profunda a aquisição de uma língua oral é praticamente descartada. Mas temos notícia de casos desse tipo de aquisição. O que podemos observar é que os casos de aquisição parcial e fluente de língua oral por surdos implicam geralmente no fato de eles possuírem algum grau de audição.

A grande maioria das crianças surdas é filha de pais ouvintes que normalmente não conhecem a língua de sinais e muitas vezes nunca viram um surdo. Esse fator interfere diretamente no processo de aquisição da linguagem dessas crianças, uma vez que, até os pais tomarem conhecimento da língua de sinais e admitirem o seu uso, as crianças ficam praticamente sem *input* linguístico (QUADROS; CRUZ, 2011, p. 25).

Destarte, muitas crianças surdas por serem filhas de pais ouvintes, que não são falantes de uma língua de sinais, ficam impossibilitadas de adquirir a linguagem de forma natural, visto que a falta de audição se torna um obstáculo para a aquisição natural da língua de seus pais, oroauditiva, e a falta de contato com uma língua de sinais impossibilita sua aquisição. Ou seja, essas crianças nem adquirem uma língua oral nem tem oportunidade de adquirir uma sinalizada. Segundo alguns autores, o surdo, mesmo tendo uma aquisição tardia, consegue adquirir a libras com tanta naturalidade quanto o surdo com uma aquisição na tenra infância. Diferentemente, Quadros (2009, p. 162) afirma que “sujeitos expostos tardiamente à Língua de Sinais, mesmo diante de um *input* consistente e prolongado, apresentam alguns desvios na consolidação da linguagem”.

Esse contexto leva a questionamentos, ainda não respondidos, sobre como saber se é possível alguém passar a primeira infância sem adquirir língua nenhuma e, depois do período crítico, adquirir uma língua de sinais; ou se se desenvolve algum tipo de dialeto sinalizado nesses ambientes domésticos nos quais se encontra uma criança surda no meio de ouvintes que não falam uma língua sinalizada.

A literatura fala de “sinais caseiros”, que são gestos usados pelos surdos que ainda não tiveram contato com a língua de sinais. Então, esses sinais caseiros não seriam indícios da presença de uma língua? Muitos estudiosos divergem quanto ao posicionamento em relação ao que seriam esses ditos sinais caseiros. Para alguns, são apenas mímicas e pantomimas, uma mistura aleatória de gestos, que nada tem de língua (TERVOORT, 1961 *apud* SANTANA, 2007). Tervoort (1961) afirma que os sinais caseiros constituem um recurso simbólico convencional, compartilhado somente por uma criança e sua mãe.

Mas há os que acreditam que tais gestos têm estruturas semelhantes às de língua de sinais (MORFORD, 1996). Mesmo havendo precariedade na comunicação, pois o repertório vocabular é muito restrito, o surdo e seus pais e/ou familiares conseguem manter certa interação, apenas para situações simples e emergenciais entendida apenas no contexto familiar. Morford (1996 *apud* TEXEIRA; CERQUEIRA, 2014) afirma que os sinais caseiros são estruturas com generalizações simples: gestos dêiticos, icônicos referenciados pelo

ambiente. Com isso, não se pode negar que existe de fato certa similaridade com a língua de sinais, já que dêiticos e sinais icônicos compõem essa língua.

Não é objetivo deste trabalho entrar nessa discussão nem apresentar respostas para as perguntas acima, pois isto exigiria um trabalho com um *corpus* coletado com este fim, o que não é o caso deste estudo. Mas é importante incluirmos esse fato na caracterização do contexto de aquisição da libras que estamos traçando nesta seção, pois estamos tentando mostrar que o contexto de aquisição dessa língua, como das demais línguas de sinais é bastante diferenciado do contexto de aquisição comum às línguas orais.

Deixando de lado as questões que envolvem o processo de aquisição da linguagem por crianças surdas, filhas de ouvintes não falantes de línguas de sinais, vamos nos voltar para o cenário onde se encontram crianças surdas filhas de pessoas surdas falantes de línguas de sinais. Nesse cenário, a criança surda tem a oportunidade de ser exposta a um *input* linguístico, ou seja, a uma língua de sinais, e ela adquire a língua nas mesmas condições de uma criança ouvinte. “As investigações delineadas até então indicam que crianças surdas, filhas de pais surdos, adquirem as regras de sua gramática de forma muito similar às crianças ouvintes adquirindo línguas faladas” (QUADROS; CRUZ, 2011)⁵⁴.

Assim, o que interessa a este estudo é discutir as bases inatista no processo de aquisição da libras, considerando a perspectiva teórica frente às observações e análises que fizemos sobre a sintaxe dessa língua nos capítulos anteriores. A nosso ver, uma análise de dados de aquisição da categoria verbal em libras exige, como primeiro passo, uma compreensão mais ampla e aprofundada da estrutura sintática dessa categoria em libras. Isto é o que procuramos fazer nos capítulos anteriores. Como segundo passo, esse tipo de investigação exige uma análise dos pressupostos teóricos inatistas frente às análises que fizemos da categoria verbal em libras segundo os pressupostos da Morfologia Distribuída. Isto é o que estamos procurando fazer neste capítulo. Discutir dados de aquisição da categoria verbal em libras, considerando os diferentes aspectos de contextos de aquisição, seria um terceiro passo nesse tipo de investigação, o que constitui uma sequência dos dois outros. Tal passo, no entanto, não será dado neste estudo, uma vez que consideramos que, para tal passo, se faz necessário um amplo trabalho tanto de construção de *corpus* específico quanto de desdobramento de análises frente aos diferentes contextos em que tem ocorrido a aquisição da

⁵⁴Para melhor entendimento sobre aquisição natural da libras por surdos, filhos de pais surdos ver Quadros e Cruz 2011.

libras. No entanto, podemos levantar algumas reflexões teóricas acerca da aquisição dos verbos em libras, é o que faremos na próxima seção.

6.2 A HIPÓTESE INATISTA DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

A hipótese inatista surge no começo da década de 50 com o linguista Noam Chomsky, que expôs suas ideias acerca do conhecimento linguístico inato do ser humano em um de seus primeiros livros, *Aspects of the Theory of Syntax*, de 1965. Chomsky teceu fortes críticas às ideias behavioristas⁵⁵ contidas na resenha publicada por Skinner, principal defensor do behaviorismo, de que a criança adquire a língua materna reproduzindo, imitando os enunciados de seus pais ou de falantes adultos, ou seja, uma aquisição de língua materna feita através de respostas a estímulos.

A noção básica da hipótese inatista é que o indivíduo nasce com uma capacidade inata para linguagem, negando assim a ideia de que a linguagem seja uma habilidade humana ou resultado da ação do meio sobre o sujeito. De acordo com essa teoria de aquisição, a criança não é ensinada, pois ela já traz em si mecanismos que lhe possibilitem essa aquisição.

Assim sendo, a linguagem, nessa concepção não pode ser confundida com um tipo de habilidade. É justamente o uso criativo da linguagem que evidencia que não é uma questão de habilidade que entra em jogo quando uma pessoa a utiliza. Esse é o principal argumento de Chomsky, e talvez o mais contundente, em sua crítica à teoria comportamentalista desenvolvida por Skinner (QUADROS, 2008, p. 47).

A hipótese inatista surge como resposta ao Problema de Platão: Como um ser tão pequeno pode aprender a usar a língua, que é tão vasta e complexa, pode produzir sentenças nunca vistas antes de uma forma tão rápida e criativa diante de tão poucas evidências? Chomsky responde com uma explicação lógica: A criança já nasce sabendo. De acordo com o autor, somente o fato de a criança trazer uma Gramática Universal (GU) inscrita na mente como herança genética pode explicar como essa criança pode saber tanto, elaborar sentenças tão complexas em pouco tempo e com tão pouco estímulo. Por isso, essa teoria é capaz de explicar porque aprendemos a língua materna com tanta rapidez e temos um vasto

⁵⁵O termo behaviorista refere-se à teoria que tem como principal expoente Bloomfield, o qual acredita que língua é o resultado do estímulo recebido pelas interações com o outro e vai sendo fixada na mente com as repetições.

conhecimento dessa língua sem que alguém tenha ensinado. Para ilustrar vejamos um exemplo:

(86)a. Nesta penitenciária, os presos **agridem-se** frequentemente.

b. Nesta penitenciária, **agridem-se** os presos frequentemente

(RAPOSO 1992 *apud* GROLLA, 2006, p. 21)

O que Grolla (2006) comenta acerca dessas sentenças é que na frase (79a) o pronome *se* é anafórico e ocupa a posição de objeto direto do verbo “agredir”, significando, na frase (79a), que os presos agredem uns aos outros. Já na sentença em (79b) o pronome *se* é impessoal e ocupa a posição de sujeito do verbo “agredir”. Isto significa que alguém agride os presos. A autora argumenta ainda que *se* pode ser substituído por “alguém”, isto também é válido para a frase em (79a), o que daria a seguinte sentença: “Nesta penitenciária, os presos **agridem alguém** frequentemente”. E isto com certeza os falantes do português saberiam identificar como uma sentença com outro significado.

Portanto, a questão que nos interessa aqui é que o conhecimento linguístico do falante lhe faz compreender que *se* pode ter um significado impessoal somente quando este pronome está na posição de sujeito da sentença, mas não quando está na posição de objeto, conforme Grolla (2006). Esse conhecimento, no entanto, não foi ensinado ao falante do português, mas ele possui tal conhecimento porque está geneticamente determinado.

Segundo Chomsky, ao nascer todo ser humano traz consigo depositado em seu arcabouço biológico uma Gramática Universal (GU) o que se configura como conhecimento linguístico do falante. Chomsky postulou que a GU é composta por princípios e parâmetros. Os princípios são universais comuns a toda e qualquer língua natural, já os parâmetros são variáveis, são estes que vão provocar a variação entre as línguas.

A noção de princípio pode ser explicada com base no fato de que crianças em qualquer lugar do mundo conseguem adquirir a língua em um período muito curto mesmo com um *input* fragmentado. A essa capacidade, Chomsky chama de Competência e o seu uso de Desempenho. O autor também distingue Língua-I (interna, intensional, individual) de Língua-E (externa, extensional, social). “A língua-I, é pois um elemento que existe na mente da pessoa que conhece a língua, adquirido por quem aprende e usado pelo falante-ouvinte” (CHOMSKY, 1986, p. 39). A língua-E, por sua vez, é considerada o objeto real de estudo e é conhecida no estudo de sistemas formais (*idem*).

Modelo da gramática da língua sendo adquirida pela criança:

GU (S_0) + *input* —————→ Gramática Particular (S_s) – Língua -I

Por outro lado, a hipótese inatista admite a necessidade de um *input*, que é a exposição à língua, por isso para que uma criança desenvolva a fala é preciso que ela seja exposta a um ambiente linguístico. É nesse ambiente linguístico que a criança marca os parâmetros de sua língua. Dessa maneira sua tarefa se torna muito mais simples, sendo apenas a de marcar os parâmetros que já vêm com ela. Mas de que maneira se dá essa marcação?

6.2.1 Maturacionismo e Continuísmo

Dentro da hipótese inatista há alguns autores que divergem quanto à maneira como o indivíduo sai do estágio inicial, fixa os parâmetros e atinge o estágio final de aquisição, a questão é: se a aquisição proposta pela Teoria de Princípios e Parâmetros é simples, por que então a aquisição não é imediata? Por que a criança passa por estágios até adquirir a língua? Para esses questionamentos surgem duas hipóteses: a maturacionista e a continuísta.

Na hipótese maturacionista, conforme explica Grolla (2006), a GU é sujeita a um processo maturacional determinado biologicamente, ou seja, a GU não está pronta, ela vai maturando com o tempo.

Tal hipótese assume que a GU não é o único componente específico da linguagem que controla o desenvolvimento lingüístico, mas que, juntamente com a GU, existe um programa (ingl. ‘*schedule*’) maturacional inato que determina o que a criança fará e em que período. Numa versão mais radical desta teoria, a HM assume que em cada estágio do desenvolvimento, a gramática da criança será restringida somente pelos princípios que já emergiram, enquanto pode violar todos os princípios que não maturaram ainda. (GROLLA, 2006, p. 29-30)

A hipótese maturacional pode ter duas interpretações: uma é que nem todos os princípios estão prontos, estes vão maturando ao longo do tempo e a outra é que os princípios já estão na GU, mas a criança só terá acesso a eles num tempo determinado, “têm que cumprir um determinado calendário”, como menciona Lopes (1999). A autora ainda ressalta que em ambos os casos, os princípios se desenvolvem, assim como ocorre com outros processos biológicos, de acordo com um padrão inato previamente determinado e ressalta que os princípios não são aprendidos, apenas maturam. Para alguns autores inatistas, essa visão

maturacional contraria a teoria, pois como uma teoria, que concebe a língua como inata, pode conceber que essa aquisição não tenha todos os seus princípios disponíveis desde o processo de aquisição ao acesso da criança?

Já a hipótese continuísta, como esclarece Grolla (2006, p. 30), “assume que os princípios da GU estão completamente disponíveis e ativos desde o começo do processo de aquisição e que a gramática da criança é restringida pela GU e não viola seus princípios em nenhum momento”. Para essa hipótese, todos os princípios estão previamente estabelecidos no código genético da espécie humana.

Assim como a hipótese maturacional, a continuísta admite duas versões, uma fraca e uma forte. Na versão fraca, segundo Lopes (1999), durante o desenvolvimento, a gramática infantil pode apresentar estruturas impossíveis ou marginais da língua-alvo, no entanto, são estruturas possíveis em outras línguas. Na versão forte, ainda conforme a autora, todos os princípios da GU estão disponíveis à criança e que as estruturas de sua gramática, em todos os estágios, pertencem apenas às estruturas da língua-alvo, ou seja, não há violação nem dos princípios, nem dos parâmetros da língua alvo, como admite a hipótese fraca.

Para o continuísta Lightfoot (1991) a marcação dos parâmetros no processo de aquisição depende de uma espécie de *trigger*, isto é, uma espécie de gatilho ou como conceituou Cyrino (2004), uma experiência “detonadora”. Isto quer dizer que para marcar os parâmetros de uma língua particular, a criança passa por um conjunto mínimo de experiências, nas quais ela encontra todas as informações básicas necessárias para marcação do conjunto de parâmetros dessa língua. Esses *triggers* se encontram nas sentenças simples, conforme a hipótese do grau zero de aquisição de Lightfoot (1991).

6.2.2 Aquisição nas teorias de Regência e Ligação ao Programa Minimalista

Embora a teoria de Princípios e Parâmetros, desde o modelo *Goverment and Binding* (GB ou Regência e Ligação, em português) pareça dar conta do processo de aquisição, o programa gerativista não para por aí, no modelo mais recente, o Programa Minimalista, uma nova forma aos pressupostos gerativistas é assumida, ao combinar uma visão mais formal de modelo de língua com visões psicolinguísticas de aquisição, onde se busca explicar o modo como as propriedades específicas da língua são identificadas e representadas, conforme menciona Augusto (2007).

A noção de Faculdade da Linguagem permanece no Programa Minimalista e uma investigação que dê conta de explicar os fenômenos linguísticos também, porém de um modo mais econômico e mais simples do sistema computacional, o que exercerá papel importante na aquisição. Como vimos nos capítulos anteriores, na visão minimalista, é no léxico que estão todas as informações paramétricas das línguas e os itens lexicais são constituídos por traços fonéticos, semânticos e formais.

A tarefa da criança passa a ser então a de determinar o conjunto de traços pertinente para a língua a que está sendo exposta, definir a que itens lexicais cada traço se associa e de que natureza o traço é, se interpretável ou não-interpretável, a fim de entrar na sintaxe da língua e definir os valores paramétricos da língua de exposição (AUGUSTO, 2007, p. 275).

Conforme comenta Lopes (2001), a principal diferença entre o modelo Regência e Ligação e o Programa Minimalista está no modelo econômico do sistema computacional, enquanto que em GB existia uma estrutura profunda que ao aplicar a regra Mova- α gerava uma estrutura superficial e os princípios aplicavam-se nos dois níveis de representação, no PM há uma redução dos níveis de representação, sendo que existe apenas a estrutura profunda e os princípios são aplicados apenas nos níveis de interface Forma Fonética (PF) e Forma Lógica (LF).

Sobre o essa questão Lopes (2001) argumenta que “Se um movimento não é necessário para que a estrutura chegue às interfaces, ele não ocorre. Isso se dá em função de determinados princípios de economia que regem o sistema”. Dessa forma, esses princípios vão determinar que se não for necessário não haverá movimento para formar uma estrutura sintática.

A autora ainda explica, em relação à aquisição, que a tarefa da criança é perceber a "força" de um determinado traço em uma categoria funcional, se o traço é forte, haverá movimento visível de uma categoria, ou é se fraco não ocorrerá o movimento.

Comenta Neves (2007) que abordagens lexicalistas sobre o processo de aquisição da linguagem, como a aventada por Pinker (1989), postulam que, nos estágios iniciais da aquisição, as crianças marcam os itens lexicais com traços gramaticais, como [$\pm$ Nome], [$\pm$ Verbo] que ficam armazenados nas entradas lexicais e determinam a projeção sintática das palavras, como a estrutura argumental dos verbos. Conforme aponta Borer (2004), os lexicalistas assumem que é a estrutura léxico-semântica que determina a estrutura argumental dos predicados, isto é, o tipo de argumento e a sua projeção sintática.

Vimos em capítulo anterior que a visão da MD se distingue da visão Minimalista por não assumir o lexicalismo, pois adota a subespecificação de traços gramaticais, propondo um léxico distribuído em várias partes da gramática e a inserção tardia dos Itens de Vocabulário. Tal distinção leva a uma visão, no âmbito da MD, também distinta quanto ao fenômeno de aquisição da linguagem.

6.2.3 Aquisição na perspectiva da Morfologia Distribuída

Como vimos, na visão da MD as categorias sintáticas são formadas a partir de um conjunto de traços sem valor fonológico. Dentro dessa perspectiva, esses traços se encadearão no processo de aquisição. Ou seja, conforme comenta Neves (2007), a criança se utiliza de evidências sintáticas para identificar os nomes, os verbos e os adjetivos de sua língua uma vez que as raízes lexicais são acategoriais e têm as suas categorias gramaticais determinadas na sintaxe por meio de morfemas categorizadores como *vezinho*, *enezinho* e *azinho*. Dessa maneira:

Os morfemas abstratos e as raízes são armazenados em uma lista de terminais que os falantes adquirem quando aprendem uma língua. Assim, um falante nativo de inglês memoriza raízes e morfemas abstratos, que estão disponíveis no inventário universal de traços e igualmente ativos na língua. Pelo fato de serem os primitivos da sintaxe e consequentemente da morfologia, os itens dessa lista são os elementos que fazem parte de palavras, frases e sentenças (EMBICK; NOYER, 2005 *apud* CARNEIRO 2008, p.38).

Como vemos, na MD morfemas abstratos e raízes não são adquiridas como itens lexicais já constituídos. Vamos ver adiante que isso faz muita diferença quando pensamos na aquisição de uma língua como a libras. Ou seja, pelo fato de a MD admitir a possibilidade de as raízes serem subespecificadas em termos categoriais e em termos de valência, transfere-se para a sintaxe a categorização, tornando mais plausível a explicação da aquisição de uma língua que não apresenta marcas morfofonológicas categoriais nos itens lexicais, como é o caso da libras.

Conforme Neves (2007), seguidores da MD, têm como opção para a aquisição da linguagem a hipótese da *Syntactic Bootstrapping* (PYE; LOEB, 1998; LIDZ; GLEITMAN, 2004). Explica a autora, que, de acordo com essa hipótese, a criança se baseia na sintaxe da estrutura argumental não só para adquirir a categoria sintática, mas também para adquirir o significado dos verbos e “de acordo com a MD, a criança tem de adquirir, no caso dos verbos,

além de sua forma fonológica, as suas condições de licenciamento que envolvem traços morfossintáticos” (NEVES, p. 104). Explica ela que, para Shi (2003), a gramática da criança se diferencia da gramática do adulto, nos estágios iniciais de aquisição da L1, não devido à ausência de conhecimento sintático, mas devido a um desenvolvimento incompleto do léxico. Ou seja:

Nesse modelo teórico, uma das tarefas das crianças no processo de aquisição da linguagem é aprender então as condições de licenciamento dos Itens Vocabulares, para que estes possam ser inseridos corretamente na estrutura gramatical formada na sintaxe. Em outras palavras, cabe à criança perceber quais os traços dos Itens de Vocabulário são compatíveis com os traços morfossintáticos da estrutura sintática. A criança também deve aprender as operações morfológicas e fonológicas da Forma Fonológica. (NEVES, 2007, p. 105)

Em resumo, a aquisição na MD é vista como um processo em que a aquisição do léxico não se dissocia da aquisição da sintaxe, uma vez que a tarefa da criança é, por um lado, acessar as raízes e morfemas abstratos da Lista 1, disponíveis no inventário universal de traços e ativos na língua em aquisição, e por outro, marcar as condições de licenciamento dos Itens Vocabulares, itens da Lista 2. É nessa perspectiva que refletimos sobre a aquisição da categoria verbal em libras, na seção seguinte.

6.3 REFLEXÃO TEÓRICA A RESPEITO DA AQUISIÇÃO DA CATEGORIA VERBAL EM LIBRAS

Partindo do cenário das condições ideais para a aquisição da linguagem, ou seja, o contexto em que se encontram crianças surdas que recebem de seus pais um *input* sinalizado, vamos considerar consoante Lopes (2001, p. 19), que a criança já tem a informação básica de que necessita para poder adquirir uma língua: a Faculdade da Linguagem. A criança apenas mobiliza aquilo que já está dado. E, ao longo desse processo, aciona os valores paramétricos relevantes para a sua gramática alvo. Assumindo, em conformidade com os pressupostos da MD, que os morfemas abstratos e as raízes são armazenados em uma lista de terminais que os falantes adquirem quando aprendem uma língua, vamos assumir que a criança adquirindo uma língua de sinais, como a libras, tem como tarefa de aquisição armazenar os morfemas abstratos e raízes, disponíveis no inventário universal de traços e ativos nessa língua e marcar as condições de licenciamento dos Itens Vocabulares.

6.3.1 Aquisição das categorias gramaticais

O primeiro ponto a levantarmos nessa discussão diz respeito ao fato, apresentado por nós nos capítulos anteriores, de que a libras não apresenta marcas morfofonológicas categorizadoras, isto é, morfemas realizados fonologicamente que definam a categoria gramatical dos sinais. Retomando os exemplos (60) e (61) do capítulo anterior, repetidos abaixo como (87) e (88), verificamos que a aquisição de sinais, como , , etc., não precisa ter nenhuma implicação morfofonológica de categoria. Mas se, com base na MD, a aquisição do léxico não se dissocia da aquisição da sintaxe, ao adquirir os sinais o indivíduo não está fazendo aquisição de verbos ou nomes, adjetivos etc., mas simplesmente de raízes, morfemas abstratos e das condições de licenciamento dos itens vocabulares. A diferença entre o fenômeno de aquisição em libras do fenômeno de aquisição de uma língua como o português está no fato de em libras não haver itens de vocabulário correlativos aos morfemas abstratos. Entretanto, de qualquer forma as condições estruturais de inserção dos itens de vocabulário correspondentes às raízes precisam ser adquiridas, pois é nos contextos sintáticos que a estrutura categorial dos sinais se constitui. Ou seja, o indivíduo adquirindo libras precisa fazer aquisição da categorização dos sinais, que é apenas estrutural nessa língua. Assim, para saber que o sinal é um verbo em (87a) e um nome em (87b) a criança se depara como um *input* que apresenta esse sinal em ambas as posições.

- (87) a. *
 Ø NASC[er] JEQUIÉ MOR[ar/dia] LocAQUI.
 ‘Nasci em Jequié e moro aqui’.

- b. (PRECISA) *
 Ø IDE[ar/ia] MOR[ar/dia]
 ‘Tive uma ideia, precisamos de uma casa’.

(88) a.   .

LocEL[e/a] BANH[ar/o] JÁ.
‘Ele já tomou banho (ou se banhou)’.

b.  .

HOMEM IDE[ar/ia]
‘O homem teve uma ideia’.

Dessa forma, um dado positivo vai disparar essa aquisição. Lightfoot (1991) fala da necessidade de frequência e robustez de um dado para que este figure como um *trigger*, disparando o processo de aquisição. Ambos os aspectos são atendidos no caso das raízes e morfemas abstratos da libras. Como nos foi possível mostrar, é regra geral que os sinais ocorram como verbos, nomes ou mesmo como adjetivos, sem nenhuma alteração no seu modo de articulação. Se ocorre alguma alteração, isto não se verifica como paradigma, podendo ser interpretada como ocasionada talvez por fatores pragmáticos. Assim, desde os primeiros contatos com a libras, a criança já encontra dados positivos para marcar o que nós podemos chamar de um dos parâmetros dessa língua, que chamamos de categorização sintática ou estrutural, pois a categoria dos sinais é definida apenas pela estrutura sintática.

Podemos dizer também que a aquisição da categorização sintática, em libras, atende a hipótese do grau-0 de aquisição de Lightfoot (1991). Segundo o autor a:⁵⁶

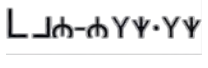
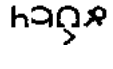
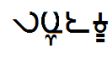
[...] Universal Grammar contains rich information about, say, possible projection type sand specifies certain option points which are set on exposure to particular data sets. [...]

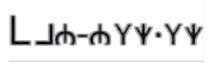
The hypo thesis of degree-0 learn ability, as we have it so far, direct sat tent ion to ward discrepancies between phenomena occurring in embedded and unembedded Domains, but such discrepancies raise no particular learn ability questions if embedded Domains may be part of the trigger experience. [...] Let us see whether a bifurcation between embedded and unembedded Domains is plausible from the perspective of learn ability. (LIGHTFOOT, 1991, p. 23 e 41).

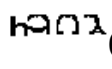
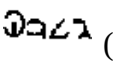
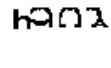
⁵⁶“... Gramática Universal contém ricas informações sobre, por exemplo, os tipos possíveis de projeção e especifica alguns pontos de opção que são fixadas sobre a exposição a determinados conjuntos de dados. [...] A hipótese de grau-0 de aprendizibilidade, como a temos até agora, dirige a atenção para discrepâncias entre os fenômenos que ocorrem em domínios encaixados e não encaixados, mas essas discrepâncias não levantam questões de aprendizibilidade particulares se Domínios encaixados podem ser parte da experiência gatilho. [...] Vamos ver se a bifurcação entre Domínios encaixados e não encaixados é plausível do ponto de vista da capacidade de aprendizado.

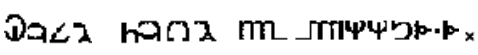
Para adquirir o parâmetro da categorização sintática, para diferentes categorias gramaticais, a criança só necessita do domínio de sentenças simples e matrizes. Em outras palavras, sentenças simples e matrizes são o *trigger* necessário e suficiente para disparar a marcação desse parâmetro.

Considerando que a sentença se apoia num eixo predicator central que é o verbal, sendo esta uma informação da GU, diante de um enunciado como (85), repetido abaixo como

(89), a criança sabe, com base na GU, que o sinal  não é um nome, mas um verbo com sujeito nulo de primeira pessoa, uma vez que não há nesse enunciado nenhum outro sinal capaz de preencher o eixo central. O mesmo ocorre com o sinal  (IDE[ar]) em (88b) acima, o qual está acompanhado de um sinal referenciado, o sinal  (HOMEM).

- (89)  .
 Ø TRABALH[ar] LocAQUI.
 ‘Eu trabalho aqui’.

Já em exemplos como (90) temos dois sinais ocupando posições verbais. Nesse caso, a criança sabe que o sinal  (ORDEN[ar/em]) ocupa um dos eixos predicator central, o eixo verbal da matriz, por conta de sua relação com os outros dois sinais. Esse eixo não poderia ser ocupado pelo sinal  (BRUXA) que é um sinal referenciado, portanto um nome, o qual, pela ordem da sentença, ocupa a posição de sujeito. Se ele estivesse posposto ao sinal , a leitura seria “eu mandei a Bruxa fazer o serviço doméstico”. Pela natureza causativa do verbo ORDEN[ar], o sinal  (TRABALH[ar]/SERVIÇO/EMPREGADO DOMÉSTICO), posposto a este ocupa um segundo eixo de predicação verbal neste enunciado, sendo este segundo eixo selecionado como complemento do predicator anterior.

- (90) a. 
 BRUX[a] ORDEN[ar] TRABALH[ar]SERVIÇO DOMÉSTICO
 ‘A bruxa manda fazer o serviço doméstico.’

Ou seja, os princípios universais da GU dão conta de munir a criança do conhecimento sintático que prediz que numa sentença temos um eixo predicator central que é o verbal, o qual seleciona argumentos. As informações semânticas que determinam o tipo de s-seleção feita são adquiridas quando se adquire as raízes e morfemas abstratos da Lista 1. O que resta, do ponto de vista paramétrico, a ser adquirido, neste caso, é saber que as condições da Lista 2 não incluem, em libras, itens correlativos aos morfemas categoriais, constituindo a categorização dos itens lexicais dessa língua de modo estrutural. E, para ter acesso a esse parâmetro, não é preciso mais que sentenças simples.

6.3.2 Aquisição dos traços funcionais verbais em libras

Quanto aos traços funcionais em libras, a aquisição destes implica, com base em nossa hipótese, um sistema de marcação temporal que parte de uma Âncora Temporal Lógica, a qual associa: o *passado marcado* à presença somente do traço [Precedência]; o *passado não-marcado* à presença dos traços [Precedência]+[Inteireza]; o *presente marcado* à presença somente do traço [Inteireza]; e o *presente não-marcado* à ausência de qualquer desses traços.

A tarefa da aquisição dos tempos marcados será, além da aquisição dos morfemas abstratos da Lista 1 associados aos traços acima descritos para esses tempos, também a aquisição das condições de licenciamento, na Lista 2, dos operadores temporais de passado presente e futuro, associando-os aos seus contextos de marcação definidos por esses traços. Para fazer isso o aprendiz só precisa do contato com dados positivos no *input*.

Quanto aos tempos não-marcados, passado e presente, a tarefa de aquisição restringe-se à aquisição dos morfemas abstratos da Lista 1, que indicam a relação dos traços desses dois tempos. Para isso o aprendiz também depende do contato com o *input*, no qual são encontrados dados positivos, ou seja, sentenças no passado e no presente não marcados, cujos verbos apresentam os traços aspectuais relacionados a cada uma desses tempos, constituindo um sistema de marcação estrutural de tempo. Assim, numa sentença como (72b), repetida abaixo como (91), a criança encontra o contexto *aspecto pontual* + *ausência de operador de*

LocEU MOR[ar] LocAQUI PASSADO
 ‘Eu morei aqui’.

b. $\text{h}^{\text{e}}\text{r} \text{ v}^{\text{d}}\text{am} \text{ m}^{\text{r}}\text{-m}^{\text{r}}\text{ç}^{\text{a}} \text{ h}^{\text{v}}\text{t}^{\text{x}}$
 LocEU [ir] MOR[ar] LocAQUI
 ‘Eu vou morar aqui’.

O mesmo ocorre com os casos em que há necessidade de marcadores do presente, como o sinal $\text{m}^{\text{L}}\text{m}^{\text{P}}\text{-p}^{\text{z}}\text{..z}$ (HOJE) em (94), em que o contexto pragmático de passado da sentença anterior levaria a sentença seguinte para o passado, embora o verbo dessa sentença seja SAB[er], um verbo de aspecto estativo, não pontual, propício ao presente não-marcado. Para adquirir esse marcador a criança só precisa de dados positivos, ou seja, entrar em contato com a presença deles no *input*.

(94) $\text{h}^{\text{e}}\text{r} \text{ m}^{\text{h}}\text{z}^{\text{,}} \text{ h}^{\text{v}}\text{z}^{\text{,}} \text{ z}^{\text{p}}\text{z}^{\text{f}} \text{ h}^{\text{v}}\text{z}^{\text{m}} \text{ z}^{\text{z}}\text{z}^{\text{p}}\text{=h} \text{ m}^{\text{m}}\text{..m}^{\text{m}}\text{^{\wedge}}$,
 LocEU CRIANÇA PENS[ar] ÚNIC[o/a] SURD[o/a] MUNDO
 $\text{m}^{\text{L}}\text{m}^{\text{P}}\text{-p}^{\text{z}}\text{..z} \text{ m}^{\text{r}}\text{ç}^{\text{a}}\text{z}^{\text{m}} \text{ z}^{\text{a}}\text{r} \text{ z}^{\text{p}}\text{m}^{\text{m}} \text{ h}^{\text{v}}\text{z}^{\text{m}} \text{^{\wedge}}$
 HOJE SAB[er] TER MUIT[o] SURD[o/a]
 ‘Quando eu era criança, pensava que eu era o único surdo do mundo, hoje eu sei que existem muitos surdos’.

Outra situação para se pensar sobre a aquisição verbal em libras é a de contexto pragmático. Como vimos, (72a) e (72c), repetidos abaixo como (95a) e (95b), respectivamente, apresentam contextos pragmáticos nos quais os eventos “crescer” e “ser criança” só podem estar no passado, embora tenhamos, em (95a) e (95b), verbos de aspecto durativo. A leitura de passado se dá em virtude do contexto pragmático que indica que o falante já é uma pessoa adulta. A nossa análise é que o contexto pragmático, funciona como marcador alternativo de tempo. Nesse caso a aquisição também se dá, da mesma forma que os tempos marcados e não-marcados, através de dados positivos no *input*.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise feita em nosso trabalho visou contribuir com as pesquisas em libras, especificamente no que diz respeito à morfossintaxe dos verbos e, assim, abrir novos caminhos de investigação no campo da linguística em línguas de sinais, com o objetivo de olhar as línguas de sinais a partir delas mesmas enquanto línguas gestovisuais.

A composição de nosso *corpus* a partir de amostras de falas em libras sinalizada produzidas por surdos usuários dessa língua, transcritas por meio do Sistema de Escrita para Língua de Sinais (SEL) foi de grande importância porque, como esse sistema captura a estrutura interna do sinal, este método de transcrição nos possibilitou analisar os sinais nos dados coletados o mais próximo possível de como estes foram articulados pelo surdo.

Como resultados de nossas análises, constatamos que, em libras, em termos de articulação, um mesmo sinal pode ocupar posições nominais ou verbais, ou seja, a diferença categorial não se dá por marcas morfológicas articuladas. As diferenças categoriais, apontadas na literatura (cf. QUADROS; KARNOPP, 2004), equivalem a um número muito ínfimo. Assim, com base em nossos dados e na pesquisa de Pizzio (2011), assumimos que tais diferenças não constituem um paradigma produtivo em libras.

Quanto às propriedades abstratas dos verbos, em libras, as analisamos a partir da proposta da geometria de traços, dentro da Morfologia Distribuída (MD). Com base nesta perspectiva, identificamos que os sinais são desprovidos de qualquer material morfofonológico categorizador, apresentando material fonológico correspondente apenas às suas raízes. Sua categorização se dá de forma estrutural a partir da sintaxe. Isto porque, de acordo com a MD, existe um módulo, a Lista 1, que armazena traços abstratos sem substância fônica, os quais são traços categorizadores, que se juntando a uma raiz. Assim, em libras, os sinais comumente apresentam a mesma forma articulatória para as categorias de nome, verbo ou adjetivo.

Os sinais que identificamos como verbos, por conta de sua posição sintática frente aos demais constituintes, fizemos uma categorização desses de acordo com sua estrutura argumental e com seus traços funcionais. Quanto a isso, encontramos em nossos dados, conforme a análise de Almeida (2013), quatro tipos de saturação de predadores, são eles: *saturação por sinais lexicais*, *saturação por localizadores*, *por categorias vazias* e *autossaturação*. Também foram encontrados verbos transitivos, inergativos e inacusativos. No caso desses, verificamos que a seleção argumental pode se dar através de sinais articulados

ou através dos Locs, sejam articulados ou não-articulados, conforme a hipótese de Prado (2014). E encontramos no nosso *corpus*, ainda, verbo auxiliar, embora em número reduzido.

Quanto aos traços funcionais, argumentamos que estes se realizam por processos que têm a dêixis como eixo central, tomando o corpo do sinalizador como referência. Em relação ao tempo, identificamos que, consoante a literatura vigente, libras apresenta três tempos: presente, passado e futuro com algumas nuances em passado e futuro próximos e distantes e são marcados das seguintes formas: (a) com os operadores temporais como os sinais

𐤀𐤎𐤕𐤕𐤔𐤕𐤕 (PASSADO), 𐤀𐤎𐤕𐤕𐤔𐤕𐤕𐤔𐤕𐤕 (HOJE)/ 𐤀𐤎𐤕𐤕𐤔𐤕𐤕𐤔𐤕𐤕𐤔𐤕𐤕 (AGORA) e 𐤀𐤎𐤕𐤕𐤔𐤕𐤕𐤔𐤕𐤕𐤔𐤕𐤕 (FUTURO) ou com itens lexicais como os sinais adverbiais ONTEM, AMANHÃ, DOMINGO PRÓXIMO etc. e contextos pragmáticos; e (b) na raiz semântica do próprio verbo que associa aspecto a traços funcionais específicos que marcam se o evento é expresso como completo ou incompleto.

Assim, com base no arcabouço teórico da MD, assumimos a hipótese de que o sistema de marcação temporal que se estrutura na libras parte de uma Âncora Temporal Lógica que associa: o *passado marcado* à presença do traço [Precedência] somente; o *passado não-marcado* à presença dos traços [Precedência]+[Inteireza]; o presente marcado à presença do traço [Inteireza] somente; e o presente não-marcado à ausência de qualquer desses traços.

Dessa forma, o tempo é indicado, levando em conta o centro dêitico temporal lógico, com base no qual se realiza o passado e o presente de forma não-marcada, se os verbos apresentam, respectivamente, os aspectos pontual, perfectivo, de um lado, e durativo, imperfectivo do outro. Por isso, nesses casos, não há necessidade de nenhum operador articulado, devendo ocorrer operador fonológico apenas quando se quer marcar um evento não-concluso, no passado, e não-durativo e conclusivo, no presente. E, obrigatoriamente, os operadores articulados fonologicamente só ocorrem marcando o futuro. A marcação de tempo está relacionada à de aspecto, o qual, além de ser marcado, em libras, por um alongamento do sinal, observamos que também pode ser marcado com a repetição do movimento na articulação do sinal.

Por fim, no tocante à aquisição da linguagem, assumindo, em conformidade com os pressupostos da MD, que os morfemas abstratos e as raízes são armazenados em uma lista de terminais que os falantes adquirem quando aprendem a língua. Considerando que a libras apresenta itens da Lista 2 apenas para as raízes e não para os morfemas categorizadores, a tarefa de aquisição das categorias gramaticais em libras circunscreve-se ao contexto sintático

apenas, o que no âmbito da MD não foge à regra uma vez que, nesse modelo, a aquisição do léxico não se dissocia da aquisição da sintaxe.

Por fim, assumimos que, para aquisição da categoria tempo/aspecto em libras, a tarefa do aprendiz é, além de adquirir, através de dados positivos do *input*, os morfemas abstratos da Lista 1, que associam os traços [Precedência] e [Inteireza] ou a ausência desses à [Dêixis] temporal, adquirir também operadores temporais dos tempos marcados, que correspondem a itens da Lista 2.

REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva de A. *De sinal em sinal: comunicação em libras para educadores*. São Paulo: Duas mãos, 2008.

ALMEIDA, Maria Antonieta P. T. *Aquisição da estrutura frasal na língua brasileira de sinais*. 2013. 91f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2013.

_____; LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana. S. C. O sinal e a estrutura argumental da língua brasileira de sinais. *Revista Veredas*, v 18, n. 2, Juiz de Fora: UFRJ, 2014.

AUGUSTO, Marina R. A. Aquisição da linguagem na perspectiva minimalista: especificidade e dissociações entre domínios. In: VASCONCELLOS, Z.; AUGUSTO M. R. A.; SHEPHERD T. M. G. (Org.). *Linguagem, Teoria, Análise e Aplicações* (3). Rio de Janeiro: Editora Letra Capital, 2007. Disponível em: <www.pglettras.uerj.br/linguistica/textos/livro03/LTAA03_prof002.pdf>. Acesso em 07 jan. 2015.

BASSANI, Indaiá de S.; LUNGUINHO, Marcus Vinicius. Revisitando a flexão verbal do português à luz da Morfologia Distribuída: um estudo do presente, pretérito imperfeito e pretérito perfeito do indicativo. *ReVEL*, Edição Especial n. 5, 2011. [www.revel.inf.br].

BELLUGI, U.; KLIMA, E. The acquisition of three morphological systems in American Sign Language. *Papers and Reports on child Language Development*, v. 21, 1982.

BERNARDINO, Elidéa L. A. O uso de classificadores na língua de sinais brasileira. *ReVEL*, v. 10, n. 19, 2012. [www.revel.inf.br].

BORER, H. The grammar machine. In: ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; EVERAERT, M. *The Unaccusativity Puzzle: explorations of the syntax-lexicon interface*. New York: Oxford University Press, 2004, p. 288-331.

BRASIL. *Lei nº 10.436*, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.leidireito.com.br/lei-10436.html>>. Acesso em: jun. 2014.

CANÇADO, Márcia. Verbos Psicológicos: uma classe relevante gramaticalmente? *Veredas Atemática*, Volume 16 nº 2 – 2012.

CAPOVILLA, Fernando; RAPHAEL, Walkiria. *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira*. vol. 1 e 2. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, Fapesp, Fundação Vitae, FENEIS, Brasil Telecom, 2001.

CARNEIRO, Marisa M. *Os morfemas abstratos e as raízes são armazenados em uma lista de terminais que os falantes adquirem quando aprendem uma língua*. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

CARVALHO, Guilhermina M. de. Inacusatividade e ergatividade na fala rural do PB. *Revista Inventário*. 5. ed., mar/2006. Disponível em: <<http://www.inventario.ufba.br/05/05gcarvalho.htm>>. Acesso em: jul. 2014.

CASTILHO, A. T. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília: Faculdade de Filosofia, 1968.

CHAN-VIANNA, A. C. Aquisição de português por surdos: estruturas de posse. 2003. 144 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

CHOMSKY, Noam. Remark on Nominalization. In: JACOBSON, R.; ROSENBAUM, P., eds., *Readings in English Transformational Grammar*, Georgetown University Press, Washington D.C., 1970.

_____. *Linguística Cartesiana: um capítulo da história do pensamento racionalista*. Tradução de Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Editora Vozes/São Paulo: EUSP, 1972.

_____. *Knowledge of Language: its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.

_____. *The Minimalist Program*. Cambridge, Massachusetts, USA: MIT Press, 1995.

_____. *Linguagem e mente*. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

CORREIA, Iane S. *Os verbos existenciais: um estudo diacrônico UFRP/UAST*, s/d.

COSTA, S. B. B. *O aspecto em português – Coleção Repensando a Língua Portuguesa*. São Paulo: Contexto, 1990.

COWPER, Elizabeth. *Tense, Mood and Aspect: A Feature-Geometric Approach*. 2003. Disponível em: <<http://homes.chass.utoronto.ca/~cowper/Cowper.TMA2003.pdf>>. Acesso em: 09 de outubro 2014.

CYRINO, S. M. L. O problema da experiência detonadora na mudança sintática do português brasileiro, *Estudos Linguísticos XXXIII*, 2004, 53-68.

EMBICK, David. Features, syntax and categories in the latin perfect. In: *Linguistic inquiry*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, v.31, n.2, p.185-230, 2000.

FELIPE, Tanya A. O signo gestual-visual e sua estrutura frasal na língua dos sinais dos centros urbanos do Brasil (LSCB). 1988. 105f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1988.

_____. *Relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na LIBRAS*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

_____. Sistema de flexão verbal na libras: os classificadores enquanto marcadores de flexão de gênero. *Anais do Congresso Nacional*. Rio de Janeiro: INES, 37-58, 2002.

_____. *Libras em Contexto: Curso Básico, Livro do Estudante*. 8ª edição- Rio de Janeiro: Wal Print, 2007.

FERNANDES, E. *Linguagem e Surdez*. Porto Alegre, Artmed. 2003.

FERNANDES, Sueli. Critérios diferenciados de avaliação na Língua Portuguesa para estudantes surdos. 2. ed. Curitiba: SEED/SUED/DEE. 2002. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/portal/institucional/dee/dee_surdez.php> Acesso em: 20 de setembro de 2014.

FERREIRA, Lucinda. *Por uma gramática de Línguas de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010 [1995]. 273p.

FERREIRA, Geyse A.; NAVES, Rozana R. Um estudo sobre os verbos manuais da Língua de Sinais Brasileira (LSB). *VEREDAS on-line – Sintaxe das Línguas Brasileiras* Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 18, n. 01, 367-392, 2014.

FINAU, Rossana A. *Os sinais de tempo e aspecto na libras*. 233 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

_____. As marcas linguísticas para as categorias e aspecto na libras. In: QUADROS, Ronice M. de. (Org.). *Estudos Surdos III*. Petrópolis: Arara Azul, 2008, p. 260-300.

FREITAG, Raquel M. K. Arranjo dos traços da flexão verbal no português. *Estudos Lingüísticos XXXIV*, p. 421-426, Garopaba, Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

GOMES, Nataniel dos S. Verbos leves observações sobre o português do Brasil. *Soletas*, ano IV, nº 08. São Gonçalo: UERJ, jul./dez.2004.

GROLLA, Elaine. *A Aquisição da Linguagem*. Material didático desenvolvido para o curso Letras – Libras UFSC, 2006.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. “Distributed Morphology and the Pieces of Inflection”. In: *The View from Building 20*, ed. Kenneth Hale and S. Jay Keyser. MIT Press, Cambridge: MIT Press, pp. 111-176, 1993.

HARLEY, H.; NOYER, R. Distributed Morphology. *GLOT Internacional: State-of-the-Article*, Pennsylvania, v. 4, Issue 4, p. 3-9, April 1999.

JACKENDOFF, Ray. *Consciousness and the Computational Mind*. Cambridge, MA: MIT Press, 1987.

KATO, Mary A. A evolução do conceito de “parâmetro”, *DELTA*, 309-337, 2002.

_____. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: MARQUES, Maria Aldina et al. *Ciências da Linguagem: 30 anos de investigação e ensino*. Braga: CEHUM (Universidade do Minho), v. 5, 2005.

KEGL, J. *Locative relations in American Sign Language Word Formation, Syntax and Discourse*. 1985. Dissertation (Doctoral) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, Massachusetts, 1985.

KENEDY, Eduardo. *Curso básico de linguística gerativa*. São Paulo: Contexto, 2013.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. *The signs of Language*. Massachusetts: University Press, 1979.

LAHUD, Michel. *A propósito da noção de dêixis*. São Paulo. Ed. Ática, 1979.

LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana S. C. *Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear*. *ReVEL*, v. 10, n. 19, 2012. [www.revel.inf.br].

_____. *Estrita SEL – Sistema de Escrita para Língua de Sinais*. [Blog Internet]. Vitória da Conquista, Brasil. Disponível em: <<http://sel-libras.blogspot.com.br/>>. Acesso a partir de: 02 de abril de 2014.

_____. A estrutura articulatória do sinal. In: _____. *Estrita SEL – Sistema de Escrita para Língua de Sinais*. [Blog Internet]. Vitória da Conquista, Brasil, 10 jan. 2015. Disponível em: <<http://sel-libras.blogspot.com.br/>>. Acesso em 22 de janeiro de 2015.

_____; SILVA, Letícia M. S.; AGUIAR, Jéssica C. S. *Categorias lexicais em libras*. Anais do Seminário de Pesquisa em Estudos Linguísticos. Conquista: UESB, 2014.

LIDDEL, Scott. Spatial representations in discourse: comparing spoken and signed language. *Língua*, v. 98: 1996.

_____. *Grammar, gesture and meaning in American Sign Language*. Cambridge: University press, 2003.

LIGHTFOOT, David. *How to set parameters: arguments from language change*. Massachusetts: MIT Press, 1991.

LIRA, Guilherme de A.; FELIPE, Tanya A. Dicionário da Língua Brasileira de Sinais. 2008. Disponível em: <<http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras/>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

LOPES, Ruth. E. V. *Uma proposta minimalista para o processo de aquisição da linguagem*. 1999. Tese (Doutorado) – Unicamp, 1999.

_____. Aquisição da Linguagem: novas perspectivas a partir do programa minimalista. *DELTA*, vol.17, nº 2, São Paulo, 2001.

LOURENÇO DA SILVA, Everton. O advento da Morfologia Distribuída. *ReVEL*, vol. 8, n. 14, 2010. [www.revel.inf.br].

LUINGUINHO, Marcus Vinícius da Silva. *Verbos auxiliares a sintaxe dos domínios não-finitos*. 2011. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2011.

MARANTZ, Alec. *'Cat' as a phrasal idiom: consequences of late insertion in distributed morphology*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1996.

_____. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, A. Dimitriadis, L. Siegel et al., eds., v. 4.2, Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium, p. 201-225, 1997.

_____. *Words*. In: West Coast Conference on Formal Linguistics, University of Southern California Los Angeles, 24 February, 2001. Disponível em: <http://babel.ucsc.edu/~hank/mrg.readings/Marantz_words.pdf> Acesso em: nov, 2014.

MARINHO, Margot Latt. Língua de Sinais Brasileira: proposta de análise articulatória com base no banco de dados LSB-DF. 2014. 231 f., il. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

MCCLEARY, Leland; VIOTTI, Evani. Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). In: SALLES,

H.M.L. (org.) *Bilinguismo dos surdos: questões linguística e educacionais*, cap. 5, Goiânia: Cânone, 2007, p.73-96.

MEDEIROS, Alessandro B. de. *Traços Morfossintáticos e subespecificação morfológica na gramática do português: um estudo das formas participiais*. Rio de Janeiro, 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

MEIR, Irit. Syntactic-semantic interaction in Israeli Sign Language verbs: the case of backwards verbs. *Sign Language and Linguistics*, v.1, n.1, p. 3-37, 1998.

_____. A cross-modality perspective on verb agreement. *NLLT*, n. 20, p. 413-450, 2002

_____. *et al.* Repensando classes verbais em línguas de sinais: o corpo como sujeito. In: QUADROS, Ronice M de; VASCONCELLOS, Maria L. B. de (Orgs.). *Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais*. TISLR 9. Florianópolis: Arara Azul, 2006.

MENDONÇA; Cleomasina S. S. S. *Classificação nominal em libras: um estudo sobre os chamados classificadores*. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

MOREIRA, Renata. *Uma descrição da dêixis de pessoa na língua de sinais brasileira: pronomes e verbos indicadores*. 2007. 150f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MINUSSI, Rafael D. As raízes e a Estrutura Argumental na Morfologia Distribuída. *Anais do CELSUL*. São Paulo, 2008.

MIOTO, Carlos. *et al.* *Novo Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2013.

NAVES, Rozana R. Considerações sobre estrutura sintática das construções com verbos psicológicos. *Revista de Estudos Linguísticos Juiz de Fora*, v. 4, n. 2 p. 61-69, 2000.

NEVES, Rosa L. P. V. Suprageneralização na aquisição de causativas: sob um olhar da morfologia distribuída. 2007, 189f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007

OLIVEIRA, Christiane C.; CUNHA, Karina M. M. B. Concordância verbal em Língua de Sinais e suas implicações na escrita da segunda língua. *Revista Eutomia*, Ano II, v.1, 2009.

OLIVEIRA, Solange M. Os sufixos nominalizadores –ção e –mento. *Estudos Linguísticos XXXVI* . v.1, janeiro-abril, p. 87-96, 2007.

PADDEN, C. A. The relation between space and grammar in ASL verb morphology. In: *Sign Language Research – Theoretical Issues*. Washington, DC: Gallaudet University Press, 1990, p. 118-132.

PEREIRA, Paulo. Núcleos funcionais da sentença e categorias verbais: a interface sintaxe-semântica da linguagem. *Revista Tabuleiro de Letras, PPGEL* – Salvador, nº. 07, p. 64-86, dezembro de 2013.

PETERSON, David J. *SLIPA: an IPA for Signed Languages*. 2003. Disponível em: <<http://dedalvs.conlang.org/slipa.html>>. Acesso em: dez, 2014.

PINKER, S. *Learnability and Cognition: the acquisition of argument structure*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1989.

PIZZIO, Aline *et al.* *Língua Brasileira de Sinais III*, do curso Letras\Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2008.

_____. *A tipologia linguística e a língua de sinais brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos*. Florianópolis, UFSC: Tese de doutorado, 2011.

PIZZUTO, Elena *et al.* Dêixis, anáfora e estruturas altamente icônicas: Evidências interlinguísticas nas Línguas de Sinais Americana (ASL), Francesa (LSF) e Italiana (LIS). In: QUADROS, Ronice; Vasconcellos, Maria Lúcia Barbosa (Org.). *Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais*. Ed. Arara Azul. Florianópolis, 2006.

PRADO, Lizandra C. *Sintaxe dos determinantes na língua brasileira de sinais e aspectos de sua aquisição*. 2014. 164fl. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2014.

_____; LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana S. C. *Dêixis em elementos constitutivos da modalidade falada de línguas de sinais*. *ReVEL*, v. 10, p. 38-57, 2012. [www.revel.inf.br].

QUADROS, Ronice M. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____. *Phrase structure of brazilian sign language*. 1999. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

_____. Efeitos de Modalidade de Língua: as línguas de sinais. *ETD-Educação Temática Digital*. Campinas, v.7, n.2 p. 167-177, jun. 2006.

_____. O paradigma gerativista e aquisição da linguagem. In: _____. FINGER, Ingrid. (Orgs.) *Teorias de Aquisição da Linguagem*. Florianópolis, Ed. UFSC, 2008.

_____. Aquisição das Línguas de Sinais In: _____; STUMPF, M. R (Orgs.). *Estudos Surdos IV*. Petrópolis: Arara Azul, 2009.

_____. CRUZ, Carina R. *Língua de Sinais: instrumento de avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

_____. Estudos de línguas de sinais: uma entrevista com Ronice Müller de Quadros. *ReVEL*, vol. 10, n. 19, 2012 [www.revel.inf.br].

_____.; KARNOPP, Lodenir. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____.; QUER, Josep. A caracterização da concordância nas línguas de sinais. In: LIMA-SALLES, Heloisa; NAVES, R. *Estudos gerativos de língua de sinais brasileira e de aquisição de português (L2) por surdos*. Goiânia: Cênese, 2010.

SALLES, Heloisa M. M. L. et al. *Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica*. Brasília: MEC, SEESP, 2002. (Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos).

SANTANA, Ana Paula. *Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurológicas*. São Paulo: Plexus, 2007.

SANTOS, D. V. *Estudos de línguas de sinais: um contexto para a análise da língua brasileira de sinais (libras)*. 378f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 34ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].

SCARPA, Ester M. Aquisição da Linguagem. In: MUSSALIM, F; BENTES, A.C. (Orgs.) *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, V. 2, 8 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SIQUEIRA, Alane L. S.; SEDRINS, Adeilson P. *A concordância no DP do português Brasileiro*. UFRPE/UAST, 2012. Disponível em: <<http://www.gelne.org.br/>> Acessado em: 21/08/2014.

SOUZA, G. L.; DUARTE, F. B. Caso e concordância em Língua de Sinais Brasileira: Investigando verbos de concordância regular e verbos de concordância reversa. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*. Vol. 18 (1), Juiz de Fora, 2014.

STUMPF, Mariane. *Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo Sistema Sign Writing: Línguas de Sinais no papel e no computador*. 330 fl. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

STOKOE, William. *A dictionary of American Sign Language on linguistic principles*. Silver Spring, Md: Linstok Press, 1976.

_____. Sign Language Structure: an outline of the visual communication System of the American Deaf. *Studies in Linguistics*, Buffalo 14, New York, v. 1, n. 8, p.3-78, abr. 1960.

STROBEL, K. L; FERNANDES, S. *Aspectos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais*. Curitiba: SEED/ SUEDE/DEE, 1998.

TEIXEIRA, Elizabeth R.; CERQUEIRA, Ivanete de F. *Sinais caseiros: ponto de partida para o letramento de crianças surdas e consequente aquisição de libras e português escrito como L2*. 2014 (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

TEIXEIRA, Vanessa G.; LEITÃO, Catarina M. de C. Flexão verbal em libras e em língua portuguesa: análise contrastiva. *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos Revista Philologus*, Ano 19, Nº 55. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.2013.

VASCONCELLOS, Zinda. *Crêterios para admissãõ de itens lexicais multivocabulares*. UERJ, 2014. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/anpoll/gtdescricao/criterios.htm>>. Acessado em: set. 2014.

VELOSO, Brenda. *Construções classificadoras e verbos de deslocamento, existência e localização na Língua de sinais brasileira*. 172f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

_____. Construções classificadoras e verbos de deslocamento, existência e localização na Língua de Sinais Brasileira. In: SALLES, H. M. M. L. A.; NAVES, R. R. (Org.). *Estudos Gerativos da língua de sinais brasileira e de aquisição de português (L2) por surdos*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2010.

VIOTTI, Evani. O caso do sintagma nominal das sentenças existenciais. *Fórum Lingüístico*, Florianópolis, n. 2, p. 41-71, out.-dez. 2000.

ZESHAN, U. Indo-pakistani sign language grammar: a typological outline. *Sign language studies*. Washinton, D. C. :Gallaudet University Press, v. 3, n.2, Winter, 2003.

_____. *Sing language in Indo-Pakistan: a description of a signed language*. Philadelphia: Jonhn Benjamins Publishing, 2000.

ANEXOS

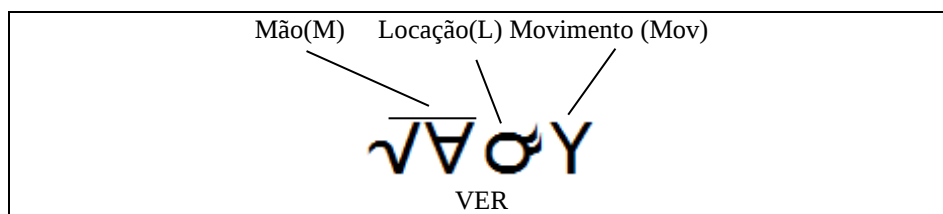
SEL: Sistema para Escrita de libras

As regras da escrita SEL apresentadas neste anexo foram retiradas em LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana S. C. *Estrita SEL – Sistema de Escrita para Língua de Sinais*. [Blog Internet]. Vitória da Conquista, Brasil. Disponível em: <<http://sel-libras.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 02 de abril de 2014.

Sistema de escrita desenvolvido pela Profa. Dra. Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), em projeto financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq (Processo: 483450/2009-0) e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB (Termo de Outorga: PPP 0080/2010).

A escrita SEL é caracterizada como um sistema de natureza fonêmica, isto é, trata-se de um sistema não-logográfico. Por essa característica este sistema se assemelha (não é idêntico) aos sistemas alfabéticos de escrita.

Os caracteres deste sistema se baseiam na unidade articulatória da libras MLMov, descoberta por Lessa-de-Oliveira (2012), e se subdividem em três macrosegmentos de acordo com as especificidades articulatórias dos sinais. São eles: *Mão(M)*, composto dos caracteres de *configuração de mão e eixo/orientação de palma*; *Locação(L)*; e *Movimento (Mov)*, que pode ser de dedo e/ou de mão.



O sistema SEL apresenta o seguinte inventário de caracteres:

Caracteres:

- 52 caracteres de configuração da mão direita (+ 52 configurações da mão esquerda, que são as mesmas da mão direita, porém invertidas);
- 4 caracteres para eixo/orientação de palma (que mudando as posições formam 16 caracteres, que representam 12 eixos/orientação de palma para ambas as mãos);
- 27 caracteres de locação (que, combinados com diacríticos, indicam 32 partes do corpo);
- 5 caracteres de dedo (20 formas combinadas de dedos);

- 66 caracteres diferentes para representar 14 tipos de movimento de mão (que, acrescidos de indicações de plano e orientação de movimento, compõem 177 formas combinadas de movimentos de mão).

Total de caracteres sem considerar as diferentes posições: 154

Total de caracteres considerando as diferentes posições e formas combinadas: 349

Diacríticos:

- 11 diacríticos de movimento de dedo;
- 11 diacríticos de ponto de toque;
- 20 diacríticos de expressão facial;
- 1 diacrítico para marcar inversão de eixo.

Total de diacríticos: 43

Marcadores:

- 5 marcadores de posição das mãos (que em posições diferentes indicam ao todo 13 posições das mãos em relação aos planos frontal, transversal e sagital)
- 2 marcadores de movimento das mãos;
- 1 marcador de intensificação adverbial.

Total de marcadores: 8

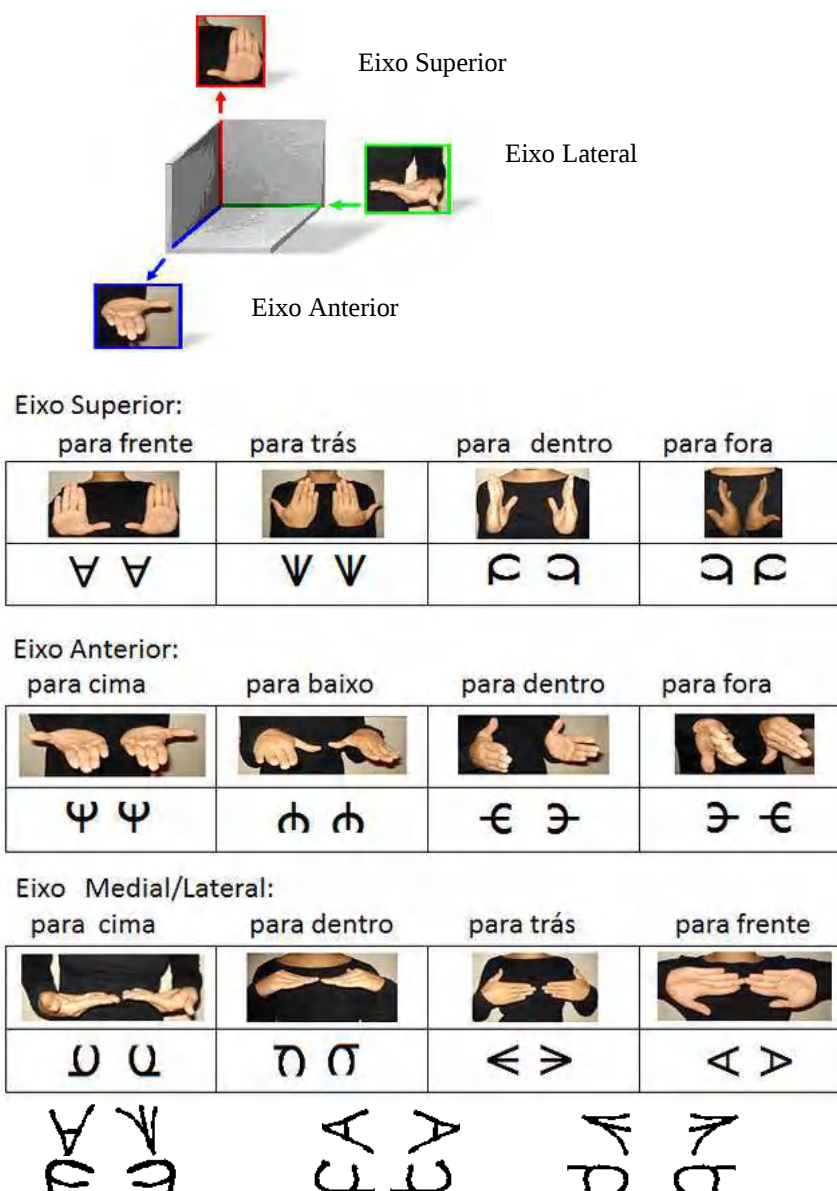
Os caracteres que compõem esse sistema são os seguintes.

CARACTERES DE CONFIGURAÇÃO DE MÃO - A configuração da mão corresponde ao desenho que a mão apresenta, que é representada na escrita SEL pelo formato do caractere. O sistema SEL apresenta os caracteres de configuração de mão nas formas minúscula e maiúscula, ambas nas versões mecânica e manuscrita, conforme quadro abaixo.

Configurações de mão		minúsculas	maiúsculas	Configurações de mão		minúsculas	maiúsculas
1	a			27	ípsilon		
2	bê			28	zê		
3	bê-espraiado			29	cinco		
4	cê			30	seis		
5	cê-espraiado			31	concha		
6	cê-encolhido			32	concha encolhida		
7	dê			33	mão espalmada		
8	dê-encolhido			34	ele-espalmado		
9	e			35	mão espraiada		
10	efe			36	argola		
11	gequê			37	argola espraiada		
12	agakapê			38	argola média		
13	ijota			39	legal		
14	ijota estendido			40	garra		
15	ele			41	garra encolhida		
16	eme			42	gancho		
17	uene			43	pinça		
18	uele			44	pinça dupla		
19	o			45	pinça espraiada		
20	erre			46	grampo		
21	esse			47	figa		
22	tê			48	pera		
23	vê			49	namoro		
24	vê-ele			50	chifre		
25	dáblío			51	avião		
26	xis			52	desabrochar		

Obs.: Os caracteres que aparecem nesse quadro correspondem às configurações da mão principal. As configurações da mão de base são esses caracteres invertidos horizontalmente.

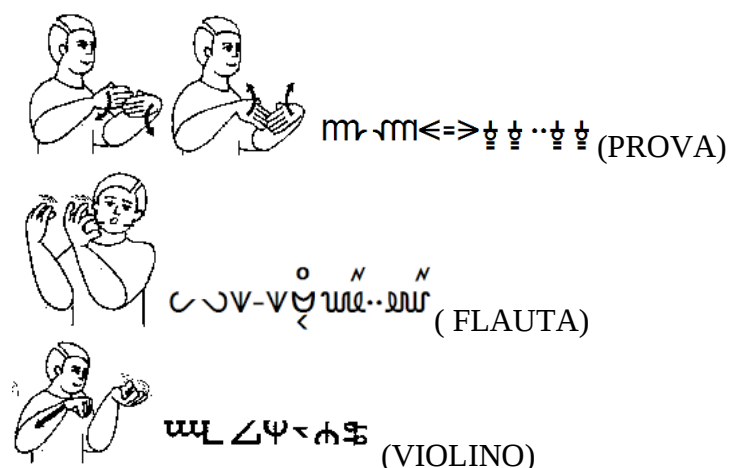
EIXOS/ORIENTAÇÃO DE PALMA DA MÃO - As mãos se colocam no sinal em três eixos, com quatro orientações de palma em cada um.



MARCADORES DE POSICIONAMENTO DA MÃO/PALMA - A escrita dos sinais segue a ordem fixa dos componentes da unidade MLMov. Exemplo: no sinal AVISAR escreve-se 1º configuração de mão , 2º eixo , 3º locação , 4º movimento . Se o sinal for realizado com as duas mãos, os caracteres “configuração de mão” das duas mãos são escritos primeiramente, invertendo-se o da mão de base, e em seguida são escritos os caracteres de eixo das duas mãos. Estes podem ser ou não ligados por marcadores de posição das mãos (palmas em paralelo: ; alinhadas na horizontal ; alinhadas na vertical ; em diagonal no plano frontal , ; em diagonal no plano sagital , , , ; em diagonal no plano transversal , , ,). Esses marcadores de posição das mãos só são utilizados se absolutamente indispensáveis à identificação do posicionamento das mãos

no início da realização do sinal. Quando não tem importância essa posição ou se as posições das palmas e demais diacríticos já garantem o exato posicionamento das mãos ou, ainda, quando as palmas não estão em paralelo, alinhadas, ou em diagonal, não é colocado nenhum marcador de posição de mão.

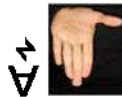
Exemplos em que os marcadores de posição da mão são indispensáveis:



O eixo ainda pode aparecer invertido, sendo marcado por um diacrítico colocado acima do caractere de marcação do eixo, como mostrado abaixo.



Eixo superior



Eixo superior invertido

LOCAÇÃO OU PONTOS DE ARTICULAÇÃO - O macrossegmento LOCAÇÃO representa um ponto do corpo envolvido na articulação do sinal. O sistema SEL o representa com 27 caracteres, na forma minúscula, nas versões mecânica e manuscrita. Nesse quadro temos 32 locações registradas, pois as cinco últimas são escritas com auxílio de um diacrítico.

cabeça	rosto	olho	sobrancelha	barriga	testa	cabelo	braço inteiro	cotovelo
o	o	o	o	o	o	o	o	o
o	o	o	o	o	o	o	o	o
boca	buço	dente	nariz	orelha	língua	virilha	pulso	antebraço
u	u	u	u	u	u	u	u	u
u	u	u	u	u	u	u	u	u
bochecha	queixo	pESCOÇO	nuca	tÓRAX	ombro	costas	perna	braço
x	e	y	y	x	t	x	x	x
x	e	y	y	x	t	x	x	x

joelho	axila	pálpebra	lábio superior	lábio inferior

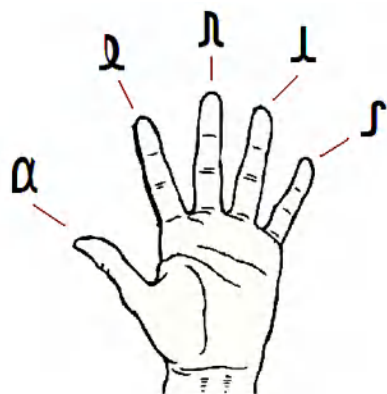
DIACRÍTICOS DE PONTO DE TOQUE - São 11 os diacríticos para marcação de pontos de toque. Esses diacríticos podem aparecer sob os caracteres de eixo, de dedos e de partes do corpo. São eles: palma da mão ou dedo: $\pm$; dorso da mão ou dedo: $\perp$; pontas dos dedos: $\bullet$; lado do dedo polegar: α ; lado do dedo mínimo: $\neg$; entre os dedos: γ ; em volta dos dedos: $\circ$; parte inferior da mão (pulso) ou da parte do corpo: $\vee$; à esquerda (de partes do corpo): $\lessdot$; à direita (de partes do corpo): $\gtrdot$; parte superior (em partes do corpo): $\wedge$. Esses diacríticos ocorrem sob os caracteres de locação ou de dedos.

DIACRÍTICOS DE PONTO DE TOQUE NA LOCAÇÃO - Os diacríticos de ponto de toque ocorrem nos caracteres de locação, marcando o lado ou ponto da parte do corpo onde o sinal ocorre.

Lado do dorso no braço $\perp$	Lado da palma no braço $\pm$	Lado do dedo polegar no braço α	Lado do dedo mínimo no braço $\neg$	Lado do dorso $\perp$	Lado da palma $\pm$	Lado do dedo polegar α	Lado do dedo mínimo $\neg$
Lado do dorso $\perp$	Lado da palma $\pm$	Lado do dedo polegar α	Lado do dedo mínimo $\neg$	Lado do dorso $\perp$	Lado da palma $\pm$	Entre as partes da articulação do cotovelo γ	Parte de cima $\wedge$
Lado esquerdo $\lessdot$	Lado direito $\gtrdot$	Lado esquerdo $\lessdot$	Lado direito $\gtrdot$	Para cima $\wedge$	Lado esquerdo $\lessdot$	Lado direito $\gtrdot$	Lado esquerdo $\lessdot$
Lado direito $\gtrdot$	Lado esquerdo $\lessdot$	Lado direito $\gtrdot$	Lado esquerdo $\lessdot$	Lado direito $\gtrdot$	Lado esquerdo $\lessdot$	Lado direito $\gtrdot$	Parte de cima $\wedge$

	Y				W		
--	---	--	--	--	---	--	--

CARACTERES DE DEDOS - O sistema SEL apresenta caracteres que correspondem a cada um dos cinco dedos da mão, os quais podem aparecer isolados ou combinados, a depender de quais dedos estão envolvidos no movimento.



$$\alpha + \lambda + \Lambda + I + S = \alpha\lambda\Lambda I S$$

$\alpha \quad \lambda \quad \Lambda \quad I \quad S \quad \alpha\lambda\Lambda I S$

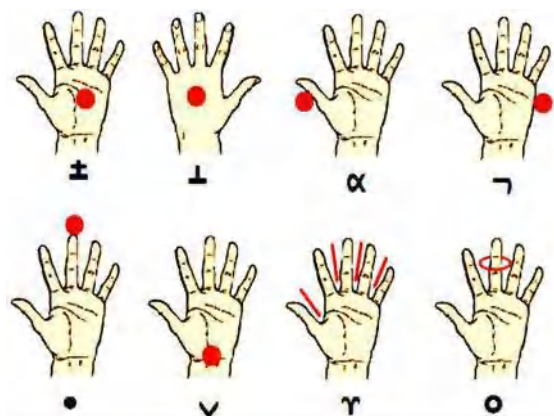
Juntando dedos isolados e formas combinadas, temos 20 caracteres de dedos.

Polegar	Indicador	Médio	Anular	Mínimo
α	λ	Λ	I	S
	Duque	Terno	Quadra	
	$\lambda\lambda$	$\Lambda\Lambda$	$I I$	
		Quina		
		$\Lambda\Lambda\Lambda$		
	Laço	Laçada	Rabicho	Agulha
	$\lambda\lambda$	$\alpha\lambda$	$\alpha\Lambda$	αI
				Cacho
				αS
Laço Médio	Rabicho Médio	Agulha Média	Trinca derradeira	
$\alpha\lambda\Lambda$	$\alpha\lambda\Lambda$	$\alpha\lambda I$	$\alpha\lambda S$	
	Mínimo Ausente	Indicador Ausente		
	$\alpha\lambda\Lambda$	$\alpha\lambda\Lambda$		

DIACRÍTICOS DE MOVIMENTO DE DEDO - Sobre os caracteres de dedos recaem

diacríticos que indicam o tipo de movimento realizado pelos dedos (λ , α , $\alpha\lambda$, $\lambda\lambda$, $\alpha\lambda\Lambda$, $\lambda\lambda\Lambda$, $\alpha\lambda$, $\alpha\lambda\Lambda$ etc.). São eles: abrir gradativamente: $\smile$; abrir: $\vee$; abrir e fechar: $\asymp$; abrir duas vezes: $\approx$; fechar duas vezes: $=$; zigue-zague: $\mathcal{N}$; fechar gradativamente: $\wedge$; fechar: — ; esfregar: $\times$; movimento tesoura: $\cap$; dobrar dedo: Γ .

DIACRÍTICOS DE PONTO DE TOQUE NOS CARACTERES DE EIXO E NOS CARACTERES DE DEDOS - Os diacríticos de ponto de toque ocorrem sob os caracteres de de eixo ou dedo, marcando o lado ou ponto da mão ou dedo tocado na realização do sinal.

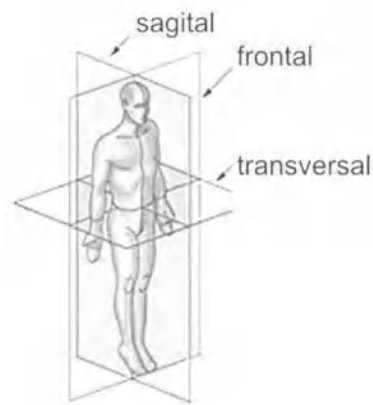


CARACTERES DE MOVIMENTO DE MÃO

Movimentos retilíneos – Os movimentos retilíneos são a base de formação dos movimentos de mãos. São eles:

	PARA FRENTE	PARA TRÁS	
	Y	Y	
	Y	Y	
PARACIMA	PARA BAIXO	PARA DIREITA	PARA ESQUERDA
♀	♂	♂	♀
♀	♂	♂	♀

Movimentos de mão em planos - O movimento de mão pode ocorrer em três planos:



	Transversal				Sagital				Frontal			
	P/ Frente	P/ Frente	P/ Trás	P/ Trás	P/ Frente	P/ Frente	P/ Trás	P/ Trás	P/ Cima	P/ Baixo	P/ Direita	P/ Esq.
semicir- cular	↺	↻	↻	↺	↺	↻	↻	↺	↺	↻	↻	↺
curvo	↺	↻	↻	↺	↺	↻	↻	↺	↺	↻	↻	↺
angular	↺	↻	↻	↺	↺	↻	↻	↺	↺	↻	↻	↺
angular duplo	↺	↻	↻	↺	↺	↻	↻	↺	↺	↻	↻	↺
sinuoso	↺	↻	↻	↺	↺	↻	↻	↺	↺	↻	↻	↺
zigue- zague	↺	↻	↻	↺	↺	↻	↻	↺	↺	↻	↻	↺
diago- nal	↺	↻	↻	↺	↺	↻	↻	↺	↺	↻	↻	↺
retili- neo	↺	↻							↺	↻	↻	↺
retili- neo breve	↺	↻							↺	↻	↻	↺
retili- neo brevissi- mo	↺	↻							↺	↻	↻	↺
retili- neo vai e volta											↻	↻
circular	↺	↻	↻	↺	↺	↻	↻	↺	↺	↻	↻	↺

Movimentos que não precisam de planos:

Batida; giro de Pulso; tremura; inversão de palma; dobrar pulso;



giro de pulso no sentido horário;



giro de pulso no sentido anti-horário;



dobradura de pulso para a palma;



dobradura de pulso para o dorso;



dobrar pulso na direção do dedo mínimo.



DIACRÍTICOS DE EXPRESSÃO FACIAL – O sistema SEL apresenta diacríticos para expressões faciais, que devem ser utilizados apenas em sinais psicológicos, de negação, interrogativos ou em casos especiais em que, na articulação do sinal, a informação da expressão facial torna-se indispensável. São 20 os diacríticos de expressão facial: alegre/ feliz:



triste/ desanimado :



enojado/ insatisfeito/ com desprezo:



olhos fechados



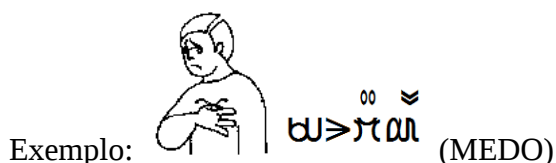
dentadas:



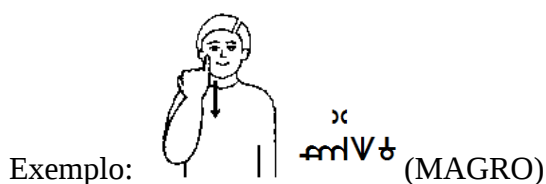
zigue-zague de queixo:



Os diacríticos de expressão facial são colocados acima do caractere de “Locação”.



Nos casos de movimento no espaço neutro, à frente do corpo, o diacrítico de expressão facial fica acima do caractere de “configuração de mão”.



Fonte das imagens dos exemplos: Capovilla e Raphael, 2001.

FRASES - As frases no sistema SEL são lineares, escritas da esquerda para a direita. Quanto aos sinais de pontuação, a escrita SEL utiliza pontuação semelhante à do espanhol, com os sinais de interrogação e exclamação ocorrendo também no início da sentença, mas invertidos. A única coisa que se altera é o ponto final que é um pequeno xis (x). Há ainda uma marca de

intensificação adverbial representada por duas barras verticais (||) colocadas logo após o item lexical.⁵⁷

TEXTOS - Os textos são organizados em parágrafos, seguindo a mesma organização que encontramos nos gêneros textuais do português. Se for gêneros do tipo narrativo em que se utiliza discurso direto, as falas diretas são iniciadas com um travessão em outro parágrafo.

DATILOLOGIA – A datilologia é um tipo de soletração de uma palavra, originalmente pertencente a uma língua oral, que utiliza o alfabeto digital ou manual de línguas de sinais. O alfabeto manual da libras tem sua base no alfabeto da língua francesa de sinais, no qual cada sinal corresponde a uma letra. A datilologia é comumente usada para representar substantivos próprios, palavras que não possuem sinal conhecido ou palavras da língua oral que foram incorporadas à língua de sinais e, por isso, são também soletradas.

Para representar a datilologia em escrita SEL, utiliza-se apenas os caracteres de configuração da mão direita escritos na mesma ordem da palavra soletrada (sem utilização de caracteres de eixo, locação ou movimento). Como algumas configurações de mão representam mais de uma letra do alfabeto do português, utilizamos alguns diacríticos para diferenciar essas letras. O alfabeto para datilologia em escrita SEL é o seguinte:



Para representar os acentos e outros diacríticos do português, utilizamos os seguintes diacríticos da SEL:

â á ã à ä
 ô õ ò ã ö

Exemplos:

Gisele Bündchen	João	açúcar	lâmpada	queijo
ʒiːsɛlɛ bʏndʃɛn	ʒoːˈɐ̃u	asɔˈsɐɾ	lamˈpaːdɐ	keˈiʃu

⁵⁷ Não se sabe ainda se todo tipo de intensificação do sinal poderá ser representado por uma única marca como essas barras, necessitando-se para certificação disso de algumas pesquisas a respeito da sintaxe da libras. Por isso algumas coisas, como as barras de intensificação do sinal, poderão ser ainda alteradas.